



UNIVERSIDADE ESTADUAL DE FEIRA DE SANTANA
DEPARTAMENTO DE LETRAS E ARTES
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ESTUDOS LINGÜÍSTICOS

VICTÓRIA DA SILVA SANTANA ARAÚJO

O TESTAMENTO DE VIDAL DE NEGREIROS (SÉCULO XVII):
EDIÇÃO SEMIDIPLOMÁTICA E ELEMENTOS PARA UMA DESCRIÇÃO
DA SINTAXE DAS RELATIVAS

Feira de Santana-BA
2023

VICTÓRIA DA SILVA SANTANA ARAÚJO

**O TESTAMENTO DE VIDAL DE NEGREIROS (SÉCULO XVII):
EDIÇÃO SEMIDIPLOMÁTICA E ELEMENTOS PARA UMA DESCRIÇÃO
DA SINTAXE DAS RELATIVAS**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos da Universidade Estadual de Feira de Santana, como requisito para obtenção do título de Mestre em Estudos Linguísticos.

Orientador(a): Profa. Dra. Mariana Fagundes de Oliveira Lacerda

Feira de Santana-BA
2023

RESUMO

Este trabalho apresenta o estudo de um manuscrito ilustrativo do século XVII e o estudo da sintaxe das relativas no Português Brasileiro (PB) a partir desse documento. A pesquisa, vinculada ao *Corpus* Eletrônico de Documentos Históricos do Sertão (CE-DOHS), atende às três agendas de trabalho do Projeto Para a História do Português Brasileiro (PHPB): a histórico-filológica, a partir da constituição de *corpora* com a edição semidiplomática de 01 testamento escrito por André Vidal de Negreiros; a reconstrução (MATTOS E SILVA, 2004) da história social linguística do Brasil, mediante o estudo do contexto sócio-histórico de produção dos manuscritos que compõem o *corpus*; e o estudo do fenômeno linguístico, as estratégias de relativização empregadas por esse escrevente. Assim, pretende-se investigar, ao realizar um estudo descritivo das sentenças relativas encontradas, se, entre os séculos XVII e XVIII, já há algum indício de mudança linguística na direção da presença de sentenças relativas cortadoras, inovadoras no PB (TARALLO, 1983). Os resultados encontrados apontam para a já existência da relativa cortadora no *corpus*, além de ocorrências de relativas resumptivas (ou copiadoras).

Palavras-chaves: Português Brasileiro. Período Colonial. Edição Filológica. Sintaxe das Relativas.

ABSTRACT

Este trabalho apresenta o estudo de um manuscrito ilustrativo do século XVII e o estudo da sintaxe das relativas no Português Brasileiro (PB) a partir desse documento. A pesquisa, vinculada ao *Corpus* Eletrônico de Documentos Históricos do Sertão (CE-DOHS), atende às três agendas de trabalho do Projeto Para a História do Português Brasileiro (PHPB): a histórico-filológica, a partir da constituição de *corpora* com a edição semidiplomática de 01 testamento escrito por André Vidal de Negreiros; a reconstrução (MATTOS E SILVA, 2004) da história social linguística do Brasil, mediante o estudo do contexto sócio-histórico de produção dos manuscritos que compõem o *corpus*; e o estudo do fenômeno linguístico, as estratégias de relativização empregadas por esse escrevente. Assim, pretende-se investigar, ao realizar um estudo descritivo das sentenças relativas encontradas, se, entre os séculos XVII e XVIII, já há algum indício de mudança linguística na direção da presença de sentenças relativas cortadoras, inovadoras no PB (TARALLO, 1983). Os resultados encontrados apontam para a já existência da relativa cortadora no *corpus*, além de ocorrências de relativas resumptivas (ou copiadoras).

Palavras-chaves: Português Brasileiro. Período Colonial. Edição Filológica. Sintaxe das Relativas.

LISTA DE FIGURAS

| | | |
|------------------|--|----|
| Figura 01 | Passos para a constituição do <i>corpus</i> brasileiro colonial seguidos por Cardoso (2020)..... | 22 |
| Figura 02 | Numeração do fol. 2r antecedida da rubrica..... | 28 |
| Figura 03 | Recorte do fol. 02 (verso): escrita sem traçado de linhas, margens estreitas..... | 29 |
| Figura 04 | Corrosão próxima à margem direita do fól. 4 (recto)..... | 29 |
| Figura 05 | Mesma corrosão do fol. 4 (recto) à margem esquerda do fol. 4 (verso), provando a opistografia..... | 30 |
| Figura 06 | Marcação dos parágrafos..... | 30 |
| Figura 07 | Carimbo do Arquivo Histórico Colonial e do Arquivo Histórico Ultramarino, respectivamente..... | 30 |
| Figura 08 | Exemplo de apagamento de tinta - fol.1r..... | 31 |
| Figura 09 | Exemplo de corrosão ou rasgo - fol.1r..... | 31 |
| Figura 10 | Exemplo de mancha na digitalização, aparentemente um selo - fol. 1r..... | 32 |
| Figura 11 | Exemplo de manchas na digitalização (aparentemente corrosões) e amasso na página fol. 1r..... | 32 |
| Figura 12 | Exemplo de manchas na digitalização (provavelmente corrosões) - fol. 3r..... | 32 |
| Figura 13 | Exemplo de rasgo - fol. 2v..... | 33 |
| Figura 14 | Exemplo de corrosão e amasso - fol.1v..... | 33 |
| Figura 15 | Exemplo de sombra da escrita e aviso de página manchada – fol.5r | 34 |

LISTA DE GRÁFICOS

| | | |
|-------------------|---|-----|
| Gráfico 01 | Porcentagem de marcadores relativos quanto à função sintática exercida..... | 101 |
|-------------------|---|-----|

LISTA DE QUADROS

| | | |
|------------------|---|----|
| Quadro 01 | Acervos do <i>corpus</i> colonial do CE-DOHS organizados por Cardoso (2020)..... | 23 |
| Quadro 02 | Descrição escriptográfica das variantes grafemáticas minúsculas de André Vidal de Negreiros..... | 36 |
| Quadro 03 | Descrição escriptográfica das variantes grafemáticas maiúsculas de André Vidal de Negreiros..... | 41 |
| Quadro 04 | Classificação das orações relativas..... | 72 |
| Quadro 05 | Percentagem de uso de <i>pied-piping</i> , pronome lembrete e relativa cortadora através do tempo..... | 87 |
| Quadro 06 | Número de ocorrências de relativas Restritivas, Apositivas e Livres, e suas respectivas porcentagens, levantadas no <i>corpus</i> | 95 |
| Quadro 07 | Pronomes relativos introdutores das relativas Restritivas e Apositivas..... | 97 |

LISTA DE TABELAS

| | | |
|------------------|--|-----|
| Tabela 01 | Função sintática do marcador relativo..... | 104 |
| Tabela 02 | Estratégias de relativização padrão e não padrão em relação às funções sintáticas relativizadas..... | 105 |
| Tabela 03 | Número de ocorrência da relativa <i>pied-piping</i> por função sintática relativizada..... | 107 |

LISTA DE SIGLAS E ABREVIATURAS

| | |
|---------|--|
| AHU | Arquivo Histórico Ultramarino |
| CVN | Coleção Vidal de Negreiros |
| CE-DOHS | Corpus Eletrônico de Documentos Históricos do Sertão |
| NELP | Núcleo de Estudos de Língua Portuguesa |
| PHPB | Para a História do Português Brasileiro |
| PB | Português brasileiro |
| SRel | Sentenças relativas |
| UEFS | Universidade Estadual de Feira de Santana |

SUMÁRIO

| | |
|--|----|
| CONSIDERAÇÕES INICIAIS: OS PINGOS NOS “IS” | 13 |
|--|----|

PARTE 1

De grão em grão: sobre a “arte de fazer o melhor uso de maus dados” ou
“fazer um bom uso dos dados disponíveis”

| | | |
|-------|--|----|
| 1 | FRAGMENTOS DO PASSADO: DESAFIOS DA CONSTITUIÇÃO DE CORPUS E AS CONTRIBUIÇÕES DO PHPB..... | 15 |
| 1.1 | PARA “OUVIR O INAUDÍVEL”, OU PARA SUPERAR OS “MAUS DADOS”: A PARCERIA ENTRE A FILOLOGIA E LINGUÍSTICA HISTÓRICA..... | 15 |
| 1.2 | O CE-DOHS NA REDE DE PESQUISA PHPB: RECUANDO AO PERÍODO COLONIAL..... | 18 |
| 1.2.1 | Montando um <i>corpus</i> seiscentista..... | 21 |

PARTE 2

Garimpendo se acha: o testamento de Vidal de Negreiros (Século XVII)

| | | |
|---|---|----|
| 2 | O DOCUMENTO A PARTIR DE QUEM O ESCREVEU EM DETERMINADO CONTEXTO SÓCIO-HISTÓRICO: QUANDO, ONDE, QUEM E PARA QUÊ..... | 25 |
|---|---|----|

PARTE 3

Olhando o *corpus* de perto: o trabalho filológico

| | | |
|-------|---|----|
| 3 | A DESCRIÇÃO DO MANUSCRITO..... | 27 |
| 3.1 | DESCRIÇÃO EXTRÍNSECA..... | 28 |
| 3.2 | DESCRIÇÃO INTRÍNSECA..... | 34 |
| 3.2.1 | Aspectos grafemáticos da mão de Vidal de Negreiros..... | 35 |

| | | |
|----------|--|-----------|
| 4 | DEFININDO OS CRITÉRIOS DE EDIÇÃO SEMIDIPLOMÁTICA..... | 44 |
| 5 | A EDIÇÃO SEMIDIPLOMÁTICA DO DOCUMENTO: MAIS UM GRÃO PARA CONTAR A HISTÓRIA..... | 46 |

PARTE 4

Uma descrição da sintaxe das relativas: porque as descrições ficam

| | | |
|----------|---|-----------|
| 6 | O FENÔMENO NA LITERATURA: O QUE DEVEMOS RETER?..... | 80 |
| 6.1 | O QUE DIZ A GRAMÁTICA NORMATIVA..... | 80 |
| 6.2 | A CARACTERIZAÇÃO DAS SENTENÇAS RELATIVAS..... | 81 |
| 6.3 | AS PRINCIPAIS NARRATIVAS: HISTÓRIAS CONTADAS SOBRE AS RELATIVAS NO PORTUGUÊS BRASILEIRO..... | 88 |
| 6.3.1 | A história contada por Tarallo (1983, 1993)..... | 88 |
| 6.3.2 | A história das relativas recontada por Kato (1993) e reanalisadas por Kato e Nunes (2009, 2014)..... | 90 |
| 6.3.3 | Sob um outro viés: os estudos das relativas de Ribeiro (2009) e de Ribeiro e Figueiredo (2009)..... | 91 |
| 7 | AS RELATIVAS NO TESTAMENTO DE VIDAL DE NEGREIROS (SÉCULO XVII): UMA DESCRIÇÃO PARA ESTUDOS POSTERIORES.... | 95 |
| 7.1 | OS TIPOS DE SENTENÇAS RELATIVAS..... | 95 |
| 7.1.1 | Restritivas e Apositivas..... | 95 |
| 7.1.2 | Livres..... | 99 |
| 7.1.3 | Função sintática do marcador relativo..... | 101 |

| | | |
|-----|---|------------|
| 8 | ESTRATÉGIAS DE RELATIVIZAÇÃO..... | 105 |
| 8.1 | As estratégias padrão vs não padrão no corpus..... | 105 |
| | CONSIDERAÇÕES FINAIS: E PROCURAMOS FAZER UM BOM USO DOS DADOS DISPONÍVEIS..... | 110 |
| | REFERÊNCIAS..... | 111 |

CONSIDERAÇÕES INICIAIS: OS PINGOS NOS “IS”

Inserido no âmbito da Linguística Histórica, o presente trabalho visa a contribuir para o projeto que pretende se aproximar de uma história do Português Brasileiro (PB) mediante o atendimento das três agendas de pesquisa propostas pelo Projeto *Para a História do Português Brasileiro* (PHPB) e incorporada pelo *Corpus Eletrônico de Documentos Históricos do Sertão* (CE-DOHS): (a) a constituição de *corpora* diacrônicos escritos no Brasil a partir do século XVI, (b) a reconstrução (MATTOS E SILVA, 2004) da história social linguística do Brasil e (c) os estudos de mudanças linguísticas a partir da análise dos *corpora* constituídos. A fim de cumprir essas agendas de pesquisa, realizou-se o estudo de um manuscrito do período colonial, o testamento de André Vidal de Negreiros, totalizando seis fólios. Nesse *corpus*, serão levantadas, descritas e analisadas as ocorrências das sentenças relativas.

O CE-DOHS¹, que se trata do banco de textos do *Núcleo de Estudos de Língua Portuguesa* (NELP), do *Departamento de Letras e Artes* da *Universidade Estadual de Feira de Santana* (UEFS), coordenado pelas professoras Mariana Fagundes e Zenaide Carneiro, integra a equipe baiana que atua em parceria com o PHPB e é organizado em duas etapas: em sua etapa 1, já finalizada em 2018, o CE-DOHS conta com documentos escritos entre os anos de 1750 a 2000, que possibilita o estudo do PB nas vertentes culta e popular nesse contexto; a etapa 2, por sua vez, com início em 2019, é caracterizada pelo multilinguismo generalizado; os documentos dessa etapa, que compreendem de 1500 a 1750, proporcionam estudar o que seria os primeiros indícios do PB que, mais tarde, culminaria na divisão entre o português brasileiro socialmente estigmatizado e o português brasileiro socialmente prestigiado² (CARNEIRO; LACERDA, 2019).

Atendendo à primeira agenda de pesquisa, para a constituição de *corpora* diacrônico, transcreveu-se e editou-se um manuscrito datado de 1678. Tal manuscrito tem como escrevente

¹ Cf. SANTIAGO, H. *et al.* CE-DOHS: um banco de dados sociolinguísticos para a história do português brasileiro. *LaborHistórico*, Rio de Janeiro, v. 7, n. Especial, p. 311-329, 2021.

² Segundo Faraco (2016, p. 136) a hegemonia do português no Brasil não significa homogeneidade. Tal constatação leva em consideração não só a grande variedade regional existente no Brasil, mas também uma polarização sociolinguística que separa o português brasileiro em popular e culto, conforme costuma ser apresentado na literatura, como nos escritos de Mattos e Silva (2004), por exemplo. Apoiando-se nas considerações de Faraco (2019) o termo “culto” é bastante problemático. Contudo, à falta de uma melhor expressão, foi adotado para denominar “as variedades da língua de uso comum pelos segmentos letrados da população ou que ocorrem nas atividades de escrita formal, monitorada” (FARACO, 2019, p. 124), embora não se relacione com a ideia de ser a vertente usada por um povo *com* cultura em oposição à vertente popular, cujos representantes seriam um povo *sem* cultura.

Em virtude dessas problemáticas, serão aqui utilizadas as nomenclaturas “normas socialmente prestigiadas” e “normas socialmente estigmatizadas”.

André Vidal de Negreiros, governador e capitão-geral do Estado do Maranhão e Grão-Pará (1655-1656), governador da Capitania de Pernambuco (1657-1661) e de Angola (1661-1666). Importante figura histórica, principalmente na luta contra a invasão holandesa na Bahia, o escrevente nasceu no Brasil, filho de pai e mãe portugueses, e seu Testamento integra, nas palavras de Cardoso, Carneiro e Lacerda (2021, p. 352), um conjunto de manuscritos que “são representativos do uso da língua portuguesa dentro do Brasil Colônia” e auxiliam na compreensão da formação do português brasileiro, permitindo, assim, também enveredar-se pela “tentativa de delinear o percurso histórico das vertentes do português brasileiro” (CARDOSO; CARNEIRO; LACERDA, 2021, p. 334), em especial, neste estudo de pesquisa, pelo caminho que culminará na vertente socialmente prestigiada da língua.

A edição supracitada foi do tipo semidiplomática, tendo como princípio as Normas de Transcrição de Documentos Escritos e Impressos do PHPB. Pelo seu caráter conservador e orientação de preservar as características linguísticas do manuscrito, esse tipo de edição foi escolhida em virtude da necessidade de se obter uma transcrição autêntica que garanta confiabilidade a estudos de diversos fenômenos linguísticos.

Quanto à reconstrução da realidade sócio-histórica do período em que os documentos foram redigidos, traçando a contextualização sócio-histórica do Brasil Colônia, bem como o perfil sociocultural do escrevente, portanto atendendo à segunda agenda de trabalho, será realizada uma investigação orientada pelas questões-problema estabelecidas pelo paleógrafo Armando Petrucci (2003) que devem ser enfrentadas por quem se debruça sobre o trabalho com testemunhos escritos de determinada sociedade: *¿Qué?*; *¿Cuándo?*; *¿Dónde?*; *¿Cómo?*; *¿Quién?*; e *¿Para qué?*.

Já em relação ao estudo linguístico, em que toca a terceira agenda, pretende-se investigar a ocorrência de sentenças relativas a partir do *corpus* selecionado. O exame de tal fenômeno é crucial para entender as diferenças dialetais entre o PE e o PB uma vez que, para Tarallo (1983), a gramática brasileira que emerge ao final do século XIX apresenta contundentes diferenças estruturais em relação à gramática lusa, estando entre as quatro grandes mudanças citadas por ele, a reorganização do sistema pronominal e, como sua consequência direta, a mudança ocorrida na sintaxe das relativas.

PARTE 1

De grão em grão: sobre a “arte de fazer o melhor uso de maus dados” ou “fazer um bom uso dos dados disponíveis”

1 FRAGMENTOS DO PASSADO: DESAFIOS DA CONSTITUIÇÃO DE CORPUS E AS CONTRIBUIÇÕES DO PHPB

No artigo *Para a história do português culto e popular brasileiro: sugestões para uma pauta de pesquisa*, Mattos e Silva (2008, p. 30) destaca, em suas linhas finais, que o projeto para a reconstrução de uma história do português brasileiro (PB), considerando seu caráter heterogêneo e polarizado, “será muito, de muitos e não será por pouco tempo”. Várias são as mãos que contribuíram e contribuem para a escrita dessa tarefa laboriosa. Entre essas mãos, o *Projeto para a História do Português Brasileiro* (PHPB) foi um dos projetos coletivos que se dedicaram à reconstituição da formação do PB. Após passados mais de vinte anos desde a sua fundação, suas agendas de pesquisa propostas foram consolidadas como vias indispensáveis para qualquer trabalho que vise à compreensão do PB.

As agendas de pesquisas, sintetizadas por Lobo (2009), são as seguintes: (a) constituição de *corpora* diacrônicos escritos no Brasil a partir do século XVI, (b) a reconstrução da história social linguística do Brasil e (c) os estudos de mudanças linguísticas a partir da análise dos *corpora* constituídos. Entretanto, para que todas essas agendas se tornem exequíveis, é primordial a parceria entre a Linguística Histórica e a Filologia sendo, por isso, de extrema importância a discussão sobre a natureza desse conagraamento indispensável aos estudos histórico-diacrônicos.

1.1 PARA “OUVIR O INAUDÍVEL”, OU PARA SUPERAR OS “MAUS DADOS”: A PARCERIA ENTRE A FILOLOGIA E LINGUÍSTICA HISTÓRICA

Ao apontar a definição de Linguística Histórica, tem-se, de maneira geral, que se trata de uma disciplina científica cujo objetivo é estudar as mudanças linguísticas no decurso do tempo. No célebre *Caminhos da Linguística Histórica*, indispensável e introdutório guia para aqueles que pretendem se direcionar ao estudo dessa disciplina, Mattos e Silva (2008) propõe uma divisão da Linguística Histórica em duas orientações: a primeira se trata da Linguística Histórica *Lato Sensu*, que consiste em todo tipo de linguística que trabalha com *corpora*

devidamente localizados e datados, e a Linguística Histórica *Stricto Sensu*, a qual se dedica sobre *o que* e *como* muda nas línguas – esta última é a que nos interessa aqui.

No anseio de investigar aquilo que muda nas línguas e examinar a forma como se dão essas mudanças ao longo das diferentes sincronias, em especial aquelas mais remotas, a Linguística Histórica no seu sentido estrito se depara com o desafio, encarado como um problema metodológico, nas palavras de Banza (2020), que diz respeito às fontes para o escrutínio dessas mudanças. Ora, se não é possível uma volta a esses tempos remotos, ou até mesmo ter acesso a gravações de falantes dos períodos mais recuados e, assim, obter uma amostra oral de um estado de língua, de que maneira, então, o pesquisador em linguística histórica realiza os seus estudos, visto que garante o acesso a tais estados de língua pretéritos?

As fontes usadas nas pesquisas em Linguística Histórica são os textos escritos. Maia (2012) os qualifica como indispensáveis e Banza (2020) aponta que, desde a origem dessa ciência, é inevitável o seu uso como fonte. Entretanto, apesar de haver esse consenso sobre a indispensabilidade ou sobre a inevitabilidade de que as fontes da linguística histórica sejam os testemunhos escritos, há problemáticas que tangenciam tal preceito. À vista disso, não é ao acaso, por exemplo, que Labov (1994, p. 11) considera a Linguística Histórica como “a arte de fazer o melhor uso de maus dados”.

O linguista histórico se debruça sobre materiais textuais escritos remanescentes que fazem parte de um *corpus* textual muito mais amplo que, devido a acidentes ou a sua má conservação, se perdeu com o tempo. Dado esse caráter fragmentário, os “maus dados” são assim considerados por Labov por depreenderem uma série de limitações ao linguista: os materiais não foram previamente selecionados para cumprir os objetivos do pesquisador nem, muitas vezes, é possível contar com o contexto social em que eles foram produzidos (CONDE SILVESTRE, 2007). Além disso, tais textos podem fornecer ao pesquisador formas linguísticas que talvez não sejam idênticas às vernaculares dos escritores, uma vez que podem ser resultado de um esforço de adaptação às normas linguísticas vigentes nos respectivos períodos, levando o escritor a cometer hipercorreções, misturar dialetos e cometer até mesmo erros de cópia (BANZA, 2020).

Dada a impossibilidade de esquivar-se dessas problemáticas, tais limitações só poderão ser superadas se

[...] se reconhecer como utópico o objectivo de reconstituição da oralidade das línguas em estados pretéritos e, por outro lado, se reconhecer, realisticamente, que **o objecto possível nestas disciplinas é, em primeiro lugar, a reconstituição da língua escrita de estados pretéritos**, renunciando a “explicar” e reconhecendo que o máximo que é possível fazer é apenas “interpretar”, ou procurar “ouvir o inaudível” (LASS, 1997, p. 45), como

lucidamente reconheceu Lass, que considera a Linguística Histórica como uma arte interpretativa. (BANZA, 2020, p. 38, grifos meus)

Assim como a autora supracitada, Mattos e Silva (2008) também se apropria da metáfora de Lass para definir o que faz aquele que trabalha com Linguística Histórica: os dados de que dispõem tais pesquisadores são essas pistas as quais rastreiam para chegar a uma *aproximação* da realidade falada em determinada época. Sim, apenas aproximar-se, nunca chegar efetivamente a essa realidade; o estudioso deve se conformar em somente buscar entrever ou entreouvir, pelas frestas daquilo que lhe legam os documentos antigos, como se davam os mais variados fenômenos linguísticos em determinada época. Dessa forma, endossa-se a ideia de que as fontes de que dispõe a linguística histórica são os textos escritos, reforçada pelas palavras de Banza (2020, p. 36) de que “a fonte, por excelência, quer na Linguística Histórica, quer na Linguística Diacrônica, continua a ser, sem dúvida, o texto escrito, único documento do passado das línguas até ao séc. XX”.

Explicitada a questão das fontes de que desfruta o linguista histórico que, a fim de extrair dados para as suas pesquisas, se debruça sobre os materiais textuais escritos remanescentes, salienta-se que as peculiaridades das fontes históricas tornam importante o auxílio de outras disciplinas como a História Social – apoiando a reconstrução das circunstâncias sócio-históricas em que esses textos foram produzidos – e a Filologia.

De acordo com a noção proposta por Mattos e Silva (2008), a Filologia é a “ciência do texto”. Sem os estudos filológicos, principalmente sem a sua face da Edição Crítica de textos, seria inviável fazer linguística histórica. Entretanto, salienta-se, aqui, que as edições úteis aos estudos da história linguística são aquelas feitas com *rigor filológico*. Dessa forma, não se trata de uma recuperação do texto por intermédio de qualquer via, de transcrições que não levam em conta critérios estabelecidos rigorosamente e seguidos à risca pelo editor, mas sim de uma edição autêntica, que reflita fidedignamente as características linguísticas dos manuscritos, garantindo confiabilidade no material disposto para as pesquisas linguísticas.

Com o interesse de firmar e garantir tal estatuto de texto adequado a estudos linguísticos, o grau de interferência do editor deve ser mínimo. Embora Cambraia (2005) aponte que a edição fac-similar é aquela, numa escala que vai da ausência de interferência a interferência máxima, a apresentar grau zero de intervenção no labor de edição, Lose (2017) defende que não existem edições que não interfiram na materialidade textual, mas edições que oferecem baixos níveis de mediação, a exemplo das edições facsimilares e anastáticas, ou altos graus de mediação, como as edições modernizadas e críticas. Por fim, a edição em que se deve basear (no sentido de ter

como base, sustentação) as pesquisas linguísticas são as edições conservadoras, com um grau moderado de mediação por parte do profissional, e que, por conseguinte, permita ao leitor acessar o estado de língua do texto em seu estado real, ou o mais próximo possível disso (LOSE, 2017).

Sem dúvida esse congraçamento entre a Linguística Histórica e a Filologia foi e vem sendo indispensável para o êxito dos estudos histórico-diacrônicos. Os pesquisadores cujos trabalhos se inscrevem nas agendas do PHPB, por exemplo, quando na primeira agenda, que diz respeito ao *campo histórico-filológico*, realizam um trabalho a fim de constituir *corpora* diacrônicos dos quais são extraídos dados destinados às investigações de fenômenos linguísticos vários. As pesquisas realizadas nesse âmbito não só permitem um exímio trabalho de investigação de fenômenos linguísticos, como também tornam possíveis novos trabalhos impulsionados por uma geração de pesquisadores que fazem uso dos *corpora* qualificados os quais são constituídos pelos autores.

De tudo o que foi elencado acima, já discutido por diversos estudiosos que pontuam a inevitabilidade de frutífera parceria entre esses dois campos científicos, é importante ressaltar que, apesar de ser considerada, muitas vezes, como disciplina auxiliar aos estudos linguísticos, o trabalho realizado pelo editor de textos – pelo filólogo –, que na grande maioria dos casos é o próprio linguista, não deve ter a sua importância relegada a segundo plano nem a dificuldade, a completude e a autonomia do seu trabalho subestimadas. O texto não deve ser visto apenas como um repositório de dados que serão levantados e analisados, mas ser considerado segundo uma abordagem holística, por meio da qual deve ser percebido como “(...) as condições de produção para proposição de variáveis sociais e históricas para a pesquisa” (LOSE; SOUZA, 2020, p. 12), variáveis essas tão caras para um autêntico trabalho em linguística histórica, o qual torna indispensável a reconstrução dos aspectos sociais para entender as vias da variação e das mudanças relativas a uma língua.

1.2 O CE-DOHS NA REDE DE PESQUISA PHPB: RECUANDO AO PERÍODO COLONIAL

Assim como a inevitabilidade do uso de fontes escritas em linguística histórica e a noção de que o pesquisador deve fazer uso de critérios padronizados para uma proposta de edição responsável e confiável aos estudos linguísticos é fato, também é inegável que, quanto mais recuo no tempo se pretende fazer para encontrar textos escritos de um dado estado de língua, mais custosos são os desafios impostos ao pesquisador. No tocante ao propósito de reconstituir

historicamente a formação do português brasileiro (PB), as vias traçadas para se ter acesso aos primeiros registros da língua portuguesa que seria efetivamente brasileira precisam alcançar os estados de língua atuantes nos primeiros séculos do Brasil Colônia, período compreendido entre os anos de 1530 e 1822. É com esse objetivo que se dá início à segunda etapa do Banco CE-DOHS, Corpus Eletrônico de Documentos Históricos do Sertão.

O CE-DOHS, coordenado pelas professoras Mariana Fagundes e Zenaide Carneiro, faz parte do Núcleo de Estudos de Língua Portuguesa (NELP), do Departamento de Letras e Artes da Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS) e integra a equipe baiana que atua em parceria com o PHPB. O referido Projeto, uma vez atuante na rede de pesquisa do PHPB, visa a atender três agendas:

- (i) a formação de banco de textos de língua portuguesa;
- (ii) o estudo sócio-histórico;
- (iii) o estudo linguístico.

Organizado em duas etapas, em sua etapa 1, já finalizada em 2018, o CE-DOHS conta com documentos escritos entre os anos de 1750 e 2000, que possibilita o estudo do PB nas vertentes culta e popular nesse contexto. Com o seu início em 2019, a etapa 2, por sua vez, é caracterizada pelo multilinguismo generalizado; os documentos dessa etapa, que compreendem de 1500 a 1750, proporcionam estudar o que seria os primeiros indícios do PB que, mais tarde, culminaria na divisão entre português brasileiro culto e português brasileiro popular (CARNEIRO; LACERDA, 2019). No entanto, dada a atestada raridade das fontes desse período, por que investir na constituição de *corpus* que comporte os primeiros dois séculos do Brasil Colônia?

Segundo Mattos e Silva (2004), a compreensão do português brasileiro perpassa uma compreensão da sua sócio-história desde os primórdios da colonização. Isso porque o PB enfrenta um quadro de polarização que culmina em duas vertentes, também plurais e heterogêneas, que foram formadas de maneiras distintas e cuja gênese se dá na história do território como colônia de Portugal: o “português popular” ou “vernáculo”, que teria como antecedente histórico o *português geral brasileiro*, e o “português culto brasileiro”, cujo antecedente histórico seria o *português europeu*. Logo, é, por sua vez, no Brasil Colônia que acontecem uma série de fatos históricos que pontuam o processo de formação do PB, entre eles a circulação de povos de diferentes etnias – o que proporcionou um cenário de multilinguismo generalizado -, a definição da obrigatoriedade do ensino de língua portuguesa implementada

por Marquês de Pombal em 1758 e a dinamização da difusão do português brasileiro pelo território a partir de movimentações econômicas - como a economia voltada aos engenhos de açúcar, a invasão dos sertões e a corrida do ouro (CARDOSO; CARNEIRO; LACERDA, 2021).

Desse modo, conforme destacam Cardoso, Carneiro e Lacerda (2021, p. 336, grifos meus), é que

(...) a constituição de corpora do período colonial tem a tarefa de, por ser um período que antecede a formação do português brasileiro, tentar trazer a compreensão sobre **(i) qual gramática portuguesa chegou nas caravelas, (ii) quais foram as influências, no português, das línguas maternais indígenas e africanas da maioria da população brasileira, que aprendeu o português em situação de aquisição imperfeita e (iii) se houve contato e/ou atuação significativa da língua portuguesa com/ as línguas gerais indígenas e o português geral brasileiro**. A ausência de informações precisas a respeito das gramáticas que chegaram a solo brasileiro e a escassez de indivíduos letrados no Brasil são aspectos que dificultam essa tarefa, tornando o trabalho de constituição de *corpus* desse período um problema “arqueológico” e de “cabouqueiro” (CASTRO, 1996).

Por isso, mesmo que muitos passos já tenham sido dados no que diz respeito à descrição dos fenômenos linguísticos do PB hodierno e, em retrospectiva, ao estudo da descrição dos estágios passados dessa variedade do português, principalmente referentes aos estudos dos séculos XIX, XX e, ainda, aqueles que compreendem a partir da segunda metade do século XVIII, feitos pelo PHPB, é preciso aprofundar-se nas questões, nas grandes interrogações, que permeiam esse “limbo” na história do PB, um estado de indefinição no qual não se sabe a partir de qual marco já é possível falar de um português *do* Brasil e não somente do português *no* Brasil. Os estudos de Tarallo (1983), que tem os seus resultados com base em dados dos séculos XVIII e XIX, por exemplo, afirmam que a gramática brasileira emerge do final do século XIX para o início do século XX, mostrando claras diferenças estruturais em relação à gramática portuguesa. Entre as quatro grandes mudanças citadas por ele, estão a reorganização do sistema pronominal e, como consequência direta, a mudança sintática ocorrida na sintaxe das relativas.

Entretanto, postas essas lacunas na investigação da formação do PB, outras hipóteses ou caminhos de pesquisa podem ser revelados caso consigamos dados referentes à primeira metade do século XVIII e ao século XVII. Nesse ensejo, é que o *corpus* formado na etapa 2 do CE-DOHS visa a contribuir com os estudos da história PB e, segundo Cardoso, Carneiro e Lacerda (2021, p. 336), “(...) procura abrir caminhos da pesquisa linguística para o século XVII, período essencial para se entender a base do português brasileiro”.

1.2.1 Montando um *corpus* seiscentista

A composição de um *corpus* que abarque o período dos seiscentos é repleto de desafios a serem enfrentados. De toda forma, colocá-los aqui – tais desafios – como pertencentes ao estudo dos documentos desse período não significa que lhe são exclusivos, mas que o pesquisador que pretende executar as três agendas (composição de *corpora*, estudo sócio-histórico e estudo linguístico) deve ter em mente que, para se debruçar sobre esses documentos, é necessária uma atenção especial devido a algumas peculiaridades do material.

De acordo com a teoria da variação e da mudança proposta por Weinreich, Labov e Herzog (2006 [1968]) a língua não se trata de um objeto homogêneo, mas de uma estrutura heterogênea que deve considerar tanto os fatores linguísticos quanto os sociais no intuito de desvelar os questionamentos sobre os fatos linguísticos. Entre os sete princípios gerais para o estudo da mudança linguística, delineados pelos autores, que se tratam de assertivas sobre a natureza da mudança que podem ser tomadas como centrais, ressalta-se aqui o último, o de que “fatores linguísticos e sociais estão intimamente inter-relacionados no desenvolvimento da mudança linguística” (WEINREICH; LABOV; HERZOG 2006 [1968]) e que o estudo do comportamento linguístico que não leve em conta essa máxima, dedicando-se apenas a um desses dois aspectos, será falho. Assim, a Linguística Histórica, que nada mais tem do que os documentos escritos, transfere os métodos da sociolinguística aos dados do passado com o intuito de estabelecer uma possível correlação entre a variação existente em uma determinada época e os fatores condicionantes no estabelecimento das variáveis linguísticas (CONDE SILVESTRE, 2007, p. 34).

Logo, um estudo que caracterize sócio-historicamente um escrevente dos seiscentos enfrenta alguns desafios quanto aos aspectos sócio-históricos. Para entendê-los, é preciso considerar que, uma vez que o PB pressupõe duas vertentes, é necessário investigar informações sócio-históricas relevantes da produção do texto, da biografia do escrevente e da realidade linguística que havia na época da escrita do material. O objetivo de tal investigação responder às questões-problema colocadas pelo paleógrafo Armando Petrucci (2003), que devem ser enfrentadas por quem se debruça sobre o trabalho com testemunhos escritos de determinada sociedade: ¿*Qué?*; ¿*Cuándo?*; ¿*Dónde?*; ¿*Cómo?*; ¿*Quién?*; e ¿*Para qué?*.

Há ainda um outro desafio no que se refere à constituição de *corpora* seiscentista: a averiguação do punho que redigiu o manuscrito. Por muitas vezes, a alguns manuscritos é atribuída determinada autoria quando, na realidade, foram escritos por outrem. Isso se dá,

sobretudo, à prática da escrita delegada, “em que os que possuíam habilidades na escrita escreviam documentos para aqueles que não dominavam tal tecnologia” (CARDOSO; CARNEIRO; LACERDA, 2021, p. 337). Mas não somente por esse motivo isso acontecia. No caso de membros da elite, por exemplo, detentores de cargos administrativos, muitas vezes seus documentos, apesar de serem de sua autoria intelectual, tinham como autores mecânicos seus secretários cujas identidades podem nunca ser desvendadas. Assim, urge uma investigação paleográfica que determine a morfologia da escrita, averiguando peso, *ductus*, nexos, ligaduras, módulo e ângulo para que seja feita uma comparação que leve o pesquisador a afirmar a equivalência, ou a falta dela, entre de quem é a escrita e a quem o texto foi atribuído (LOSE; SOUZA, 2020).

Cardoso (2020, p. 73-74) elenca alguns aspectos específicos que constituem empecilhos para a constituição de um corpus do Brasil Colonial. Entre esses aspectos, são destacados aqui as dificuldades quanto à identificação e constituição do perfil sócio-histórico da maior parte da população brasileira em virtude da falta de interesse pela compreensão de movimentos históricos e dos atores que os constituíram no período da sociedade colonial, quanto ao encontro de documentos escritos nesse período, uma vez que a prioridade do Brasil como colônia de exploração não era o acesso à escolarização, e, principalmente “restringindo a possibilidade de produção de documentos, sobretudo àqueles que eram marginalizados e que, na verdade, eram a maioria da população do período e formaram a vertente popular do português brasileiro”. Dessa forma, Cardoso (2020) se dedicou a seguir os seguintes passos no intuito de constituir um corpus brasileiro colonial:

Figura 1: Passos para a constituição do *corpus* brasileiro colonial seguidos por Cardoso (2020)



Fonte: Cardoso, 2020, p. 75

Os documentos prospectados, manuscritos dos quais foram necessários identificar os escreventes, compor seus perfis biográficos bem como tentar resgatar suas relações interpessoais, foram organizados em acervos que compõem o *corpus* colonial do CE-DOHS. Um panorama geral do acervo, minuciosamente organizado, pode ser conferido a partir do quadro abaixo.

Quadro 1: Acervos do corpus colonial do CE-DOHS organizados por Cardoso (2020)

| | Escreventes | Período de nascimento | Gêneros textuais | Localização dos documentos |
|--|--|-------------------------|--|---|
| Acervo da Família Vieira Ravasco | Bernardo Vieira Ravasco, Gonçalo Ravasco Cavalcante de Albuquerque. | Séc. XVII. | cartas, memórias, extratos, relação, fé de ofício etc. | Arquivo Histórico Ultramarino (Projeto Resgate) |
| Acervo da Família Ferrão Castelo Branco | Antonio Gomes Ferrão Castelo Branco. | Séc. XVII e XVIII | procuração, lista, rascunho de cartas. | Biblioteca Midlin |
| Documentos Avulsos de Brancos da Elite Portuguesa | André Vidal de Negreiros, João de Gois e Araújo, João Moraes Montesinhos, Bernardo Vieira de Melo. | Séc. XVII. | cartas, testamento. | Arquivo Histórico Ultramarino (Projeto Resgate) |
| Documentos de mamelucos – Tomo I | Lourenço de Brito Correa, Lourenço de Brito Figueiredo. | Séc. XVII e séc. XVIII. | cartas. | Arquivo Histórico Ultramarino (Projeto Resgate) |
| Documentos de mamelucos – Tomo II | Adrião Ferreira. | Séc. XVIII | carta de tocar. | Arquivo Nacional da Torre do Tombo (ANTT) |
| Escrita de Pretos e Pardos | Henrique Dias, Brás de Brito. Souto, João da Silva Guimarães. | Séc. XVII e séc. XVIII. | cartas. | Arquivo Histórico Ultramarino (Projeto Resgate) |

Fonte: Cardoso, 2020, p. 77

A edição semidiplomática dos documentos que compõem esses acervos já começa a ter início. Carneiro (2022), por exemplo, realizou a edição dos vinte e sete documentos pertencentes ao Acervo da Família Vieira Ravasco parte dos quais compõem um corpus seiscentista. O intuito desta dissertação é avançar ainda mais a montagem desse corpus, dessa vez realizando a edição semidiplomática de um dos documentos partícipe do Acervo de Documentos Avulsos de Brancos da Elite Portuguesa: o testamento de André Vidal de Negreiros.

PARTE 2

Garimpando se acha: o testamento de Vidal de Negreiros (Século XVII)

2 O DOCUMENTO A PARTIR DE QUEM O ESCREVEU EM DETERMINADO CONTEXTO SÓCIO-HISTÓRICO: QUANDO, ONDE, QUEM E PARA QUÊ

O testamento de Vidal de Negreiros, escrito a seu próprio punho, lavra uma data específica: 14 de maio de 1678, segunda metade do século XVII, e foi escrito em Pernambuco.

André Vidal de Negreiros, nascido em 1608 no estado da Paraíba, era filho de Francisco Vidal e D. Catarina Ferreira, ambos portugueses, naturais de Lisboa e da Ilha do Porto Santos, respectivamente. Embora existam notícias de que Francisco Vidal era um velho carpinteiro e não detinha posses, investigações apontam que dispunha de um engenho e do título de cavaleiro da Ordem de Cristo, obtendo mais de 20 mil réis de pensão (COSTA, 1952, vol. 3, p. 447). Pinto (1960, p. 31) justifica esses bens pelo fato de Francisco Vidal haver militado no Brasil já há mais de quatro décadas. Assim, de posse dessas informações, inferimos que Vidal de Negreiros fora, desde já, nascido em uma família com determinado prestígio social, ou seja, um branco membro da elite.

O mais conhecido feito de André Vidal de Negreiros fora a sua atuação na batalha dos Guararapes, quando os pernambucanos saíram vitoriosos sobre os exércitos holandeses. Mestre de campo, Vidal de Negreiros comandou inúmeros soldados dentre os quais havia brancos, índios, mestiços, mulatos e negros. Sua carreira militar teve início em 1624, quando se alistou junto ao corpo expedicionário da Paraíba, comandado por Francisco Nunes Marinho, que comandaria os campos baianos. Fora promovido ao posto de alferes por el-rei de Castela após saber de sua bravura e virtudes como soldado na batalha conta os flamengos na Bahia. Os holandeses foram expulsos da Bahia, após sua queda, em 1625. Era um dos oficiais mais ouvidos e mais acatados.

Não se tem notícias ou informações consistentes sobre os primeiros acessos às letras por Vidal de Negreiros. Embora se tenha informações de que havia locais na Paraíba, onde Vidal nascera, em que os Jesuítas ofereciam formação educacional, não foram encontrados indícios de que ele tenha estudado em escola dos Jesuítas ou tivera acesso à educação em casa, logo ambas as possibilidades não podem ser descartadas. O que se sabe é que, terminada a guerra da Bahia, André Vidal de Negreiros recolheu-se à Europa com o intuito de estudar a arte militar,

a arte da guerra e conhecimentos gerais, fez cursos na Espanha e em Portugal, e a partir disso pode-se inferir que teve acesso a textos canônicos escritos em alto grau normativo.

Em 1645, Vidal tomou posse do cargo de governador do Maranhão, nomeado pelo próprio D. João IV, como recompensa por seus feitos, estendendo também seu trabalho político ao ser escolhido como governador de Pernambuco, em 1657 – cargo ao qual retornou em 1666. Para além do território nacional, André Vidal de Negreiros, teve seu seu poder político levado até Angola, onde em pouco tempo “dominou a situação, foi condecorado com as honras de alcaide-mór, conselheiro de guerra das Vilas de Marialva e Morim e a comenda da ordem de Cristo.” (PINTO, 1960, p. 96)

Assim, é possível inferir que seu prestígio e seus atos deixaram um legado e foram agentes diretos de mudança, sendo André Vidal de Negreiros reconhecido pela sua autoridade, que transmitia sem necessidade de ameaças ou grandes tumultos; esse traço diplomático pode, quiçá, ser atribuído a sua forte fé católica ou a sua precoce iniciação na arte da guerra.

O testamento fora escrito para divisão posterior de seus bens, expressando seus sentimentos, suas vontades e assim sendo entendido também como autobiografia (PINTO, 1960). Em seu texto, Vidal de Negreiros não somente detalha os bens deixados e seus respectivos destinatários, mas elucida alguns fatos de sua vida, como o de não ter se casado nem o de ter feito promessas de sê-lo, e ainda o fato de não haver tido, por isso, herdeiros forçados, e declarar ser dono de todos os seus bens com exceção daqueles que doou antes da escrita do testamento.

Vidal de Negreiros havia, por sua vez, levantado e instituído uma capela de invocação de Nossa Senhora do Desterro em sua fazenda denominada “Currais” situado no distrito chamado o rio També, Freguesia de Goiana. Tal capela foi dotada com os bens declarados na escritura e herdada pelos padres Manuel Vidal de Negreiros e Antônio de Souza Ferraz, cuja função era administrá-la. Vidal de Negreiros também declara o que fazer a partir do momento de morte, ou da ausência, desses seus sucessores. Além disso, outros bens como terras específicas ou determinadas quantias foram deixadas a pessoas próximas como a sua afilhada Catarina Vidal de Negreiros e ao rapaz Matias Vidal de Negreiros, criado em sua casa. No seu testamento, também, Vidal de Negreiros se dedica a explicar algumas especulações que envolveriam o seu nome, como o boato de que o Frei Francisco Vidal seria seu filho. Mais tarde, seria provado que tanto Matias Vidal de Negreiros quanto o Frei Francisco Vidal seriam seus filhos legítimos.

PARTE 3

Olhando o *corpus* de perto: o trabalho filológico

O trabalho com textos antigos, muitos deles remanescentes, impõe muitos desafios a quem a eles se dedica. Entre muitas outras áreas de estudo que se beneficiam de documentos históricos, o estudioso em Linguística Histórica, por exemplo, que usa tais textos remanescentes, no intuito de abrir caminhos para um estado de língua, no anseio de retornar a uma outra sincronia, precisa garantir a fidedignidade desses manuscritos, a fim de que não tenha suas investigações enviesadas.

Nesta seção, olha-se o *corpus* de perto, a partir do trabalho filológico: faz-se uma sucinta descrição paleográfica, seguida da elucidação do tipo de edição utilizada, assim como os critérios para a realização desta última.

3 A DESCRIÇÃO DO MANUSCRITO

É fato que as fontes para o estudo em Linguística Histórica são os textos escritos. O manejo, interpretação e leitura desse tipo de texto deve ser feita de maneira cuidadosa, de modo a garantir a fidedignidade da fonte e, por conseguinte, realizar um trabalho confiável a partir de testemunhos confiáveis. Assim, de acordo com Acioli (1994, p. 1), “para que o documento seja bem interpretado, é necessário que antes tenha sido bem analisado e criticado sob o ponto de vista paleográfico”.

A Paleografia é uma disciplina filológica (CASTRO, 1995) cujo papel, para além da leitura e interpretação de escritas antigas, determinando o tempo e o lugar em que um manuscrito foi redigido e rastreando os possíveis erros que cópias podem conter (ACIOLI, 1994), é o de ser responsável pela história – evolução e formação – dos sistemas gráficos e tipos caligráficos, e pela “classificação e tipologia (...) das práticas e dos materiais escriptográficos” (CASTRO, 1995, p. 605). Dessa maneira, o auxílio dessa disciplina é de suma importância para o trabalho filológico e a edição do *corpus*, uma vez que, para a descrição de um documento, é imprescindível levar em consideração seus aspectos externos e internos.

Os aspectos extrínsecos do documento levam em conta suas características físicas, como os aspectos relativos ao suporte (papiro, pergaminho, papel, etc) do manuscrito, a quantidade de fólios, os instrumentos de escrita (cálamo, pena de ave, pincel, etc), tinta utilizada, estado de conservação do documento, entre outros. Quanto aos aspectos intrínsecos do documento, leva-

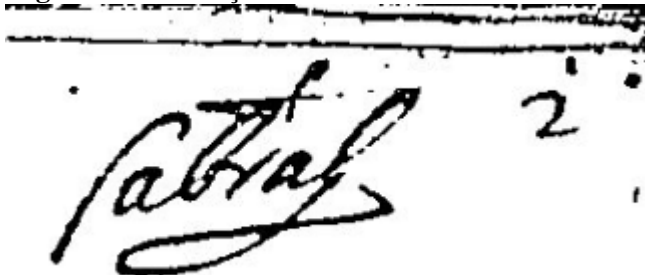
se em conta os aspectos da escrita, como a descrição da grafia dos escreventes, aspectos de suas escritas, o conteúdo do manuscrito e a língua em que foi redigido. A seguir, nos respectivos subtópicos, serão abordados os aspectos externos e internos do *corpus* aqui editado e colocado sob os escrutínios da lupa do trabalho filológico: o testamento de André Vidal de Negreiros.

3.1 DESCRIÇÃO EXTRÍNSECA

O documento aqui elencando chegou ao CE-DOHS por meio da prospecção de arquivos do período colonial realizada por Cardoso (2020), atendendo uma agenda prevista no projeto original, iniciado em 2010. O achado desse documento, prospectado em um passeio pelos arquivos digitais na rede mundial de computadores e que – fisicamente - está localizado no Arquivo Histórico Ultramarino (AHU), em Portugal, sob a cota *Caixa 8, Documento 641*, foi possível a partir da iniciativa do Projeto Resgate Barão do Rio Branco de organizar e tornar acessível um acervo de documentação histórica manuscrita brasileira do período que antecede à Independência, a qual se disponibiliza on-line a partir dos processos de microfilmagem e, posteriormente, de digitalização dos microfilmes. Em virtude de o documento ter sido acessado apenas através de uma versão digitalizada e visto que a versão em fac-símile está em escala de cinza (cópia microfilmada) não é possível detalhar as características materiais do suporte. Dessa maneira, assim como Carneiro (2022), alguns aspectos serão aqui descritos por inferências baseadas no estudo de Acioli (1994) da documentação manuscrita brasileira do mesmo período (século XVII).

O documento possui, em sua totalidade, 7 (sete) fólios recto (r) e verso (v). Encontra-se no ângulo superior direito dos rectos a numeração da página em algarismo indo-arábico antecédida por uma rubrica.

Figura 2: Numeração do Fol. 2r antecédida da rubrica

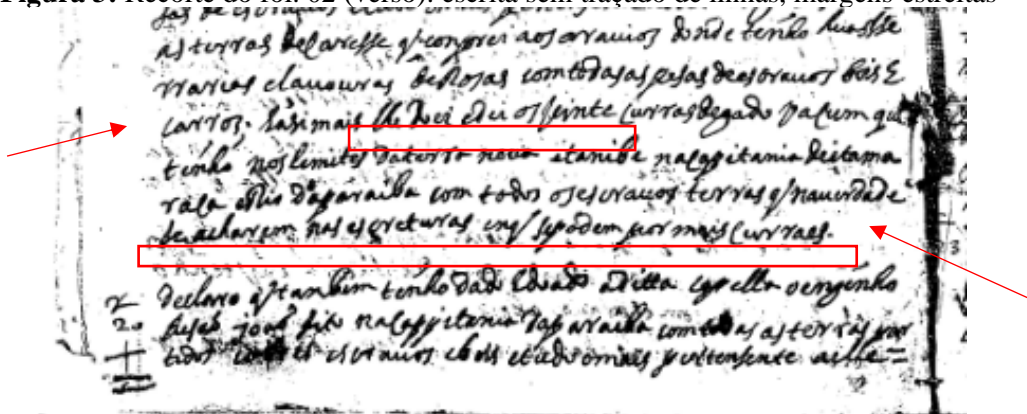


Fonte: Arquivo Histórico Ultramarino

Tal manuscrito está caligrafado, em letra humanística cursiva, sobre papel sem traçado de linhas e escrito dos dois lados da folha. Os espaços das linhas possuem diversas larguras, mas em geral foram delimitadas uniformemente. Ao contrário do habitual, as margens esquerdas e diretas das páginas não são largas, faltando a esse manuscrito o aspecto habitual de ter sido escrito em colunas. Cada parágrafo vem marcado por sua numeração em algarismo indo-abrábico abaixo de um símbolo que lembra o traçado de um “x”.

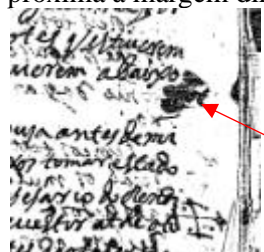
Quanto à tinta e o instrumento utilizado pelo escrevente para grafar sobre o suporte, não é possível indicá-los com exatidão em virtude do acesso digital ao fac-símile. Entretanto, há a possibilidade de terem sido usadas a pena de ave – como o instrumento – e como tinta a de noz gállica castanha, conforme apontados por Acioli (1994) como comumente utilizados na escrita de documentos daquele período.

Figura 3: Recorte do fol. 02 (verso): escrita sem traçado de linhas, margens estreitas



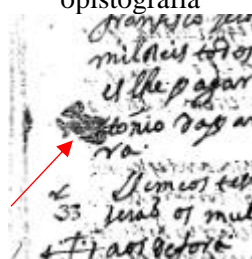
Fonte: Arquivo Histórico Ultramarino

Figura 4: Corrosão próxima à margem direita do fol. 4 (recto)



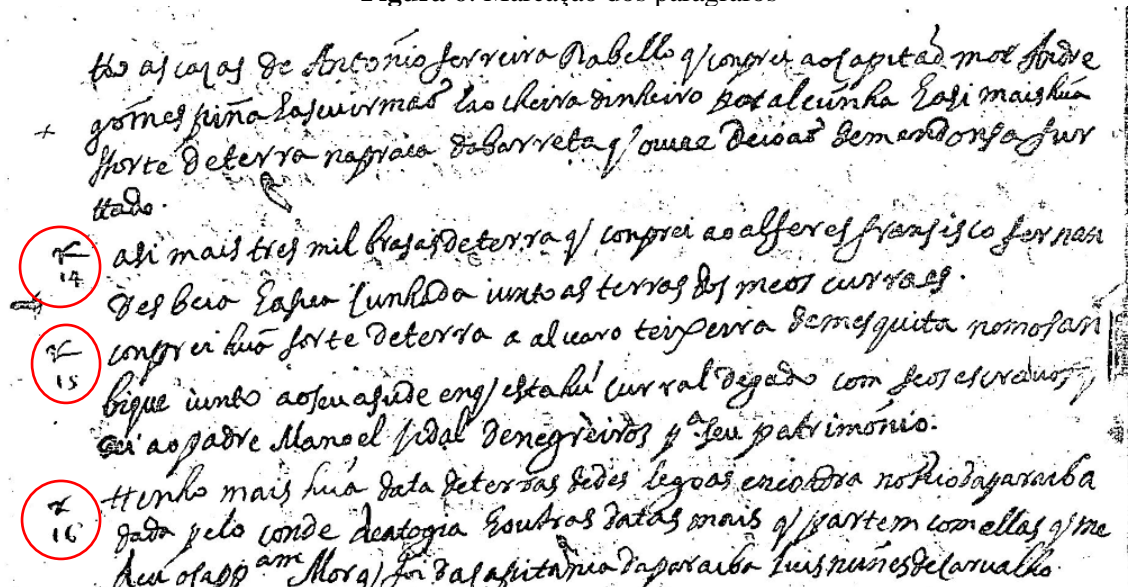
Fonte: Arquivo Histórico Ultramarino

Figura 5: Mesma corrosão do fol. 4 (recto) à margem esquerda do fol. 4 (verso), provando a opistografia



Fonte: Arquivo Histórico Ultramarino

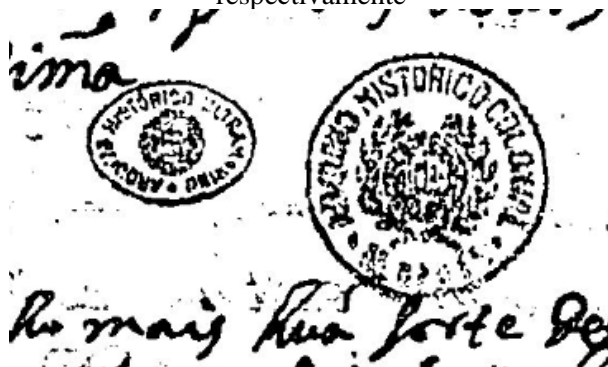
Figura 6: Marcação dos parágrafos



Fonte: Arquivo Histórico Ultramarino

Ao longo do documento nota-se a presença de dois carimbos: um maior, do Arquivo Histórico Colonial, e um menor, pertencente ao Arquivo Histórico Ultramarino, como pode ser observado na figura abaixo:

Figura 7: Carimbo do Arquivo Histórico Colonial e do Arquivo Histórico Ultramarino, respectivamente

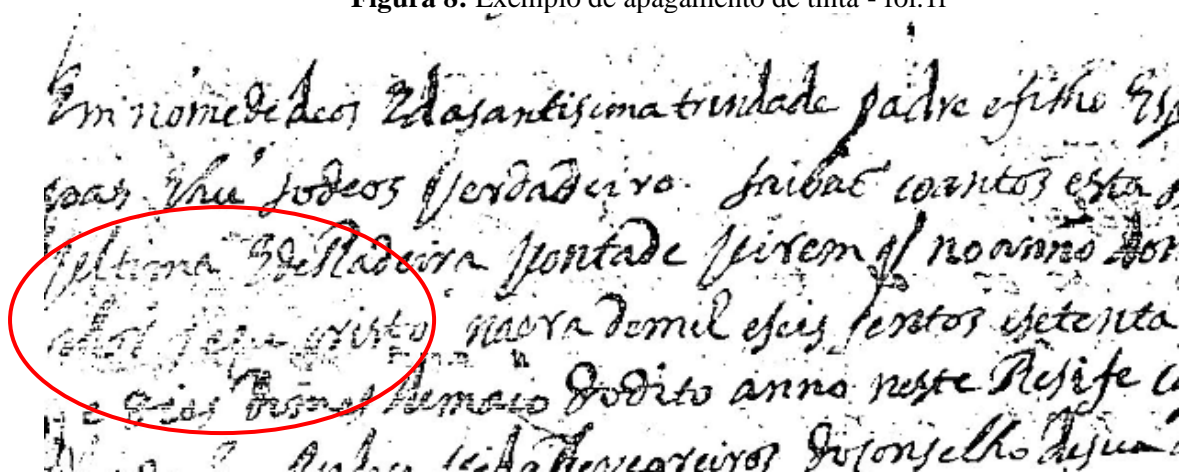


Fonte: Arquivo Histórico Ultramarino

Quanto à conservação do manuscrito, esse se encontra em bom estado. Embora não seja possível descrever com precisão as corrupções do material utilizado, assim como suas possíveis causas, percebe-se, em alguns fólios, principalmente nas áreas próximas às margens inferiores da página, manchas na digitalização que, aparentemente, indicam corrosões (pela disposição das manchas nos fólios em recto e em verso) e desgastes. Em áreas de alguns fólios percebe-se também menor contraste, fruto de apagamento da tinta.

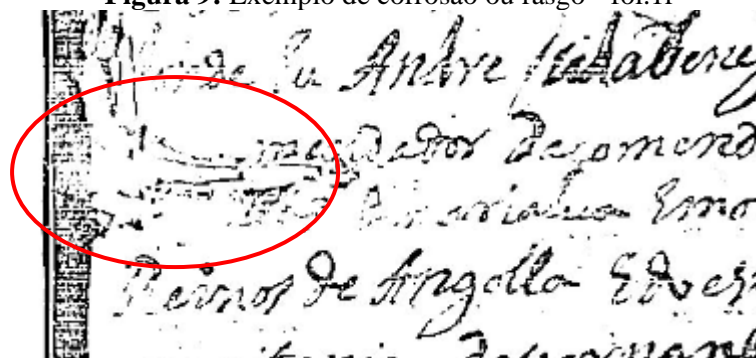
Seguem abaixo figuras que ilustram os danos descritos:

Figura 8: Exemplo de apagamento de tinta - fol.1r



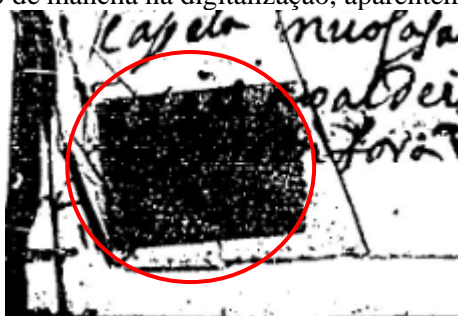
Fonte: Arquivo Histórico Ultramarino

Figura 9: Exemplo de corrosão ou rasgo - fol.1r



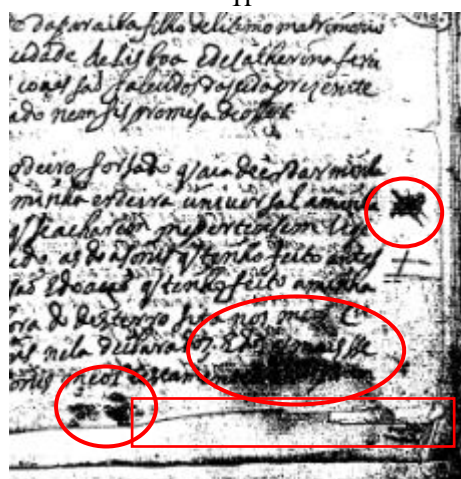
Fonte: Arquivo Histórico Ultramarino

Figura 10: Exemplo de mancha na digitalização, aparentemente um selo - fol. 1r



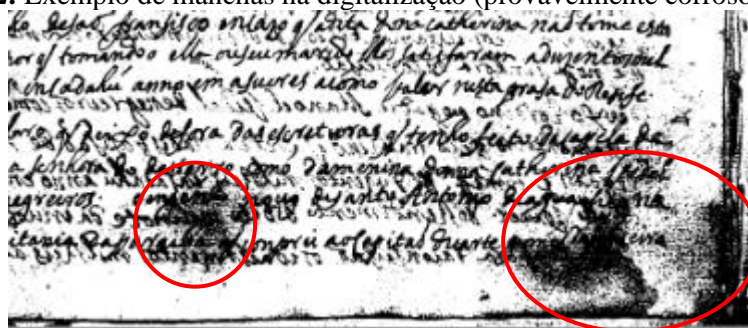
Fonte: Arquivo Histórico Ultramarino

Figura 11: Exemplo de manchas na digitalização (aparentemente corrosões) e amasso na página fol. 1r



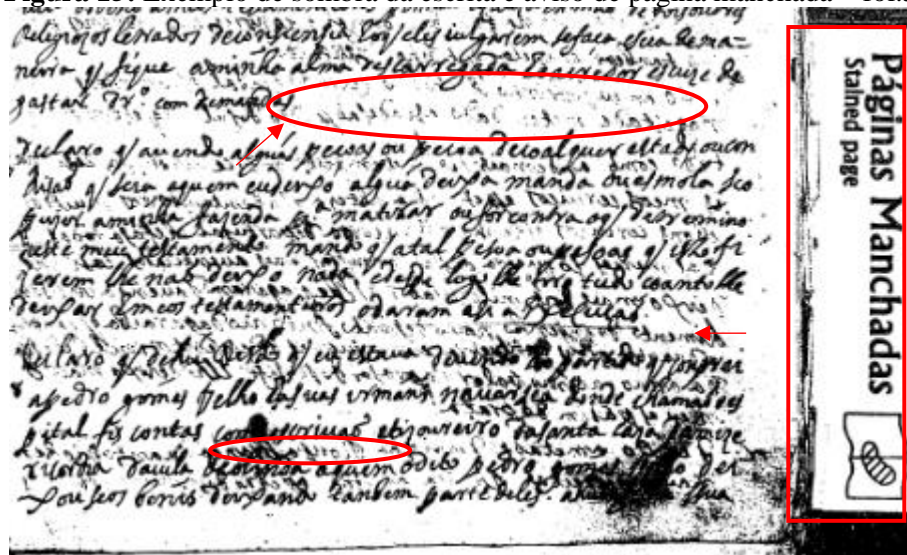
Fonte: Arquivo Histórico Ultramarino

Figura 12: Exemplo de manchas na digitalização (provavelmente corrosões) - fol. 3r



Fonte: Arquivo Histórico Ultramarino

Figura 15: Exemplo de sombra da escrita e aviso de página manchada – fol.5r



Fonte: Arquivo Histórico Ultramarino

3.2 DESCRIÇÃO INTRÍNSECA

Escritas em 14 de maio de 1678, as sete páginas do documento têm como conteúdo a declaração dos bens deixados por André Vidal de Negreiros, assim como todos os herdeiros que serão responsáveis pelos seus legados. Além disso, ordena seu testamento com algumas de suas dívidas e recomenda desejos em ocasiões possíveis de acontecer após sua morte.

O escrito tem início no fôlio 1r, no qual Vidal de Negreiros se apresenta, listando todos os papéis que desempenhou durante a vida, lista sua filiação e explicita a data em que o documento foi escrito. Ainda nesse fôlio, encomenda sua alma a Deus e expressa seu desejo de que a Virgem Maria, santos e anjos intercedam por seu nome, evidenciando-se como devoto da fé católica. Declara ainda que não há herdeiros a quem deixar a fazenda e valida aquilo que estiver escrito no presente testamento.

O conteúdo do fôlio 1v refere-se a instituição de seus testamenteiros, além de recomendações sobre seu sepultamento – o que deve e não deve ser realizado, onde e como deve ser seu enterro, ausência de sermão e quantidade de missas a serem rezadas.

A partir deste ponto até o fôlio 6r, Vidal de Negreiros lista suas posses – terras, escravos, vestes – e dívidas – pagas ou que devem ser quitadas após sua morte – e seus respectivos responsáveis. No fôlio 6r, finaliza seu testamento pedindo que se revogue quaisquer um escrito por ele antes deste e roga para que se faça cumprir seus escritos, declarando que o fez e o assinou com a própria mão e nomeando testemunhas.

A última linha do fólio 6r dá início ao registro de outra mão, outro escrevente: o termo de aprovação escrito pelo tabelião Antônio Soares o qual se finaliza nas quatro primeiras linhas do fólio 7r que são seguidas do sinal público e raso do referido tabelião e as assinaturas das testemunhas.

Por se tratar de um outro escrevente, o documento foi editado apenas até a última assinatura de André Vidal de Negreiros. Dessa forma realizou-se um estudo da autoria do documento com o objetivo de se obter uma análise escriptográfica que nos permita detalhar aspectos particulares da escrita deste escrevente – visto que há garantias, no próprio manuscrito, de que este o escreveu com sua própria mão.




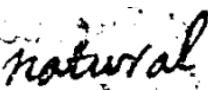

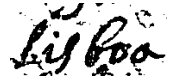



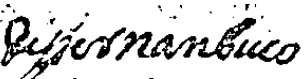
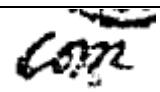
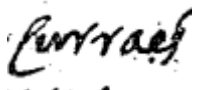
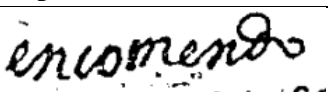
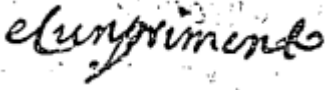
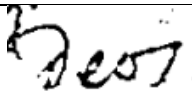

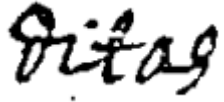
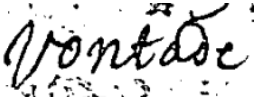
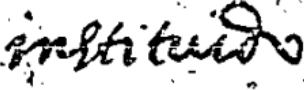
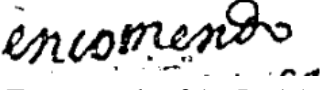
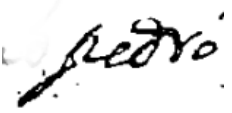
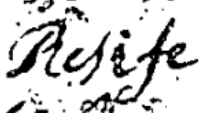
A próxima seção dedica-se à análise supracitada, na qual se prestou um olhar atento às características gráficas deixadas pelo punho de André Vidal de Negreiros.

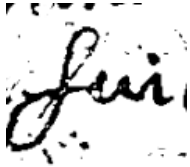
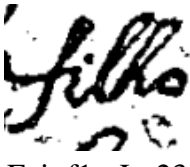
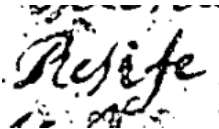
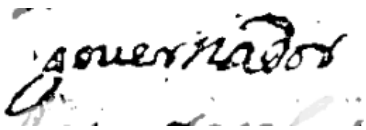
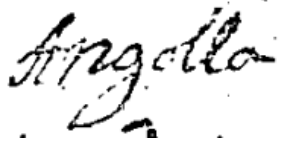
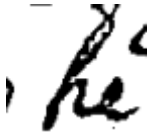
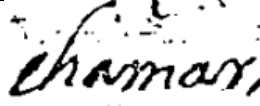
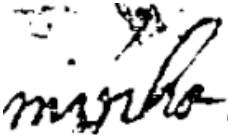

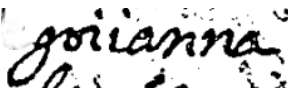
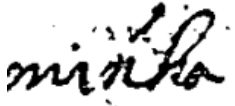


3.2.1 Aspectos grafemáticos da mão de Vidal de Negreiros

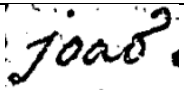

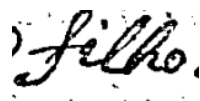
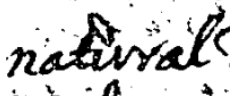



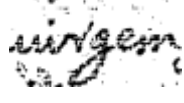
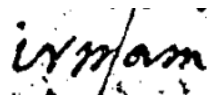
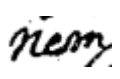
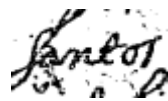
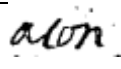

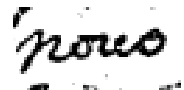
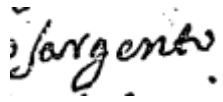
Para Cambraia (2005, p. 24) uma boa compreensão e leitura dos manuscritos perpassa pela importância das informações de natureza paleográfica. Desse modo, reserva-se nessa seção um espaço para uma descrição sucinta das características da escrita de Vidal de Negreiros levando em consideração os aspectos como: “a *morfologia das letras* (sua forma), o seu *traçado* ou *ductus* (ordem de sucessão e sentido dos traços de uma letra), o *ângulo* (relação entre os traços verticais das letras e a pauta horizontal da escrita), o *módulo* (dimensão das letras em termos de pauta) e o *peso* (relação entre traços finos e grossos das letras)”.

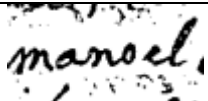
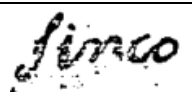
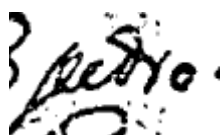
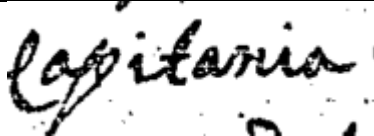
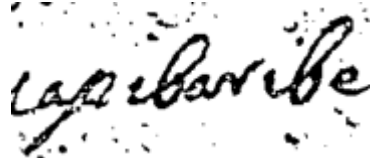
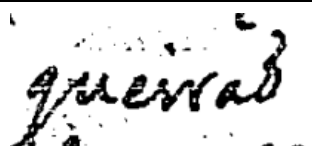
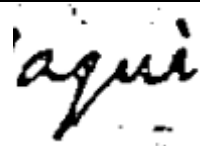

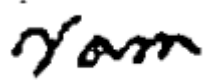
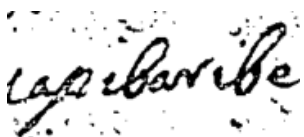
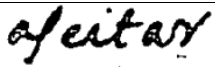
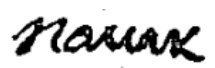
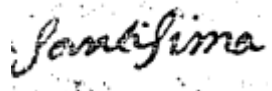
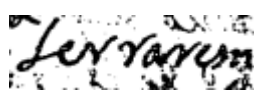
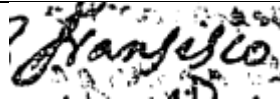
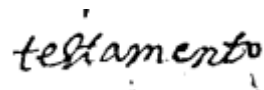
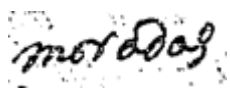
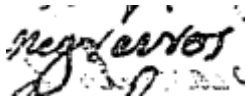
Essas características grafemáticas foram analisadas a partir da elaboração, e posterior estudo, de dois quadros *scriptográficos*. O primeiro quadro está disposto em quatro colunas: a primeira indica a letra, de A a Z, sob análise; da segunda à quarta, há o recorte da letra e da palavra no fac-símile indicando, respectivamente, em cada uma delas (colunas), o grafema minúsculo em posição inicial, medial e final do vocábulo, assim como sua respectiva localização no manuscrito (apontado pelo número do fólio e linha). O segundo quadro, por sua vez, organiza as variantes grafemáticas das maiúsculas e se organiza em cinco colunas, respectivamente: a primeira indica o grafema de A a Z; na segunda há a imagem do grafema; o contexto, ou seja, a palavra da qual foi recortada a imagem da segunda coluna, está na terceira, seguidas da transcrição da palavra (quarta coluna) e a localização da ocorrência no manuscrito (quinta coluna). Na ocasião de não haver sido encontrada determinada letra, informa-se que “não há ocorrências”. Seguem abaixo os referidos quadros:

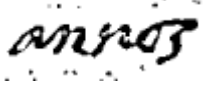
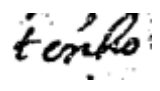

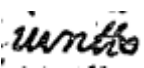

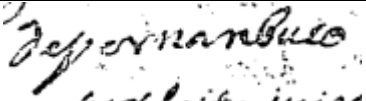

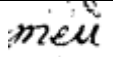
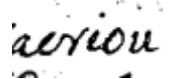

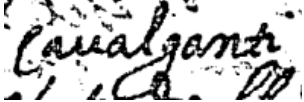
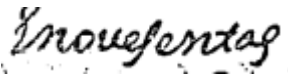
Quadro 2: Descrição escriptográfica das variantes grafemáticas minúsculas de André Vidal de Negreiros

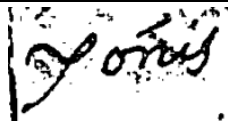

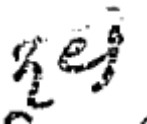
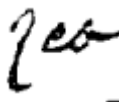
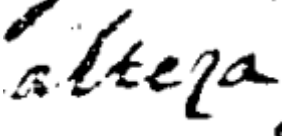
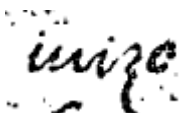
| Grafem a | Inicial | Medial | Final |
|-------------|--|---|---|
| a |   alma: f. 1r, l.15 |   natural: f.1r, l. 28 |   lisboa: f.1r, l. 24 |
| b |   bem: f. 2r, l. 73 |   depernanbuco: f. 1r, l. 5 | Não há ocorrências |
| c |  com: f.1r, l. 15  curraes: F.2r, L. 85 |  Encomendo: F.1r, L. 15  Ecunprimento: F.1r, L. 49 | Não há ocorrências |
| d |  Deos: F.1r, L. 13  Doassoñis: F.1v, L. 36  Ditas: F.1v, L. 36 |  Vontade: F.1v, L. 36  Instituto: F.1v, L. 44 | Não há ocorrências |
| e |  Encomendo: f.1r, L. 15 |  Pedro: f.1r, L. 6 |  Resife: F.1r, L. 6 |

| | | | |
|---|--|---|--|
| | | | |
| f |  Fui: flr, L. 26  Fui: flr, L. 23 |  Resife: F.1r, L. 6 | Não há ocorrências |
| g |  governador: F.1r, L. 8 |  Angolla: F.1r, L. 9 | Não há ocorrências |
| h |  He: F.1v, L. 36 |  chamar: F.1r, L. 13  Minha: F.1r, L. 15 | Não há ocorrências |
| i |  Irmam: F.1v, L. 65 |  Goianna: F.1v, L. 53  |  Mi- F.1r, L. 19  |

| | | | |
|---|---|---|--|
| | | minha: F.1v, L. 51 | Institui: F.1r, L. 36 |
| j |  joão: F.1r, L. 65 | Não há ocorrências | Não há ocorrências |
| k | Não há ocorrências | | |
| l |  lhes: F.2r, L. 70 |  filho: F.2r, L. 73 |  natural: F.1r, L. 28 |
| m |  Irmam: F.1r, L. 28 |  alma: f.1r, L. 15  Testamento: f.1r, L. 13 |  virgem: F.2r, L. 70  Irmam: F.1v, L. 65 |
| n |  nem: f.1r, L. 26 |  Santos: f.1r, L. 21 |  Acon- Santos: f.1v, L. 55 |
| o |  O: F.1v, L. 55 |  Novo: F.2r, L. 78 |  Sargento: F.2r, L. 82 |


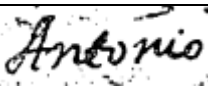

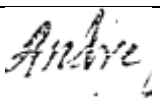

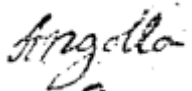
| | | | |
|---|--|---|---|
| | |  Manoel: F.2r, L. 87 |  Manoel: F.2r, L. 75 |
| p |  pedro: F.1r, L. 20 |  capitania: F.2r, L. 77  capibaribe: F.2r, L. 80 | Não há ocorrências |
| q |  Queiraõ: F.1v, L. 46 |  aqui: F.1v, L. 40 |  q: F.1v, L. 35 |
| r |  -ram: F.1v, L. 59 |  capibaribe: F.2r, L. 80 |  aseitar: F.1v, L. 46  Navar-: F.2r, L. 79 |
| s |  Santisima: F.2r, L. 73  |  fransisco: F.3r, L. 145  |  Moradas: F.3r, L. 141  |


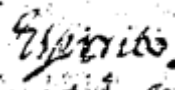

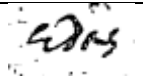

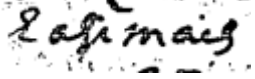

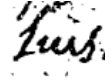




| | | | |
|---|--|---|---|
| | Serrarem: F.2r, L. 90 | Testamento: F.1v, L. 35 | Negreiros: F.3r, L. 145  annos: F.1r, L. 4 |
| t |  Teinho: F.3r, L. 142 |  Ultima: F.3r, L. 143  Iunto: F.3r, L. 137 | Não há ocorrências |
| u |  Ultima: F.1v, L. 35 |  depernanbuc: F.1r, L. 10  fui: F.1r, L. 26 |  Meu: F.1r, L. 13  acriou: F.1r, L. 15 |
| v |  Vontade: F.3r, L. 143 |  Cavalganti: f.3r, L. 148  Enovefentas: f2r, L. 72 | Não há ocorrência |
| w | Não há ocorrências | | |




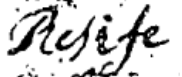



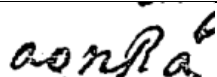

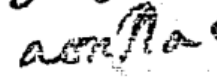
| | | | |
|---|--|--|--------------------|
| x |  -xoñis F.2r, L. 91 |  epaixaõ: F.2r, L. 70 | Não há ocorrências |
| y | Não há ocorrências | | |
| z |  -zes: F.2r, L. 13  -zea: F.2r, L. 80 |  Alteza: F.1r, L. 6  Iuize: F.1r, L. 11 | Não há ocorrências |

Fonte: Elaborado pela autora.

Quadro 3: Descrição escriptográfica das variantes grafemáticas maiúsculas de André Vidal de Negreiros

| Grafema | Imagem | Contexto | Transcrição | Ocorrência |
|---------|---|---|-------------|-------------|
| A |  |  | António | F.2r, L. 79 |
| |  |  | Andre | F. 1r, L. 6 |
| |  |  | Angolla | F. 1r, L. 9 |
| B | Não há ocorrências | | | |
| C | Não há ocorrências | | | |
| D | Não há ocorrências | | | |

| | | | | |
|---|---|---|------------|---------------|
| E |  |  | Espirito | F. 1r, L. 1 |
| |  |  | Edas | F. 1r, L. 10 |
| |  |  | E asi mais | F. 2r, L. 78 |
| F | Não há ocorrências | | | |
| G | Não há ocorrências | | | |
| H | Não há ocorrências | | | |
| I | Não há ocorrências | | | |
| J | Não há ocorrências | | | |
| K | Não há ocorrências | | | |
| L |  |  | Luis | F. 2v, L. 112 |
| M |  |  | Manoel | F. 1v, L. 42 |
| |  |  | Mor | F. 2v, L. 112 |
| N | Não há ocorrências | | | |
| O | Não há ocorrências | | | |
| P | Não há ocorrências | | | |
| Q | Não há ocorrências | | | |

| | | | | |
|---|---|---|---------|--------------|
| R |  |  | EaRemio | F. 1r, L. 15 |
| |  |  | Resife | F. 1r, L. 5 |
| |  |  | eRogo | F. 1v, L. 45 |
| |  |  | aonRa | F. 2r, L. 72 |
| |  |  | aonRa | F. 2r, L. 72 |
| S | Não há ocorrências | | | |
| T | Não há ocorrências | | | |
| U | Não há ocorrências | | | |
| V | Não há ocorrências | | | |
| W | Não há ocorrências | | | |
| X | Não há ocorrências | | | |
| Y | Não há ocorrências | | | |
| Z | Não há ocorrências | | | |

Fonte: Elaborado pela autora.

4 DEFININDO OS CRITÉRIOS DE EDIÇÃO SEMIDIPLOMÁTICA

OsComo mencionado anteriormente (c.f.), para fazer linguística histórica, são imprescindíveis a Filologia e, mais precisamente, a Edição Crítica de textos; portanto, valemo-nos neste trabalho das edições feitas com rigor filológico para então nortearmos nossa pesquisa, prezando, decerto, pela autenticidade e fidedignidade linguística do documento a ser estudado.

Sendo assim, tendo em vista a realização de uma edição semidiplomática, os critérios aqui definidos foram baseados³, sobretudo, nas *Normas de Transcrição de Documentos Manuscritos e Impressos – Edição Semidiplomática*, fixadas por Afranio Barbosa e Marcelo Módolo (CASTILHO, 2020):

1. A transcrição será conservadora.
2. As abreviaturas serão desenvolvidas, marcando-se - em itálico - as letras omitidas.
3. Não será estabelecida fronteira de palavras que venham escritas juntas, nem se introduzirá hífen ou apóstrofo onde não houver.
4. A pontuação original será mantida.
5. A acentuação original será mantida.
 - 5.1. Eventuais decisões sobre a posição do diacrítico na edição serão expostas em nota de rodapé.
6. Será respeitado o emprego de maiúsculas e minúsculas como se apresentam no original.
7. Quando houver dúvida sobre a decifração de alguma letra, parte de ou vocábulo inteiro, o elemento em questão será posto entre colchetes [] e em itálico.
8. Serão utilizados [.] para letras, [ilegível] para vocábulos e [ilegível. + n linhas] para a extensão de trechos maiores quando esses por deterioração ou rasura.: corroído, furo, borrão, rasura, etc.
9. Letra ou palavra(s) simplesmente não decifradas, sem deterioração do suporte serão assim indicadas: [?] para letras, [inint.] para vocábulos e [inint. + n linhas] para a extensão de trechos maiores.
10. A divisão das linhas do documento original será preservada, ao longo do texto, na edição, pela marca de uma barra vertical entre as linhas. A mudança de parágrafo será indicada pela marca de duas barras verticais.

³ De maneira geral, alguns critérios, especificamente não previstos em Castilho (2020) foram adaptados: em 5.1 decidiu-se que as decisões sobre os diacríticos foram descritas em nota de rodapé ao longo da edição; em 10.1 escolheu-se manter na transcrição a disposição gráfica do texto manuscrito.

- 10.1. A transcrição também foi feita respeitando a disposição gráfica do texto no manuscrito.
11. As linhas serão numeradas de cinco em cinco a partir da quinta, à margem direita da mancha, à esquerda do leitor, em fonte Times New Roman, tamanho 8.
12. A mudança de fólio ou página receberá a marcação entre colchetes com o respectivo número e indicação de frente (recto) ou verso.

5 A EDIÇÃO SEMIDIPLOMÁTICA DO DOCUMENTO: MAIS UM GRÃO PARA CONTAR A HISTÓRIA...

Apresentam-se, nesta seção, as edições fac-similar e semidiplomática de 06 páginas, escritas em recto e verso, totalizando 12 fólios do Testamento de André Vidal de Negreiros. Para caracterizar o referido manuscrito do período colonial, o qual pertence ao banco de texto CE-DOHS, marcou-se a coleção como Vidal de Negreiros (CVN) e, em seguida, o gênero do documento, testamento (TEST), obtendo, dessa forma, como identificação do manuscrito a seguinte: CVN-TEST.

Para melhor visualização do leitor, uma vez que o *Projeto Resgate Barão do Rio Branco* disponibilizou duas páginas do documento em uma única digitalização, as imagens do fac-símile foram recortadas e ampliadas. Os critérios utilizados na edição foram descritos na seção anterior e podem, a qualquer momento, serem conferidos pelo leitor; eventuais decisões tomadas pelo editor ao longo do labor da edição foram sinalizadas em nota de rodapé.

Assim, seguem as edições.

[illegible]

CVN-TEST

[fol. 1r]⁴

Jezus Maria Joze |

- Em nome de deosEdasantisima trindade padre efilho Espirito sanctottrespe |
- soas E hum sodeos verdadeiro. saibaõcoantos essa sedulladetestamen[to]=⁵ |
- UltimaEdeRadeira vontade viremquenoannodonasimentodenososse⁶ |
- 5 nhorJezuscristonaerademileseissentosesetentaEoitoannosaoscator |
- [z]ediasdomesdemaiododitoannonesteResifecapitaniadepernanbuco |
- donde Eu Andrevidaldenegreirosdoconselhodesua alteza fidalgo dessuaca |
- [.]mendadoracomendadesaõpedrodossuldaordemdecristoalcaidemor |
- [ilegível]⁷rialvaEmoreira governador E cappitaõ geral *que* fui dos |
- 10 Reinos de Angolla E do estado do maranhao E governador tres vezes da |
- cappitaniadepernanbucoEdos mais do nortemeachodeprezente |
- estando em meu perfeito iuizoEentendimento *que* deosmedeu com todos |
- os sinco sentidos EporconheserainsertezadavidaEnaõsaberahoraem=⁸ |
- quedeosnossosenhorseraservidochamarmeordenomeu testamentto⁹ |
- 15 namaneiraseginte. ||

primeiramente encomendo aminha alma adeos *que* acriouEaRemio com |

⁴ Na lateral direita do fôlio, há o carimbo do “ARQUIVO HISTÓRICO COLONIAL”.

⁵ Ao lado da última letra da linha, há dois traços horizontais paralelos que se assemelham ao sinal “=”.

⁶ Acima das letras “sse”, há página está deteriorada.

⁷ Nesse ponto da página, a tinta está mais clara, mas há também traços que se supõe ser deterioração da página.

⁸ Ao lado da última letra da linha, há dois traços horizontais paralelos que se assemelham ao sinal “=”.

⁹ Abaixo das letras “tto”, entre os parágrafos, há um carimbo.

- seu prezioso ange pedindo lhe me perdoe meus pecados E avirgem senho |
 ranosa [many] sua E Rainha dos anjos sei minha advogada E interse |
 ssora com o seu unigenito¹⁰ filho para que me de perdaõ de todas as culpas |
 20 E ofensas que contra elle hei cometido E o mesmo peso ao arcangelosaõ Mi |
 gel E aos santos apostolos saõ pedros saõ paullos E aos santos de meu nome |
 E a todos os mais santos E a santas da corte se leste. E protesto morrer e vi |
 ver na santa se catolica como verdadeiro cristaõ filho seu. ||
 declaro que sou natural da cidade de paraiba filho de litomatri monio |
 25 de francisco vidal natural da cidade de Lisboa e de catherina fereira |
 ra natural de porto santo os coessaõ falecidos da vida presente |
 e que sou solteiro E nunca fui cazado nem fiz promessas de o ser. ||
 declaro que não tenho nenhumerdeiro forçado que aia de erda minha¹¹ |
 fazenda pelo que instituo por minha erdeira universal amiãha |
 30 almadetodos os meus bens que se acharem pertense a miãha |
 damentecunprindose tudo as do asoñis que teñho feito antes¹² |
 deste testamento E a instituiosaõ E doacaõ que teñho feito amiãha |
 capela invocasaõ nossa senhora do desterro sita nos meos cu |
 [ilegível]¹³ al dei edotei os bens nela declarados; Edos que mais sse |
 35 [ilegível] fora [das] ditas do asoñis meus testamento [ilegível]¹⁴ |

¹⁰ Acima da letra “n”, há um traço no sentido diagonal. Escolheu-se transcrever esse traço como um til (~), em suas ocorrências sobre as consoantes nasais “m” e “n”, ao longo do documento.

¹¹ Ao lado da palavra “miãha”, na lateral direita do fôlio, há uma rasura.

¹² Na lateral direita do fôlio, há um traço vertical e um traço horizontal cruzados, assemelhando-se a uma cruz, e, abaixo desses, há dois traços horizontais paralelos.

¹³ Há uma mancha em formato retangular contrastante, que impossibilita a leitura.

¹⁴ Há mancha impossibilitando a leitura das palavras na linha.

[fol. 1v]¹⁵

dellesnaforma *que* em meu testamento ordeño por *que* minha ultima |
 vontade he *que* inteiramente se guardem as ditas doassoñisE institui|
 ssaõdacapellaesenesesariohepara sua validade por esta miñha ultima|
 vontade confirmo tudo o~~que~~nas ditas escreturasteño posto Eno|
 40 mais *que* pareser melhor ameos testamenteiros *que* abaixo nomeio=¹⁶|
 os coaesme faram os mais sufragios *que* aqui nomear.||

 x declaro *que* instituo por meos testamenteiros aos Reverendos[pa]¹⁷|
 4 dresManoelvidaldenegreirosEantõnio¹⁸desouza ferrasanbos|
 saserdotes doabitodesaõpedroEemsuaaizensiaaoadmenis|
 45 trador¹⁹dacapella~~que~~teñho instituido[E]em sua auzensia ao prove|
 dor dasantacaz a damizericordiadelisboa aquempessoeRogo|
 pelo amor dedeosqueiraõaseitar serem meos testamenteiros|
 aos coaesEacadahuminsolido dou todo opoder *que* endireito posso|
 e fornese sario parademeosbeñis tomarem euenderemo~~que~~nesse|
 50 sarioforparameu enterramentoecunprimentodemeoslegados|
 Epagademñhas²⁰diuidas.||

¹⁵ No canto inferior direito do fôlio, há linhas diagonais que atravessam parte das linhas. Infere-se que são sobras do suporte.

¹⁶ Ao lado da última letra da linha, há dois traços horizontais paralelos, que se assemelham ao sinal “=”.

¹⁷ O fôlio está com um rasgo horizontal, em sua lateral direita.

¹⁸ O sinal diacrítico se encontra entre as letras “o” e “n”; escolheu-se colocá-lo sobre a letra “o”.

¹⁹ Na lateral esquerda do fôlio, há um traço vertical e um traço horizontal cruzados, assemelhando-se a uma cruz, e, abaixo desses, há dois traços horizontais paralelos.

²⁰ O diacrítico está posto entre as letras “m” e “i”; escolheu-se colocá-lo sobre a letra “i”.

x meucorposerasesepultadonamiñhacapelladenosa senhorado|
 5 desterositanosmeoscurraes ounamiñhacapeladoengeñho|
 novodesantoAntoñiodegoiianacomoabitodenosasenhora do=²¹|
 55 monte docarmo Ede saõfransiscopor debaixo do meu manto com|
 todos os confrariossaserdoteseReligiozos *que* ouver com o acon|
 p anhamento dos frades docarmopagandoseatodosEos mais gas|
 tosdemeu enterro Eatodos os pobres *que* me aconpanharem .esedi|
 ram todas as misas *que* sepuderem dizer decorpo presente. emefa|
 60 ramasepultura ao entrar daportaprinsipaldaigreiadabondade|
 dentro donde me enterrare²²Enao aia sermaõdenenhuã maneira|
 de minha morte por *que* não tem *que* diserdemimcouza *que* boaseia|
 mais²³ *que* das muitas egrandesofensas²⁴*queteñho*feitoaomeude[os]|
 esemorrerestandonaparaibaserameucorpo enterrado [no]|
 65 conventodenosasenhoradomontedocarmonasepulturadonde|
 estaenterrado meu pai francisco Vidal emiñhairmamiza|
 bel ferreiradeiaemEenterrandome no dito convento do carmo|
 selhedara de esmola sincoentamilReis.|
 x [declaro]²⁴ *que* meos testamenteiros me mandem dizer duasmil|
 6

²¹ Ao lado da última letra da linha, há dois traços horizontais paralelos, que se assemelham ao sinal “=”.

²² Há uma mancha sobre a letra “e”. Infere-se que seja a rasura sobre um diacrítico que indica nasalização.

²³ Há uma mancha na margem esquerda do fôlio, na altura das linhas 63 e 64.

²⁴ Há mancha sobre o trecho. Infere-se, pela estrutura do documento, que a palavra seja *declaro*.

[fol. 2r]

70 E coatrosentasmisas por minha ²⁵alma pelos saserdoteseReligiozos|
 que lhes pareserasabersetesentasmorteepaixãodemeuSenhor|
 Jezu cristoequinhentasaonRadassuassincochagas trezenttas|
 aonRadasantisima trindade EnovesentasaonRados nove me|
 zes que avirgemSantisima trouxeoseubemditofilhoemseusagra|
 75 doventre.||
 declaroque²⁶teñhosincoengenhoscoatrodeaguacõtodasasterras|
 partidospastoseleñhasescravoscobresboisetudoomaisnesesario do|
 isnacapitaniadaparaibadainvocasaõsaõjoaõbautistaEem|
 geñhonovodesantoAntoñio E asi mais outro engeñho novo de|
 80 santo AntoñioengoiannaEo engenho desaõfransisco sito navarzea|
 decapibaribedepernanbuc .EasimaishummolinotenaRibe|
 radegoiannainvocasaõnosa senhora daconseisaõ *que* teñhoaRenda|
 do ao Sargento maior fransiscocamellovalcaser por cada anno coa|
 trosentosmilReis pagos em asucar postos noResifeacomo²⁶va|
 llernaprasa||
 86 declaroque²⁷teñho mais vinte curraesdegado vacuum ²⁷com os es|
 cravos nesesariosemutas terras enquesepodem por mais curra|
 es. as coaesconpreiamanoel correia pestañaEadoutorsimaõ²⁸|
 alveresdelapeñha como²⁹ consta dasescreturasetitulos . ||

²⁵ Há um traço diagonal acima da letra “i”.

²⁶ Acima da letra “o”, há um traço na diagonal, que se assemelha ao diacrítico que indica nasalização.

²⁷ No espaço em branco entre os parágrafos e acima, d’entre as palavras “vacum” e “com”, há um carimbo menor do “ACERVO HISTÓRICO COLONIAL”.

²⁸ Abaixo da letra “õ”, na margem direita do fôlio, há um traço horizontal sobre um traço vertical, que se assemelha a uma cruz de malta. O símbolo está sobre uma parte do carimbo do “ACERVO HISTÓRICO COLONIAL”.

²⁹ Acima da letra “o”, há um traço na diagonal que se assemelha ao diacrítico que indica nasalização.

- 90 asi mais teñho as terras decaressequeconpreiaosarauiosdondette|
 hohumasseRariascomescravoseboisnesesarios *paraserrarem* cai|
 xoñiselavrarem mantimentos pera meneio dos engenhos .|
 asi mais teñhohumasortedeterranailhadetiririenqueteñho|
 humaRedecomhummulatoEcoatroousincopesas de escravos||
- 95 x declaro *que* alem destes curraes deixei mais humiuntoaermida|
- 12 denosa *senhoraque* lhe doeí coando levantei adita capella *para*ffa|
 brica daditaigreja||
- declaro *que* tenho conpradonaRibeirademanguapehuma [*par*]³⁰|
 ttedeterraacapi[*tão*]³¹[*du*]³²artegoñesdasilveiraenquetenho|
- 100 humasseRarias com [*esc*]³³ravosebois.||
- x declaro *que* tenhohu[.]³⁴chaños na Resife da banda [ilegível]³⁵³⁶|
- 13

³⁰ Há mancha.

³¹ Há mancha.

³² Há mancha.

³³ Há mancha.

³⁴ Há mancha que torna a letra ilegível.

³⁵ Há mancha que torna o texto ilegível.

³⁶ No canto inferior direito, na margem à diagonal da última linha, há um traço vertical e um traço horizontal cruzados, assemelhando-se a uma cruz, e, abaixo desses, há dois traços horizontais paralelos.

to as casas de Antonio Ferreira Nabello q' comprou aofazenda meo Andre
 + gomes fuma dasuirmas das lhera vinheiro por alcuinha eosi mais hua
 forte de terra na praça de barreta q' ouae deoas de mendo onla fur
 itado.

14 ~~13~~ ali mais tres mil brasas de terra q' comprei ao alferes Francisco fernan
 des beio e aha lunkdao unta as terras dos meos curraes.

15 ~~14~~ comprei hua forte de terra a alvaro teiperra de meo q'uita nomofari
 bique unta aofazenda eng' estaku curral de gado com fozes e vauos
 e aopadre Manoel Vidal de negreiros p' seu patrimonio.

16 ~~15~~ tenho mais hua data de terras de des legoas encostada no Rio da paraiba
 gada pelo conde de atogio e outras datas mais q' parte m com ellas y me
 deu o app^{am} Morq' Jo da lapitania da paraiba hua muires de lamalla.

17 ~~16~~ tambem tenho p' a parte da paraiba hua forte de terra em urupiran
 ga p' gado q' comprei com oeng^o novo de ante Antonio de goianna que
 pertence a fapella.

18 ~~17~~ declaro q' tenho na cidade da paraiba hua casa de sobrado e hua chana
 unta de llaas e hua pedreira com bu' forno de lla com toda a terra
 q' vai correndo athe o Rio da paraiba.

19 ~~18~~ declaro q' destes bens q' peso tenho dado e aninfulado a instituiçao
 da fapella de nra senhora de deus ro dos meos curraes donde me
 eide deo lher com alguns sacerdotes; o eng^o novo de ante An

20 ~~19~~ tonio de goianna com todas as suas terras partidas cobres bois e pe
 sas de esoraios etudo omias pertencente a dito eng^o e as mais
 as terras de lareffe q' comprei a os oraios donde tenho hua ste

21 ~~20~~ rarias clausuras de lloas com todas as pesas de esoraios bois e
 carros. e as mais lher de a ofeinte curras de gado na cum q' d

22 ~~21~~ tenho nos limites da terra nova itanibe na capitania de itama
 rala do Rio da paraiba com todos os esoraios terras q' nauidade
 de lherem nas esoraturas eng' llo dem por mais curraes.

23 ~~22~~ declaro q' tambem tenho dado e deito a fapella o eng^o novo
 de nra senhora de deus ro na capitania da paraiba com todas as terras q' me
 deu o app^{am} Morq' Jo da lapitania da paraiba com todas as terras q' me
 deu o app^{am} Morq' Jo da lapitania da paraiba com todas as terras q' me

[fol. 2v]

- tto as cazas de Antõioferreira Rabello *que*conpreiaocapitaõ mor Andre|
- goñes³⁷piñaEaseuirmaõ [?]ao cheira dinheiro por alcũhaEasi mais huma|
- ssortedeterranapraiadabarreta *que*ouvedeioaõdemendonsafur|
- 105 ttado.||
- x asimaistresmilbrasasdeterraq*ue*conpreiaoalferes fransiscofernan|
- 14 desbeiaEasua cunhada iunto as terras dos meoscurreaes.||
- x conpreihuma sorte deterra a alvaroteixeira de mesquita nomosan|
- 15 bique iuntoaoseuasudeen*que* esta humcurral degado com seos escravos|
- 110 dei ao padre Manoel vidaldenegreiros *para*seupatrimõio.||
- x ttenho mais huma data deterras dedes legoasencoadra no Rio daparaiba|
- 16 dada pelo conde deatogiaEoutras datas mais *que* partem com ellas *que* me|
- deu ocappitãoMor *que* foi dacapitaniadaparaibaLuisnuñesdecarvalho .||
- x tambem tenho *para* aparttedaparaibahuma sorte deterra em iurupiran|
- 115 17 ga *paragado que*conprei com o engenhonovo desantoAntõiodegoianna*que*|
- pertenseacapella.||
- x declaro *que* teñhonacidadedada paraibahumasczasdesobradoEhunschanos|
- 18 iuntodellasEhuma pedreira comhumforno decal com toda atterra|
- que* vai correndo atheoRiodaparaiba.||
- 120 x declaro que destes beñis *que* pesuoteñho dado Eavinculado a instituisaõ|
- 19 dacapela³⁸denosa senhora de desterro dos meoscurraes donde me|

³⁷ Há um “x” na margem esquerda do fólio, ao lado da linha.

³⁸ À margem esquerda do fólio, ao lado da linha e abaixo do número “12”, há um traço horizontal e um traço vertical cruzados, assemelhando-se à cruz de malta. Na direcção diagonal desse símbolo, há um “x”.

eideRecolhercomalgunsaserdotes;oengenõhonovodesantoAn|
 toñiodegoiianacomtodas assuasterraspartidoscobresboisepe|
 sasdeescravosetudoomaispertensenteaoditoengenhoEasimais|
 125 asterrasdecaressequeconpreiaosarauiosdondeteñhohumasse|
 rrariaselavourasdeRosas com todas as pesas deescravos bois E|
 carros; Easi mais lhe doeidei os vinte curraesdegado vacum que|
 teñho nos limites daterra nova itanibenacapitaniadeitama|
 racaeRiodaparaibacomtodososescravosterrasquenaverdade|
 130 seacharemnasescreturasenquese podem por mais curraes.||
 x declaro *que* tanbemteñho dado Edoadoadittacapella o engenõho|
 20 desaõjoaõ sito nacappitaniadaparaiba com todas³⁹as terras par|
 tidos⁴⁰ [ilegível]⁴¹ escravos ebois etudo omais pertensenteaella=⁴²|

³⁹ Há mancha sobre as letras “o” e “d”.

⁴⁰ No canto da margem esquerda do fólho, ao lado da linha, há um traço vertical e um traço horizontal cruzados, assemelhando-se a uma cruz, e, abaixo desses, há dois traços horizontais paralelos.

⁴¹ Há mancha.

⁴² Ao lado da última letra da linha, há dois traços horizontais paralelos, que se assemelham ao sinal “=”.

[fol. 3r]

- Easi mais as terras de manganguape *que* conpreiaReitoabertoaocapitaõ|
- 135 duarte gomes dasilveira donde teñohumaseRaria com pesas bois|
- parameneio* dos ditos engeñhos doados acapella.||
- x declaro*quetanbem*tenhodoadoaditacapelladenosasenhora dodes|
- [2]1 tterrotodosos chanos *que* teñhonoResifedabanda domar iuntto|
- as cazas de Antõioferreira Rabello donde Mariapereiratem|
- 140 duas⁴³cazinhascomlisensamiñha*quedeicom*condisaõdeasdesman|
- char . todas as vezes *que* Eulho ordenar donde sepodem fazer muito|
- boas moradas decazasepasos nas loias *para*Rendimento dadita capela|
- edetodos estes beñisteñho ia feito escretura por ser esta miñha|
- ultima vontade⁴⁴||
- 145 x declaro *que* teñho dado aminha afilhada doñacatheriñavidal=⁴⁵|
- [2]2 denegreirosoengeñhodesaõfransiscositonestavarzeadeca|
- pibaribecomtodasasterras epartidoscobresboisepesasetudo|
- omaispertensenteaellecomotanbemasterrasqueconpreiaocapi|
- ttãAntõiocavalgantidealbuquerqueiundoaoasudedealvaro|
- 150 teixeira o*que* tudo lhedou pelo amor de deos para seu dotteEcaza|
- mento asi por ser miñha afilhada de bautismo como pela aver|
- criado em miñhacaza com as condisoñisEclauzulas declaradas|
- na escretura *quel*hefisdadoasaõdeditoengñhodesaõfransis|

⁴³ Há uma avaria no suporte, causando uma mancha sobre a sílaba “du”. Provavelmente corrosão ou rasgo.

⁴⁴ Ao lado da palavra, há um traço horizontal e um traço vertical cruzados, assemelhando-se à cruz de malta. Logo à direita do símbolo, no espaço entre as linhas 144 e 145, há um carimbo do “ARQUIVO HISTÓRICO ULTRAMARINO”.

⁴⁵ Ao lado da última letra da linha, há dois traços horizontais paralelos que se assemelham ao sinal “=”. Subposto à palavra “vidal” e aos referidos traços, há uma parte do carimbo do “ARQUIVO HISTÓRICO COLONIAL”.

coedclaro⁴⁶quenoditoengenõhodeixeique⁴⁷deseos Reditossedeseem|
 155 dois mil cruzados ao alferes fransisco⁴⁸defreitasvidal pelo amor de|
 deos os coaesselhedaram ainda quedonnacatherinavidaldenegrei|
 rosnaõ⁴⁶caze nem seia freira de coalquer sorte ordeñoameostesta|
 menteiroslhedem estes dois mil cruzados doRendimento do dito em|
 geñho⁴⁷desaõfransiscoencazo que a dita dona catherinanaõ tome esta|
 160 do por que tomando ellaouseu marido lhossatisfaramaduzentos mil|
 Reis encadahumanno em asucresecomo⁴⁸ valer nesta prasa do Resife.||
 x declaro *que* deixo defora das escreturas que tenho feito da capela de|
 23 nosasenhra do⁴⁹ desterro como⁵⁰dameninadonnacatherinavidal|
 de negreiros oengenho novo de santo Antõnio deagua [*sito*] na|
 165 capitania daparaiba que conprei ao capitão duarte gomes da [*silv*]eira⁵¹|

⁴⁶ Há mancha sobre a letra “n”.

⁴⁷ Há mancha sobre as letras “g” e “e”, provavelmente causada na ocasião da digitalização do documento.

⁴⁸ Acima das letras “o” e “m”, há um traço na diagonal. Entretanto, não é possível identificar se é uma mancha da tinta do fólio 2 recto ou o diacrítico utilizado para sinalizar a nasalização.

⁴⁹ Há mancha sobre a letra “d”.

⁵⁰ Acima da letra “o”, há um traço vertical. Entretanto, não é possível identificar se é uma mancha da tinta do fólio 2 recto ou o diacrítico utilizado para sinalizar a nasalização.

⁵¹ No canto inferior da margem direita, há uma mancha que impede a leitura da última linha. A mancha é provavelmente resultado da deterioração do documento.

adito abirto o qual deixo p^o pagar minhas diuidas ealguns Prestittu-
 ções q^o tudo deixo tanto de diuidas como de Prestittuções em tua me-
 + moria assignada por mim q^o deixo namas de meus testamenteiros
 os coaes pagaram tudo inuolauelmente com grande cuidado pa-
 ra dizenlargo d'aminha alma eaditeno aq^o testamenteiros
 ou cadalhu perço p^o as perdas d'ito engenho emas perdas
 delle para as diuidas de diuidas namemoria q^o abas digo não
 no auendo eu vendido em minha vida remeço q^o na aia p^o p^o
 por aelle meos testamenteiros aditendaram ou farão oq^o lhe
 parecer melhor com tanto q^o se pague as minhas diuidas e Pres-
 tittuções para d'elargo d'aminha alma

24. dellaro q^o tenho mais he molinete da inuolafas noa senhora da
 conselhaç. negreiros de gorianna junto ao rio de opibari be o-
 qual tenho a d'itendado ao fargento maior fransisco camelo bial
 coex por coa d'itendado milreis cada fassa q^o comegara de pagar
 a fassa q^o entro de 1678 talaba em sus lentos d'itendado no ue por
 dois noue annos e dois de de p^o e esta fassa q^o agora alabou adit
 pagar fincesta a fobas de asular biano biano forte p^o de co-
 brar delle solle leuaram em conta trezentos e oitenta milreis que
 por mim pagou de uss de hua cotaiva e p^o adito engenho lhe
 tenho dado todos os coex necessarios com obrigaç. de meos tor-
 nar a entregar no cabo de seu atendimento com o mesmo p^o e lid-
 fortados como lhos enrego.

25. deixo d'itendado milreis em cada hu anno amathias fidal de
 negreiros em coa fassa for uss o coex de deixo p^o de amor de deos
 + e por seauer oriado em minha casa os coaes d'itendado milreis
 pagaram meos testamenteiros de d'itendado de d'itendado
 de noa senhora da conselhaç.

26. deixo d'itendado ao padre Manoel fidal de negreiros como meu
 testamenteiro p^o de trabalho q^o adetox na d'itendado de meos
 legados e tamen^o de d'itendado milreis em cada hu anno em con-
 ta alle deus de d'itendado de d'itendado da inuolafas
 noa senhora da conselhaç. os coaes d'itendado milreis alon-

[fol. 3v]

aRetoaberttoocoal deixo para pagar minhas dividas E algumas Restittui|
sonis *que* tudo deixo tanto dedividascoñodeRestituisoñis em hua me⁵²|
moria⁵³assignada por mim *que* deixo namaõdemeos testamenteiros|
os coaes pagaram tudo inviolavelmente com grande cuidado pa|
170 radizencargo da minha alma Easi ordeno ameostestamenteiros|
ou cadahum per si ssoposaõ vender odito engenho emaispertenses|
delle para as ditas dividas Ref[e]ridas namemoria *que* atras digo naõ|
no avendo eu vendido em minha⁵⁴ vida Eemcazo *que*naõ aia compra|
dor aellemeos testamenteiros oaRendaram ou faraõo*que* lhe|
175 pareser melhor · com tanto *que*sepagem as miñhas dividas eRes|
tituisõis para descargo dañinhaalma.||
x declaro *que*eteñho mais hummolinote da invocasaõnosa senhora da|
24 conseisaõnafregiziadegoiiannaiuntoaoRiodecapibaribe o=⁵⁵|
coaltĩñhaaRendado ao sargento maior fransisco camelo val|
180 caser por coatrosentosmilReis cada safra *que*comesaradepagar|
asafra *que* entra de 1678 Eacaba em seis sentosesetenta e nove por|
dois nove annosedois de despeio eso esta safra *que* agora acabou ade|
pagar sincoentaRobasdeasucarbranco Ecoando for tenpo de co|
brardelleselhe levaram en conta trezentos EoitentamilReis *que*|
185 por mim pagou do custo de huma caldeira eparaoditoengenho lhe|

⁵² Há um risco horizontal subscrito ao trecho “em huma me”.

⁵³ À margem esquerda do fôlio, ao lado da linha, há um “x”.

⁵⁴ Há um traço vertical sobre a letra “m”.

⁵⁵ Ao lado da última letra da linha, há dois traços horizontais paralelos, que se assemelham ao sinal “=”.

teñho dado todos os cobres nesesarios com obrigacão demos tor|
naraentregarnocabodeseuaRendamento com omesmopezo Eco|
sertados como⁵⁶lhosentrego.||

x deixo duzentos milReisEmcada humannoamathiasvidal de|

190 25 negreiros emcoanto for vivo os coaes lhe deixo pelo amor d⁵⁷e deos|
epor⁵⁸seaver criado em minhacaza os coaes duzentos milReis|
pagaram meos testamenteiros do Rendimento do dito molino|
te nosa senhora daconseisaõ.||

x deixo Eordeño ao padre Manoel vidaldenegreiroscoño meu|

195 26 testamenteiro pelo trabalho *que*adeter na desposisaõ de meos|
legados *que*toñeparassi duzentos milReisencada humannoencoan|
tto elle viver· do Rendimento do dito molinote da invocasaõ|
nossa⁵⁹ senhora daconseisaõ os coaes duzentos milReis alem=⁶⁰|

⁵⁶ Acima da letra “o”, há um traço vertical. Entretanto, não é possível identificar se é uma mancha da tinta do fólio 2 verso ou o diacrítico utilizado para sinalizar a nasalização.

⁵⁷ Há uma mancha, provavelmente uma rasura, sobre a letra.

⁵⁸ À margem esquerda do fólio, ao lado da linha e abaixo do número “25”, há um “x”.

⁵⁹ Há mancha.

⁶⁰ Ao lado da última letra da linha, há dois traços horizontais paralelos que se assemelham ao sinal “=”.

[fol. 4r]

doseu trabalho lhos dou pelo amor dedeos pelo aver criado em=⁶¹|

200 miñhacaza · eporsua morte ede Mathias vidaldenegreiros pasara |

oditomolinotteacapelaquetenho instituidonacapeladenosasse |

nhora do desterro dos meoscurraes *paraque*oadmenistradordadita |

capella RepartaoRendimentodellenaformaen*que* o orden⁶²o|

na escritura da instituisaõdacapella.||

205 declaro que teñhoencazahumamulatiñha por nome violanteacoal|

7 forrei Eia lhe teñhopasado sua carta de alforria se cuandoca|

zar antes defalessereorden⁶³o ameos testamenteiros acazem|

com hum homem de bem elhedem seis escravos do gentio de gine|

para seu dotte · o coallhedou pelo amor de deos por se aver criado|

210 em miñhacaza.||

x ordeñoameos testamenteiros facaõ logo aigreiadenosa⁶⁴sse-⁶⁵|

[2]8 nhora do desterro dos meoscurraesdepedraEcal com tto=⁶⁶|

da aperfeisaõetodos os dormitorios *que* forem nesesarios|

para os saserdotes *que* la onde adestirEcaza para pobres eRomei|

215 rosEoutrossi ordeno sefacaõ outros dormitorios todos os *que* forem|

nesesarios no engenho novo desantoAntoñiodegoianna por|

⁶¹ Ao lado da última letra da linha, há dois traços horizontais paralelos que se assemelham ao sinal “=”.

⁶² Acima da letra “n” há um risco. Entretanto, não é possível saber se é uma mancha da tinta transpassada do fôlio 3 verso ou se é um diacrítico que sinaliza nasalização.

⁶³ Acima da letra “n”, há um risco. Entretanto não é possível saber se é uma mancha da tinta transpassada do fôlio 3 verso ou se é um diacrítico que sinaliza nasalização.

⁶⁴ No espaço que vai da última linha do parágrafo até a linha 211, há o carimbo do “ARQUIVO HISTÓRICO ULTRAMARINO”.

⁶⁵ Próximo à margem direita do fôlio, subposto às linhas 211 e 212, há uma parte do carimbo do “ARQUIVO HISTÓRICO COLONIAL”.

⁶⁶ Ao lado da última letra da linha, há dois traços horizontais paralelos que se assemelham ao sinal “=”.

detras da igreja para ali seRecolherem os saserdotes *que* estiverem|

naigreia denosa senhora do desterro coando vierem abaixo⁶⁷||

x declaro *que* sendo cazo *que* de os fasademim alguma couza antes de mi|

220 29 nha afilhada dona caterina vidal denegreiros tomar estado|

ordeñoameos testamenteiros lhe dem todo nese sario do Rendi|

mento do engenho de são fransisco para seu sustento e vestira theoto⁶⁸|

mar com toda alargeza [ilegível] de os aleuar para ssi antes de e ofazer me|

os testamenteiros lhe faram bem por sua alma e daram a sua|

225 manyizabel Rodrigues coatro pesas de escravos pelo amor de de os|

pelos bons servi[c]os *que* teñho Resebido della alem do negro Rodri|

gos apateiro *que* lhe dei coando acazei.||

x aterra *que* teñho na barreta *que* conpreia ioaõ demendo sa fur|

30 tado deixo a miñha afilhada filha do capitão fransisco barreiros⁶⁹|

230 pessoa por nome||

x declaro *que* teñho pago tudo coanto devia a se b [ilegível] uñes⁷⁰|

31

⁶⁷ À diagonal inferior da palavra, à margem direita, há corrosão.

⁶⁸ Ao lado da linha, à margem direita do fólho, há um traço vertical e um traço horizontal cruzados e, no vértice de cada um, há um traço perpendicular, assemelhando-se a uma cruz de malta. Há um ponto em cada uma das quatro áreas do símbolo.

⁶⁹ À diagonal superior da palavra, há um traço vertical e um traço horizontal cruzados.

⁷⁰ No canto inferior direito do fólho, há uma mancha que alcança as linhas 229, 230 e 231, tornando partes de alguns vocábulos ilegíveis.

[fol. 4v]

colares⁷¹Easeos filhos detodas as contas *que*tive ãosatheoie.||

x declaro *que* frei fransiscovidaloudamagdaleñaReligiozo carmelita|

32 que serviodepriordoconventodocarmodaviladeolindaEagora esta ser|

235 vindo deprovinsialdesuaReligiaõhefilho de inesbarrozapeçoa|

que era naquele tenpocazada com gasparnũnesEcoando elenaseo|

 era ainda vivo oditogasparnũnesEviveo ainda aodepois mui|

 ttosannoscoño consta das provansas *que* sua magestade lhe mandou|

 tirar coando lhefesmerse d[o] abito decristo dizendo nap[ilegível]|

240 *que* supria no inpedimento de ele frei fransiscovidal ser filho demolher|

 cazadacoño consta tanbem por hum sumario detesteñunhasque|

 ameuRequerementosetiraraõaperpetuaõ Rei memoriaõ *que* me|

 os testamenteiros daram clareza detudoesuposto *que*sediziaque|

 ele era meu filho nunca otive por esse *que*ofoira nunca podia|

245 elle nem aordemerdardemim asi por ser filho adulterino|

 coño por *que*coando elenaseo era Eu cappitaõdeinfantaria na|

 cidade dabahiaEavia sido alferes Eaiudantedamesmainfan|

 taria muitos annosalem de euser nobre eviversenpre alei de|

 nobreza mas por se aver criado em miñhacazaodito padre frei|

250 fransiscovidal ordeno ameos testamenteiros lhedem sem=|

 mil Reis todos os annosEnco anto elle for vivo somente os coa|

 es lhe pagaram do Rendimento do engenho novo desantoAn|

⁷¹ À margem esquerda do fólio, ao lado da linha, há um traço vertical e um traço horizontal cruzados. Em cada vértice, há um traço horizontal perpendicular. O símbolo se assemelha a uma cruz de malta.

- ttoñio⁷²daparaiba *que*conpreiaoCappitaõduarte gomes dasilvei|
 ra.||
- 255 x semeos testamenteiros meterem feitores mores nos curraes|
- 33 seiaõ os mulatos meos escravos por senaõ dar tanta partilha|
 aos⁷³ de fora||
- x declaro *que* sou iuis perpetuo daconfrariadenosa senhora de|
- 34 nazaretdaigreia *que* lhe fis em angollaamiñha custa naõso em|
- 260 vida mas ainda depois demortoEncoantoomundo durar|
 ordeñoameos testamenteiros lhe mandem fazer afestatto|
 dos os annos pagando o*que* me couber dos gastos delladandolhe|
 o nesenario asi *para* o ornato della como o*que* mais faltar man|
 dando⁷⁴tomar contas primeiro aquem corrrer *com* hum curral de|
- 265 gado vacuum *que* lhedeixei asenhora com outro sitio mais *que*|
 lh [ilegível]⁷⁵ *para* sepor outro curral *para* saber *que* Rende|

⁷² Há corrosão ao lado da linha, à margem esquerda.

⁷³ Ao lado da linha, à margem direita do fólio, há um traço vertical e um traço horizontal cruzados e, no vértice de cada um, há um traço perpendicular, assemelhando-se a uma cruz de malta. Há um ponto em cada uma das quatro áreas do símbolo.

⁷⁴ À margem esquerda do fólio, ao lado da linha, há um traço vertical e um traço horizontal cruzados.

⁷⁵ Há mancha que torna o trecho ilegível.

[fol. 5r]

Eo que falta coñotanbemoRendimento das esmolas *que* lasederem .||
 x declarodevoameoconpadreogovernadorjoaõfernandes vieira huma letrade|
 [3]5 sento esincoanta mil Reis *que* pasei em Angola aocappitaõpantaliaõRabe|
 270 lo devas conselos apagar a ele Easi mais sem mil Reis *que* em lisboamedeo|
 por sua ordem ieronimodeoliveiracardozo *que* tudo faz soma Econttia|
 deduzentosesincoentamilReis. etemResebidodemimogovernadorjoaõ|
 fernandes vieira nove pesas decartelhariadeferrodecalibre de|
 seis oito enove libras *que* trouxe do maranhão os coasmepeidio|
 275 para levar nasuanao*enque* foi para AngollaEasi mais huma ancora|
 muito grande para adita nao *que* foi avaliada em c[a]renta mil Reis|
 Eiuntamenteofretedamĩnhasumaca *que* mandou abahiaane|
 gosiosseosEdecoñonaõResebi mais desem mil Reis em lisboa|
 consta por hum escrito *quem*epasou por duas vias oditoieroñi|
 280 modeoliveiracardozo *que* teñho em meu poder. meostestamen|
 teirosmandram avaliar adita artilharia Eomais se aiusta|
 raaconta com odito senhor para pagar quem dever⁷⁶.||
 sendo cazo *que* depois depagarminhas dividas aia quem mepesaalgumde⁷⁷|
 lito ordeñoameos testamenteiros ponhaõacauzaenmaõ de doisoutres|
 285 Religiozos letrados deconsiensiaEo*que* eles iulgaremsefaçaeseia de ma=⁷⁸|

⁷⁶ Entre os parágrafos, abaixo da palavra “dever”, há o carimbo do “ARQUIVO HISTÓRICO ULTRAMARINO”.

⁷⁷ Próximo à margem direita do fólio, subposto às linhas 283 e 284, há uma parte do carimbo do “ARQUIVO HISTÓRICO COLONIAL”.

⁷⁸ Ao lado da última letra da linha, há dois traços horizontais paralelos, que se assemelham ao sinal “=”.

neira *que* fique amiñha alma descarregada Eaocredorescuze de|
gastar *dinheiro* com demandas||

x declaro *que*avendo algumas peçoas ou peçoadecoalquerestadio ou com|
37 disaõ *que*seiaaquemeudeixo alguma deixa manda ou esmola seo|
290 puzeramiñha fazenda *para* matirar ou for contra o*que* determino|
nesto meu testamento mando *que*atalpesoa ou pesoas *que* isto fi|
zerem lhe não deixo nada edesde logo lhe tiro tudo coanto lhe|
deixar Emeos testamentos odaram asi a execuçaõ.|
declaro *que* de hum Resto *que* eu estava devendo do⁷⁹ partido *que*conprei||
295 x apedro goñes velho easuasirmansnavarzea donde [*chamaõ*] [*o*] [*os*]|
38 pitalfis contas com o escrivaõetizoureirodasantacaza de mize|
ricordia davila deolinda aquem odito pedro gomes [*velho*] dei|
xou seos beñis deixando tanbem parte deles [ilegível]⁸⁰ ssua|

⁷⁹ Há mancha sobre o vocábulo.

⁸⁰ Há mancha sobre o trecho que o torna ilegível.

[fol. 5v]

natural eseachou ficar eu ainda devendo deRestodetoda acontia do|
 300 partido coatrosentos mil Reis: asaber duzentos Esincoenta mil|
 Reis asantacaza *que* logo pageiesento esincoenta mil Reis *que*opro|
 vedor emaisirmanosdamezadeixaraõ em miñhamaõ para ca|
 zamentodaorfa filha depedro gomes velho por conserto *que*sefes por|
 naõaver demanda com condisaõ *que* se en algum tenposemove se alguma|
 305 duvidaesemepedise esta contia de dinheiro ;amizericordia ficou o|
 brigada ametirarapasEasalvoapagarme tudo o*que* adita santa caza|
 d amizericordia tiver Resebidodemim como tudo consta doassento|
*que*sefes enmezadaquitasaõ do tizoureiroescrivaõ eirmañosdadi|
 ttameza *que* esta en meu poder Eestes ditos sento esincoenta|
 310 mil Reis *que*ficaraõ en meu poder pagei ia adita orfaEosResebeo|
 seu⁸¹ marido com quem oprovedoreirmañosdasantacazaacaza|
 raõ.||
 x deixo forros aocriouloJoaõferreiraEasuamolhermari|
 39 a pñaaantonicomosanbique domingos crioula *que* cria ame|
 315 niña dona cater⁸²inavidaldenegreiros aio anicaEaseu marido=⁸³|
 fransiscotronbetamadanellaizabel crioula catheriñaaseca|
 molher do mulato barbozameos testamenteiros lhe pararam=⁸⁴|

⁸¹ Ao lado da linha, à margem esquerda do fólio, há um traço vertical e um traço horizontal cruzados e, no vértice de cada um, há um traço perpendicular, assemelhando-se a uma cruz de malta.

⁸² Há um traço na diagonal sobre a letra “r”.

⁸³ Ao lado da última letra da linha, há dois traços horizontais paralelos que se assemelham ao sinal “=”.

⁸⁴ Ao lado da última letra da linha, há dois traços horizontais paralelos que se assemelham ao sinal “=”.

atodos suas cartas de alforria etanbem deixo forro adomingos mulato||

x aterra *quete*ñho no Rio de[a]roangi *que*conprei aos moreños dei|

320 40 xotanbemacapela *quete*ñho instituido||

x deixo ameusobriñho Antônio curado vidal as comendas *que* sua|

41 magestade metem dado asiadesaõpedro dosul em que estou em car|

tado como as demais de*que* metem feito merceepromesaEasi ma|

ismeos cerviçosepesoasua alteza *que* atentando aos muiitos|

325 ebons⁸⁵ serviços *quete*ñho feito acoroadeportugallhefasa todas es|

tasmercesEo queira onRarcomoutras mais avantaiadasEasi lhe|

deixo mais dois mil cruzados *que* lhe pagaram davenda ou Ren|

dimento do engenho novo desantoAntoniodaparaiba *que*conp[*rei*]||

a duarte [gomes][da][s]ilveira em asucres a duzentos mil Reis ca|

330 da annoacoño valer na prasa do ResifeElhe deixo mais o|

meu espadim de prata||

x deixo ametade demiñha Roupa branca a antoñio de [ilegível]||

42ra [ilegível] ⁸⁶Eoutra ametade apedro desiqueira etodos os|

⁸⁵ À margem esquerda do fôlio, ao lado da linha, há um “x”.

⁸⁶ Há mancha.

meos vestidos Eomolequaõcamocuso *que*oserveElhe corta erva *para*|
 335 oseucavallo.||
 x deixo amiñha prata E coatro coxins dedamascohumaçaña|
 43 dedamasco encarnado huma alcatifa huma colcha *para* ornatto.|
 dacapeladenosa *senhora* do desterro Edestascouzassenaõdesfa|
 ram nunca osadmenistradoresdacapela antes terem grande|
 340 [*cui*]dado dehumaeoutracouza.||
 x declaro *que para* cunprimeos legados ad cauzas pias aqui declarados|
 44 EdaremExpediensa *que* neste meu testamento ordeño torno ape|
 dir aos padres Manoel vidaldenegreirosEantoñiodesouzafe|
 rrasEaos mais testamenteiros asimã nomeados por servico de|
 345 deosnoso senhor epormefazeremmerçequeiraõaseitar serem=⁸⁷|
 meos testamenteiros comõ no prinsipio deste testamento pesso aos|
 coaesEacadahuminsolidum dou todo opoder *que* em direito posso|
 efornesesario *para* demeosbenis tomarem Evenderemo*que* nesse|
 sario for *para* meu enterramento Ecumprimentodemeos legados|
 350 Epagademiñhasdividas.||
 x deste modo ouve por acabado este meu testamento=⁸⁸|
 45 EstaheaultimaEverdadeiramiñha Vontade eRevogoehei|
 por Revogadoscoaes quer outros testamentos ou condessilios=|
que antes deste teñhafeito os coaesnaõ quero *que*tenhaõ for|

⁸⁷ Ao lado da última letra da linha, há dois traços horizontais paralelos que se assemelham ao sinal “=”.
⁸⁸ Ao lado da última letra da linha, há dois traços horizontais paralelos que se assemelham ao sinal “=”.

355 sa nem Vigor eso este quero *que* ValhaepesoeRogo as iusti|
 ssasdesua Alteza asi eclesiasticascomo seculares facaõcun=⁸⁹|
 prirEguardar este dito meu testamento asi edamaneira *que*=⁹⁰|
 nellesecontem *que*fisEasignei com minhapropriamaõsen|
 do testemunhas as pecoas abaixo nomeadas emeasiño|

360 Em dia Eeraasiña⁹¹||

//Andrevidaldenegreiros ||

x declaro *que* tenho mais huma sorte deterraengoianna entre|

46 oengenho de iacare e terra deioaõpacheco *que*conprei aos morênos *que*/
 tanbem deixo acapella.||

365

//Andrevidaldenegreiros ||

⁸⁹ Ao lado da última letra da linha, há dois traços horizontais paralelos que se assemelham ao sinal “=”.

⁹⁰ Ao lado da última letra da linha, há dois traços horizontais paralelos que se assemelham ao sinal “=”.

⁹¹ À direção diagonal, abaixo da palavra, há o carimbo do “ARQUIVO HISTÓRICO COLONIAL”. Ao lado desse, há o carimbo do “ARQUIVO HISTÓRICO COLONIAL”.

PARTE 4

Uma descrição da sintaxe das relativas: porque as descrições ficam

6 FENÔMENO NA LITERATURA: O QUE DEVEMOS RETER?

6.1 O QUE DIZ A GRAMÁTICA NORMATIVA

Na composição do quadro de estudos linguísticos realizados por pesquisadores que compunham diversos grupos de pesquisa em todo o Brasil são inúmeros os fenômenos linguísticos tomados como foco de estudos, sejam de cunho sincrônico, sejam de cunho diacrônico, que utilizam *corpora* orais ou escritos no auxílio de investigações sobre o PB. Um dos fenômenos cujo estudo compõe o quadro investigativo de aspectos sociais e linguísticos que caracterizam o PB trata-se da sintaxe das relativas.

As sentenças relativas são comumente nomeadas nas gramáticas normativas tradicionais brasileiras, a exemplo de Lima (2011), sob o rótulo de orações adjetivas. Conforme é sabido, as gramáticas normativas desempenham um papel prescritivo em relação aos usos linguísticos e, assim, levam às suas páginas não só a descrição de estruturas formais existentes em determinada língua, como também a prescrição de seus usos, o que, conseqüentemente, legitima algumas formas como corretas em detrimento de outras. Em suma, a gramática normativa sustenta uma variedade do português que aqui será chamada de “norma padrão” - socialmente prestigiada, difundida e legitimada por meio da escolarização. No caso das construções relativas, são definidas pelos gramáticos como aquelas que “(...) vêm normalmente introduzidas por um pronome relativo, e exercem a função de adjunto adnominal de um substantivo ou pronome antecedente” (CUNHA; CINTRA, 2017, p. 615), como exemplificado em:

- (1) O bolo *que comi* _____ estava gostoso.

Como se pode observar, a oração relativa modifica um nome *bolo* e integra o sintagma nominal *O bolo* encaixado na oração matriz *O bolo estava gostoso*, dando origem a um constituinte complexo. Esse tipo de oração é encabeçado por um pronome relativo (daí a sua nomenclatura) que além de introduzir a oração encaixada, retoma o nome que o antecede e exerce a função sintática do termo relativizado em cuja posição de origem é deixada uma lacuna

(____). Caso o termo relativizado seja um sintagma preposicionado, no caso das funções de objeto indireto, de oblíquo e de genitivo, a gramática normativa prescreve que o pronome relativo deve ser precedido de preposição:

- (2) O bolo *de que gosto* ____ não é mais comercializado.

Construções como (1) e (2) são chamadas de *relativa padrão*. Sua descrição não ultrapassa os limites além da sua relação com o termo de que faz parte e de suas classificações, quanto ao sentido, em restritivas e explicativas. Assim, de acordo com Basso (2019, p. 104), é essa a única estratégia reconhecida pela gramática normativa. Entretanto, conforme atestam os estudos linguísticos descritivos da realidade da gramática do PB, há muito mais sobre o que se falar das sentenças relativas. A seguir, nas seções subsequentes, serão discutidos outros aspectos das relativas considerados nos estudos em linguística.

6.2 A CARACTERIZAÇÃO DAS SENTENÇAS RELATIVAS

Uma sentença relativa é uma oração encaixada que figura como adjunto de um sintagma nominal inserido no interior de uma oração matriz (KENEDY; OTHERO, 2018). Dessa oração encaixada e de sua respectiva oração matriz, encontra-se uma relação de co-referência em que se envolvem o antecedente, o morfema relativo e a posição relativizada (LESSA DE OLIVEIRA, 2008, p. 21).

Tomando novamente como exemplo a sentença “O bolo que comi estava gostoso”, podemos representar tal descrição da seguinte maneira.

- (3) [OR. MATRIZ [SN **O bolo** [OR. ENCAIXADA **que comi** Ø] estava gostoso.]]

Em (3) o Sintagma Nominal (SN) *O bolo* figura como o antecedente e o conectivo *que* como o morfema relativo. A posição relativizada (em que deveria figurar o SN *o bolo*) não é realizada lexicalmente, e é então ocupada por uma categoria vazia (Ø), também reconhecida como uma lacuna.

No que se refere a suas classificações, as relativas podem se distinguir em três aspectos: (a) quanto ao tipo (restritivas e não restritivas, com antecedentes e livres); (b) quanto à função

sintática⁹² da posição relativizada (sendo possíveis relativas de sujeito (SU), de objeto direto (OD), de objeto indireto (OI), de objeto oblíquo (OBL) e de genitivo (G)); e (c) quanto às estratégias de relativização, que se dividem em estratégias padrão e não padrão (estando inclusas nessa última as relativas *resumptivas* e *cortadoras*).

Pela tradição gramatical a classificação mais comum, senão a única, é a que separa as relativas em restritivas e não restritivas⁹³ (explicativas, nas gramáticas normativas). Segundo Ribeiro (2009, p. 187-188) a diferença entre esses dois tipos se dá em uma ordem semântica, uma vez que as relativas restritivas restringem o nome a que se refere e as relativas não restritivas apresentam uma informação adicional acerca do núcleo nominal, que pode ser conhecido ou identificado independentemente da sentença relativa, em oposição ao núcleo nominal adjungido por uma relativa restritiva.

- (4) a. Está delicioso *o bolo* [que Ana encomendou Ø.]
 b. Está delicioso *o bolo* [, que Ana encomendou Ø.]

Em (4a), por exemplo, a relativa é restritiva uma vez que restringe, especifica e determina o núcleo nominal *bolo*, referindo-se apenas ao bolo *que Ana encomendou* como delicioso. Já em (4b) há referência a um único bolo que pode facilmente ser identificado sem o auxílio da relativa. É importante ressaltar a informação acrescentada por Ribeiro (2009) de que a relativa não restritiva deve ser separada do núcleo nominal ao qual se refere com entonação adequada e, na escrita, deve ser marcada por vírgula.⁹⁴

As relativas também se classificam em *relativas com antecedente* e *livres*. O aspecto levado em consideração ao se classificar as relativas entre esses dois tipos é quanto a presença

⁹² As funções citadas aqui se tratam das mesmas listadas por Lessa de Oliveira (2008).

⁹³ Optou-se aqui pela denominação relativas não restritivas, consoante Ribeiro (2009), embora seja encontrada na literatura a denominação apositivas, como prefere Lessa de Oliveira (2008).

⁹⁴ O primeiro desses dois critérios é um fator pragmático, ultrapassando as barreiras de um critério puramente sintático para caracterizar a diferença entre relativas restritivas e não restritivas. A problemática da clareza sobre a distinção entre esses dois subtipos de relativa já foi abordada na literatura, conforme aponta Lessa de Oliveira (2002, p. 23). Segundo a autora, Tarallo (1983) problematiza se essa distinção poderia ser melhor descrita como de ordem sintática, semântica ou pragmática. Para preencher essa lacuna teórica, a autora compartilha as diferenças sintáticas explicitadas por Cooper (1983) em sua investigação do inglês, afirmando que a maior parte das características apontadas pelo autor também podem ser verificadas no PB. Visto que essa subseção não tem como propósito esgotar essa discussão em específico, embora se reconheça sua fundamental importância no estudo das estruturas sintáticas das relativas e suas classificações, sugere-se a leitura de Lessa de Oliveira (2008) e Cooper (1983), citado por ela, para obter mais detalhes sobre as diferenças sintáticas entre as relativas restritivas e não restritivas.

(5a) ou não (5b) do termo antecedente ao conectivo que relaciona a oração matriz e a relativa encaixada.

- (5) a. Maria partiu *o bolo* [que Ana encomendou].
b. Maria partiu *o que* Ana encomendou.

Em (5a), por exemplo, o conectivo relativo *que* é antecedido pelo núcleo nominal *bolo*, caracterizando, assim, uma *relativa com antecedente*. Por outro lado, em (5b) não temos a presença do termo antecedente, de modo que essa oração seja classificada como *relativa livre*.⁹⁵

Há ainda características outras que diferem as relativas *com antecedente* das relativas *livres*. As relativas livres, além de não apresentarem o termo antecedente, somente podem ser introduzidas por *quem*, *o que*, *onde*, *como* ou *quando*⁹⁶, podem ocorrer apenas em relativas restritivas e nunca apresentam preposição antes do morfema relativo, caso a preposição não seja exigida no domínio da oração matriz ainda que o termo relativizado seja um sintagma preposicional (LESSA DE OLIVEIRA, 2008).⁹⁷

As relativas também são classificadas de acordo com a função sintática exercida pelo termo que ocupa a posição relativizada.⁹⁸ Logo, as relativas podem ser classificadas em (a) relativa de sujeito (SU), (b) relativa de objeto direto (OD), (c) relativa de objeto indireto (OI), (d) relativa de objeto oblíquo (OBL) e (e) relativa de genitivo (G).

⁹⁵ Segundo Ribeiro (2009, p. 189) há ainda um terceiro tipo de relativa quanto a presença ou não do termo antecedente. Denominadas relativas semilivres, essas sentenças “ocorrem com as formas *o que* e variações morfológicas, apresentando um nome nulo como antecedente do constituinte relativo; o determinante o concorda em gênero e número com este nome nulo”. A autora dá como exemplo as seguintes sentenças.

- (i) *O* que li foi estas revistas.
(ii) *As* que eu li foram estas revistas.

Em (i) a forma *o que* é invariável; em (ii) a forma é variável *as*, concordando em gênero e número com o nome nulo *as revistas*.

⁹⁶ Exemplos:

- (iii) Eu conheço *quem* mora nessa casa. | *Eu conheço *que* mora nessa casa.
(iv) Ela gostou *do que* ganhou de presente. | *Ela gostou *de que* ganhou de presente.
(v) Eu gosto *de onde* você mora. | *Eu gosto *de que* você mora.
(vi) *Como* você vai fazer isso não me interessa. | **Que* você vai fazer isso não me interessa.
(vii) Precisamos decidir *quando* as obras começam. | *Precisamos decidir *que* as obras começam. (LESSA DE OLIVEIRA, 2002, p. 26)

⁹⁷ Discute-se na literatura a semelhança entre as orações relativas e interrogativas indiretas.

⁹⁸ As classificações das relativas quanto a função sintática da posição relativizada aqui colocadas se dão conforme Tarallo (1983). Neste trabalho foram encontradas relativização de outras funções, o que será discutido posteriormente.

- (06) a. O rapaz [que Ø falou sobre você] acabou de sair. (SU)
 b. Comprei as botas [que vi Ø no comercial da loja]. (OD)
 c. O órgão [a que mandei a carta Ø] responderá em breve. (OI)
 d. O sapato [de que você gostou Ø] está na promoção. (OBL)
 e. Aquele livro [cujas páginas Ø estão rasgadas] já foi meu. (G)

Com base em dados obtidos do estudo da relativização em cerca de cinquenta línguas, Keenan e Comrie (1977) chegaram à observação de que as posições do NP que podem ser relativizadas são variáveis e não aleatórias. Os autores, então, propõem uma cadeia a qual denominam de Hierarquia da Acessibilidade (*Accessibility Hierarchy*) organizada da seguinte maneira.

Hierarquia da Acessibilidade (HA)

SU > OD > OI > OBL > GEN > Objeto de Comparação (KEENAN; COMRIE, 1977, p. 66, adaptado)

As posições à esquerda da cadeia são mais acessíveis, ou seja, mais fáceis de relativizar, do que as posições à direita. Dessa forma, uma língua que relativiza a posição de sujeito pode relativizar qualquer outra posição, contudo uma língua que não é capaz, por exemplo, de relativizar a posição de objeto indireto também é incapaz de relativizar a posição de genitivo. A HA proposta pelos autores faz com que sejam possíveis uma série de restrições, estando entre essas as predições de que toda língua pode relativizar a posição de sujeito, a de que uma língua deve ter uma estratégia primária na formação das relativas, a de que essa estratégia primária pode deixar de ser realizada em qualquer ponto da HA e a de que se a estratégia primária de uma dada língua pode ser aplicada a uma posição mais baixa na HA, a mesma estratégia pode se aplicar em todas as posições mais altas.⁹⁹

As relativas podem ser classificadas também quanto a *estratégia de relativização*. Em um dos clássicos estudos sobre relativização, Tarallo (1983) menciona a existência de três tipos de estratégias de relativização no português brasileiro: (7a) relativa com lacuna, (7b) relativa com pronome lembrete e (7c) relativa cortadora.

⁹⁹ Cf. Keenan e Comrie (1977, 1979).

- (7) a. Tem as que (e) não estão nem aí, não é? (TARALLO, 2018[1993], p. 67)
- b. Você acredita que um dia teve uma mulher que ela queria que a gente entrevistasse ela pelo interfone? (TARALLO, 2018[1993], p. 67);
- c. E uma pessoa que essas besteiras que a gente fica se preocupando (com) (e), ela não fica esquentando a cabeça. (TARALLO, 2018[1993], p. 68).

A sentença (7a) foi rotulada por Tarallo (1983) como *relativa com lacuna* por apresentar uma lacuna na relativa na posição original do termo que foi relativizado e que, portanto, não é realizado. Esse tipo de estratégia, como sinaliza Ribeiro (2009) é também conhecida por *relativa padrão* ou *relativa convencional*.

No caso da sentença (7b) pode-se observar a ausência da lacuna. A posição em que ela ocorreria é preenchida por uma forma pronominal (*ela*) que faz correferência ao termo relativizado (*uma mulher*), ou, nas palavras de Tarallo (2018[1993], p. 67), “a posição da lacuna é preenchida por uma forma pronominal correferente com o sintagma nominal cabeça da relativa”. Justamente por ter um item lexical que ocupa a lacuna, essa estratégia é denominada *relativa com pronome lembrete*, ou também de *resumtiva*. Essa forma, é importante ressaltar, não é descrita nas gramáticas normativas e, mesmo que seja efetiva e frequentemente realizada no PB, ainda é alvo de estigma (BASSO, 2019).

Antes de tecer algumas considerações sobre a sentença em (c), é necessário falar sobre a relativa *pied-piping*¹⁰⁰. Esse tipo de relativa também possui lacuna, entretanto é específica das posições que, obrigatoriamente, devem ser preposicionadas, como em:

- (7) d. E um deles foi esse fulano aí, com quem eu nunca tive aula (e). (e= ‘empty’) (TARALLO, 2018[1993], p. 68)¹⁰¹.

Esse tipo de relativa é também prescrito pela norma padrão. Como se pode observar, o pronome relativo *quem* é precedido pela preposição *com* visto que o sintagma relativizado, cuja posição não é preenchida, trata-se de um sintagma preposicional. Em (7c) entretanto, o sintagma relativizado também está ausente, mas, ao contrário da sentença (7d), a preposição que deveria

¹⁰⁰ *Preposicional pied piping* é uma estratégia observada nas relativas cuja posição relativizada é um sintagma preposicional (PP). Nessa estratégia, a preposição se realiza como regente do pronome relativo na periferia da sentença. A relativa *pied-piping* é uma estratégia padrão.

¹⁰¹ Essa sentença foi criada por Tarallo (2018[1993]) para exemplificar uma *pied-piping*. O exemplo foi criado a partir de uma sentença relativa com pronome lembrete, uma vez que, segundo o autor, *pied-piping* não ocorreu nos dados de 1981. O dado original seria “E um deles foi esse fulano aí, que eu nunca tive aula com ele”.

anteceder o pronome relativo está ausente. Esse tipo de estratégia, muito comum no PB, toma a alcunha de *relativa cortadora*.

Embora não seja reconhecida como estratégia de relativização pela norma padrão, a cortadora não é restrita ao PB. De acordo com Ribeiro (2009), a relativa cortadora é bastante produtiva nos dialetos do PB, relegando à *pied-piping* a característica de ser um recurso adquirido via ensino formal. Além disso, a autora, se referindo ao estudo de Guasti e Cardinaletti (2003), menciona que “também no francês e no italiano a estratégia *pied-piping* está mais restrita à fala formal e à escrita, caracterizando-se com um artefato prescritivo, que emerge como resultado de ensino explícito durante a escolarização” (RIBEIRO, 2009, p. 194). Lessa de Oliveira (2008) levanta, inclusive, a hipótese de haver uma dificuldade inerente à operação *pied-piping* que culmina na aquisição tardia desse tipo de relativa e Kenedy (2007, 2008) apresenta a ideia de que essa estratégia padrão é adquirida a partir do contato do falante com a modalidade escrita da língua mediante os processos de letramentos.

As classificações das relativas descritas podem ser sintetizadas no seguinte quadro resumo.

Quadro 4 - Classificações das orações relativas

| Aspecto | Classificações | | Exemplos |
|---|---------------------------------|---|--|
| Tipos | Restritivas | | A pessoa [<i>que</i> Ø ligou mais cedo] deixou recado. |
| | Não restritivas (ou apositivas) | | Ana, [<i>que</i> Ø ligou mais cedo], deixou recado. |
| Presença do termo antecedente ao conectivo relativo | Com antecedente | | Você comprou os <u>livros</u> [<i>que</i> pedi Ø]? |
| | Livres | | Você comprou [<i>os que</i> pedi Ø]? |
| Função sintática da posição relativizada | Sujeito | | A pessoa [<i>que</i> Ø ligou mais cedo] deixou recado. |
| | Objeto direto | | Você comprou os livros [<i>que</i> pedi Ø]? |
| | Objeto indireto | | A pessoa [a <i>que</i> enviei a encomenda Ø] a recebeu. |
| | Objeto oblíquo | | A escola [<i>onde</i> estudo] é muito longe. |
| | | | Os dados [<i>de que</i> preciso Ø] são bastante raros. |
| | Genitivo | | As pessoas [<i>cujo</i> objetivo Ø é fazer o bem] vivem em paz. |
| Estratégias de relativização | Padrão | | Os dados [<i>de que</i> preciso Ø] são bastante raros. |
| | Não padrão | Cortadoras | Os dados [<i>que</i> preciso Ø] são bastante raros. |
| | | Resumptivas (copiadoras, com pronome lembrete) | Os dados [<i>que</i> preciso deles] são bastante raros. |

Fonte: Elaborado pela autora.

6.3 AS PRINCIPAIS NARRATIVAS: HISTÓRIAS CONTADAS SOBRE AS RELATIVAS NO PORTUGUÊS BRASILEIRO

6.3.1 A história contada por Tarallo (1983, 1993)

Os estudos sobre as mudanças linguísticas, sob perspectivas de teorias linguísticas várias, procurou – e ainda procura – descrever, analisar e interpretar o comportamento de diversos fenômenos linguísticos. No caso dos estudos sobre fenômenos sintáticos do Português Brasileiro, as cláusulas relativas foram destaque de muitos trabalhos nesse âmbito diacrônico, principalmente no que se refere à incessante busca pela observação de fenômenos que caracterizariam uma emergente gramática brasileira, distanciando a língua portuguesa falada no Brasil daquela falada do outro lado do oceano, em Portugal.

É no trabalho de Tarallo (1983) que, ao tratar das profundas mudanças sintáticas por que passou o PB em relação ao PE, primeiro as sentenças relativas ganham fundamental destaque. Figueiredo Silva (2019, p. 285) chega a pontuar que esse se trata de um ponto de partida obrigatório para qualquer estudo sobre as relativas no PB por duas razões: a primeira, por se tratar de um excelente trabalho sobre as relativas no terreno da teoria paramétrica e, a segunda, por conter uma forte hipótese sobre o que faz emergir a atual gramática do PB.

A já clássica tese de Fernando Tarallo analisou as estratégias de relativização em competição no PB na variedade falada no perímetro urbano de São Paulo. Os resultados da investigação apontaram a existência de três tipos de estratégias de relativização. A primeira, a qual ele se refere como *variante com lacuna*, é, ao menos superficialmente, idêntica às sentenças relativas encontradas na variedade escrita padrão. Tal tipo é caracterizado por apresentar uma lacuna na posição original do SN relativizado (cf. (7a)) e só ocorre nas posições de sujeito e de objeto direto. A segunda estratégia de relativização foi denominada por Tarallo, em seu trabalho, como *estratégia do pronome resumptivo*. Nela, ao contrário da primeira, a posição da lacuna é preenchida por uma forma pronominal em correferência com o SN núcleo da relativa, podendo ocorrer em toda a escala sintática (cf. (7b)). A última estratégia indicada por Tarallo foi denominada pelo autor como *relativa cortadora*. Aplicando-se somente às posições mais baixas da escala sintática, ou seja, às posições de objeto indireto, de objeto oblíquo e de genitivo, essa estratégia também envolve lacuna, porém a preposição regente encontra-se ausente (cf. (7c)). Para essas posições, segundo Tarallo, a gramática padrão recomenda o uso da relativa *pied-piping* (cf. (7d)) a qual, entretanto, não ocorre na língua vernácula, aparecendo na língua escrita padrão.

Para Tarallo (1983), no PB falado, a relativização envolve a regra de apagamento do sintagma *WH in situ*, enquanto as estratégias padrão, em uso na variedade padrão escrita do PB, envolvem o movimento desse sintagma. Dessa forma, o autor argumenta, na análise da relativa vernácula, a favor da hipótese de que as lacunas derivam do apagamento do pronome resumptivo da relativa, enquanto, as estratégias padrão ocorrem conforme os postulados de Chomsky (1977).

É com base nos dados obtidos a partir da análise diacrônica de cartas, diários e peças teatrais cujos escritores são brasileiros que Tarallo afirma que a gramática brasileira emerge do final do século XIX para o início do século XX, mostrando claras diferenças estruturais em relação à gramática lusa. Ao investigar estratégias de relativização no PB justificada por ser uma das quatro grandes mudanças estruturais que diferenciam a gramática do PB da gramática do PE, o autor esboça o quadro abaixo, apresentando a frequência de uso para três estratégias de relativização em quatro períodos.

Quadro 5: Percentagem de uso de *piedpiping*, pronome lembrete e relativa cortadora através do tempo

| | I | II | III | IV |
|--------------------------|------|------|------|------|
| Circa | 1725 | 1775 | 1825 | 1880 |
| <i>Piedpiping</i> | 99 | 89 | 73 | 69 |
| % | 89,2 | 88,1 | 91,3 | 35,4 |
| Pronome lembrete | 1 | 8 | 1 | 9 |
| % | 9,9 | 7,9 | 1,3 | 5,1 |
| Cortadora | 1 | 4 | 6 | 106 |
| % | 0,9 | 4,0 | 7,5 | 59,5 |

Fonte: Tarallo (2018[1993])

Uma análise do quadro permite afirmar que no tempo IV, 1880, há um enorme pulo percentual no emprego da estratégia cortadora, considerada inovadora no PB, que salta dos 7,5% no tempo III para 59,5% no tempo IV. Já o emprego da relativa *pied-piping* decresce e passa de 91,3% no tempo III (percentual estável em relação aos 89,2% e 88,1% nos tempos I e II, respectivamente) a 35,4% no tempo IV. Ou seja: “por volta de 1880, a relativa cortadora já havia iniciado seu papel sintático no sistema: competir contra a estratégia do pronome lembrete em substituição à relativa *piedpiping*” (TARALLO, 2018[1993]).

Nos dados do *corpus* sincrônico, datado de 1981, Tarallo encontra apenas 21 casos de *pied-piping*, os quais considera poucos se comparados aos 49 dados de pronome lembrete nas posições mais baixas (objeto indireto, oblíquo e genitivo) e aos 254 dados de relativa cortadora.

A análise que Tarallo sugere, enfim, conforme já apontado neste texto, é a de que no PB há dois processos em competição: movimento e apagamento. Esses dois tipos de relativa, por sua vez, mantiveram o paradigma da relativa padrão *vs* com pronome lembrete e, posteriormente, deram início a um segundo paradigma, *pied-piping vs* cortadora. Dessa forma, nas variedades dialetais do PB, há variação entre as relativas padrão (com lacuna e *pied-piping*) e as relativas não padrão (com pronome lembrete e cortadora).

6.3.2 A história das relativas recontada por Kato (1993) e reanalisadas por Kato e Nunes (2009, 2014)

Após retomar e analisar os postulados dos estudos de Tarallo (1983, 1985), Kato (1993) propõe uma análise das relativas copiadora e cortadora a fim de tentar diagnosticar, ao discutir essas questões, o que efetivamente está mudando no PB.

Dessa forma, dentre os objetivos sobre os quais a análise da autora versa, estão (a) a revisão da análise categorial de COMP, postulando ser o *que* um pronome relativo extraído de uma posição não canônica em todas as três estratégias de relativização, (b) a proposta que a posição da variável presa a esse pronome relativo é de LD (*Left Dislocation*) gerada na base, (c) o tratamento do pronome resumptivo como correferente à variável em LD, (d) a proposta de que a estratégia cortadora é resultado de uma regra de elipse, conforme intuído por Tarallo, e (e) a do contexto que propicia a reanálise causadora do aumento substantivo da relativa cortadora (KATO, 1993).

A autora propõe que o processo das três estratégias de relativização é sintaticamente igual, sempre existindo a ligação do operador relativo-Q com uma posição vazia *v* – variável – na sentença. Dessa forma, consoante sua proposta, o que diferencia as estratégias padrão das não padrão não é a natureza categorial de COMP, se pronome relativo ou se complementizador, mas sim a posição da variável.

Essa reinterpretação da autora permite que ela proponha que a relativização se dá a partir da posição de LD, não da posição de Objeto, de Sujeito ou de Adjunto, uma vez que a LD é uma posição gerada na base e pode ser coindexada com qualquer posição no interior da sentença, atravessando barreiras e, inclusive, podendo ser coindexada mesmo com posições

dentro de ilhas. Logo, a LD é a posição com maior leque de possibilidades de relativização oferecidas às línguas e a menos exigente em termos de custo derivacional.

Outro ponto de discussão revisto por Kato (1993) diz respeito ao processo de elipse ocorrida nos casos de PP que dá origem às relativas cortadoras. Para Tarallo (1983) e para Cohen (1986), a estratégia cortadora é proveniente do apagamento da preposição após a relativização (da copiadora com pronome nulo, para Tarallo, e depois do movimento-Q, para Cohen). Já para Kato, a proposta é a de que, embora ocorra o processo de elipse, a cortadora não deriva da relativa com pronome nulo seguido da elipse da preposição, conforme supunha Tarallo, e sim de uma lacuna única no lugar do PP.

Tal análise das relativas de Kato (1993) para o PB passou por uma reinterpretação de Kato e Nunes (2009, 2014) nos termos da proposta de alçamento de Kayne (2004). De acordo com essa reinterpretação, ao passo que Tarallo propunha que a estratégia padrão é derivada via movimento enquanto as estratégias não padrão são construções sem movimento, os autores argumentam que os três tipos de estratégias de relativização envolvem movimento sintático. Além disso, assumem, ainda concordando com Kato (1993), que a relativização se dá a partir de LD, entretanto, como em Kayne (2004), os autores argumentam que esse constituinte relativizador gerado em posição de LD não envolve exclusivamente um pronome relativo, “(...)mas um determinante relativo que tem seu complemento NP alçado (...)” (KATO; NUNES, 2014, p. 583).

6.3.3 Sob um outro viés: os estudos das relativas de Ribeiro (2009) e de Ribeiro e Figueiredo (2009)

Ribeiro (2009), em estudo sincrônico, também dedicou atenção às cláusulas relativas no PB. Sob um outro viés, a autora visitou a sintaxe das relativas a partir da análise de dados de fala documentados nos *corpora* de informantes pertencentes a comunidades rurais afro-brasileiras isoladas. O estudo descritivo buscou contemplar algumas questões como: (a) analisar como se dá a realização das estratégias de relativização, ao encaixamento e às funções sintáticas dos marcadores de relativas nesse corpus, com o intuito de analisar os dados obtidos em relação aos estudos de Keenan e Comrie (1977, 1979) acerca das restrições universais para a formação das relativas; (b) o comportamento das *cortadoras* e *resumptivas* no *corpus* elencado, buscando responder se essas duas estratégias podem ser considerados indícios de transmissão linguística irregular; (c) se as estratégias em uso se assemelham ou se diferenciam das observadas na

aquisição de outras língua L1; (d) se os informantes do *corpus* em análise realizam estratégias semelhantes aos tipos de estratégias atestados em crioulos de base portuguesa (e quais são elas); (e) responder se os tipos de marcadores de relativa utilizados pelos informantes indicam perda ou reanálise morfológica, uma vez que é sempre observado, em processos de transmissão linguística irregular, tal perda/reanálise da morfologia.

Dentre os resultados obtidos pela autora, encontrou-se uma maior quantidade de relativas com foco no sujeito, isto é, quando a posição sintática do sujeito é relativizada. Tal resultado corrobora com outros estudos (como os de ROMAINÉ, 1988; GUASTI; CARDINALETTI, 2003, citados pela autora) no quais são atestados que essa estratégia é a mais recorrente nas línguas humanas, principalmente na fase de aquisição da linguagem.

Quanto ao encaixamento das relativas, ou seja, a função sintática a qual a cláusula relativa está subordinada, a estratégia mais frequente encontrada foi a da sentença relativa encaixada a um constituinte nominal que opera na função de objeto do verbo. Esse resultado corrobora com outros (como os de ROMAINÉ, 1988; RIBEIRO; FIGUEIREDO, 2006) cujos resultados apontam para uma maior tendência nas línguas humanas à realização da relativa encaixada na posição de objeto do que na posição de sujeito.

Quanto ao uso das estratégias de relativização, a autora não observou o uso da *pied-piping* nas amostras de fala utilizadas. Todos os casos em que a função relativizada deveria ser preposicionada, a estratégia ocorrida foi a cortadora. Embora comente que a *pied-piping* tem se tornado rara no PB em geral dando lugar (conforme os estudos sobre as estratégias de relativização apontam), a autora cita que o uso da cortadora não é uma particularidade da vertente brasileira do português. Os estudos de Alexandre (2000) e de Arim, Ramilo e Freitas (2004), sobre o português europeu culto contemporâneo, por exemplo, apontam para a tendência à variação no uso da *pied-piping* e da cortadora. No que se refere a estratégia *resumptiva*, foram poucos os casos atestados. A autora comenta que esse resultado chamou atenção por essa ser uma estratégia bastante atestada nos dados de diferentes línguas. No entanto, segundo a autora, vários estudos sobre as relativas no PB atestaram a quase ausência de resumptivas no PB e também nos estudos do PE contemporâneo.

O ponto central da análise defendida no trabalho de Ribeiro (2009) é justamente definir as características lexicais do morfema que introduzia as sentenças relativas (se pronome relativo ou se complementador). Os resultados levam a autora a considerar que no *corpus* em estudo somente há a forma *que* como complementador para todos os tipos de relativas com antecedente, enquanto são utilizados pronomes relativos nas relativas livres. Tais resultados

endossam a hipótese defendida no trabalho de que houve uma reanálise morfológica e estrutural do introdutor das relativas no processo de transmissão linguística irregular.

Entre as reflexões realizadas pela autora duas valem ser ressaltadas: a de que o complementador *que* nas variedades africanas e afrodescendentes (salientando que a análise esboçada nesse trabalho não deve ser vista como um proposta geral para a gramática dos africanos e afrodescendentes que aprenderam o português no Brasil) serviu para introduzir qualquer tipo de subordinada, sendo assim um complementador e que, sendo um complementador, e as relativas *pied-piping* requererem o uso de um pronome relativo, no *corpus* foram encontradas apenas relativas cortadoras.

Para concluir, a partir das análises realizadas, Ribeiro argumenta contra a hipótese da deriva, uma vez que as estratégias *pied-piping* e cortadora podem estar ausentes ou presentes nas línguas humanas, como têm demonstrado os estudos de Keenan e Comrie (1977, 1979), que os processos que subjazem às estratégias de relativização não são sempre os mesmos e que os usos de tipos de relativas, como a *pied-piping*, são gramaticais na fala rural do PE e agramaticais na fala do PB rural. Segundo a autora, no processo de aquisição das relativas no PB pelos africanos e seus descendentes houve um processo de reanálise dos pronomes como formas específicas de relativas livres, enquanto o complementador *que* se generaliza para as formas de relativa com antecedente (o fato não é observado no PE). Ribeiro finaliza atestando que não há evidências diretas para a hipótese da criouliização prévia, já que é considerado que as diferentes estratégias de relativização estão presentes numa língua crioula, e esta é uma língua humana como outra qualquer.

Recuando até o século XIX, o estudo de Ribeiro e Figueiredo (2009) analisou a sintaxe das relativas num *corpus* constituído por 53 atas escritos por seis africanos entre os anos de 1832 e de 1842. O referido trabalho apresentou uma descrição das relativas computadas – 104 dados coletados – procurando responder a questões como: (a) quais os tipos de relativas atestados no *corpus* e quanto a existência de diferenças entre seus usos no PB e no PE contemporâneos que apontem para o fato de os africanos terem aprendido o português como segunda língua (L2); (b) quais os tipos de estratégia de relativização realizadas por esses informantes africanos, bem como o comportamento das cortadoras e das relativas com pronome lebrete, evidenciando se esses dois tipos de estratégias já apresentam evidências para a mudança linguística do PB contemporâneo em relação à preferência das cortadoras; e (c) o que os dados levantados revelam em relação às restrições universais, já comentadas anteriormente, segundo os estudos de Keenan & Comrie (1977, 1979).

Os resultados apontaram que há, no *corpus*, uso de relativas restritivas e não restritivas, sendo as relativas restritivas quantitativamente superior. É importante ressaltar o adendo da autora de que, quando há ocorrência de duas relativas encadeadas, a ordem de realização observada nos dados é a mesma observada no PB e nas línguas em geral – ocorrência da restritiva seguida da não restritiva. Foram levantados também dados de relativas livres e de relativas reduzidas, i. e., relativas realizadas com formas nominais de gerúndio ou de particípio, com valores restritivos e explicativos, conforme os exemplos:

- (8) a. o Progetto- Empreço ***Ferindo o milin dre da Sociedade*** damesma Devocaõ (MSR em 23 de fevereiro de 1834). (RIBEIRO; FIGUEIREDO, 2009, p. 214)
- b. na meza extraordinaria marcada para a noite do dia 8 de Outubro: (LTG em 04 de outubro de 1835). (RIBEIRO; FIGUEIREDO, 2009, p. 214)

Quanto aos tipos de estratégias encontrados nas atas, especificamente em relação ao comportamento da estratégia *pied-piping* e cortadora, a expectativa das autoras era a de encontrar pouco uso da relativa *pied-piping* no *corpus*, visto que os dados se situavam entre os dois últimos períodos da pesquisa de Tarallo (1993) – períodos em que o uso de *pied-piping* decresce e o uso da cortadora tem aumento significativo – e também pelos informantes obterem um pequeno nível de letramento. Entretanto as expectativas não foram alcançadas: das 17 cláusulas relativas levantadas no corpus, apenas em 01 a preposição não era realizada, caracterizando-a como uma cortadora:

- (9) Ficando aespera da conta da 4a. Loteria ***que ficou responsavel o ex The zoureiro Manoel daConceição*** (LTG em 04 de outubro de 1835) (RIBEIRO; FIGUEIREDO, 2009, p. 221)

As autoras pontuam, acerca desse resultado, que não se pode estabelecer uma relação direta entre dados de fala e escrita, entretanto é nos dada a possibilidade de imaginar que os dados de fala poderiam ou deveriam apresentar um uso mais amplo das estratégias que atualmente figuram a realidade do PB contemporâneo, com o favorecimento das cortadoras. A preferência pela *pied-piping* nos dados das atas indicam um conhecimento pelos informantes sobre o valor formal e social de tais construções. Não foram encontrados nas atas dados de relativas com pronome lembrete.

Em geral, os resultados obtidos pelas autoras, apesar do pequeno número de dados, não se distanciam dos resultados de estudos sobre as estratégias de relativização usadas nas línguas em geral e no português contemporâneo. Entre as observações das autoras são destacadas, nesse trabalho, as seguintes: (a) todas as posições podem ser relativizadas; (b) a ausência de relativa lembrete; (c) a predominância das relativas *pied-piping* em relação às cortadoras; (d) a preferência pela relativização de sujeito e de objeto e (e) a não divergência, exceto em termos quantitativos, das estratégias realizadas nas atas e no PB das observadas no PE.

7 AS RELATIVAS NO TESTAMENTO DE VIDAL DE NEGREIROS (SÉCULO XVII): UMA DESCRIÇÃO PARA ESTUDOS POSTERIORES

7.1 OS TIPOS DE SENTENÇAS RELATIVAS

No *corpus* em questão, foram levantadas 153 ocorrências de cláusulas relativas. Entre esse número, 117 ocorrências foram classificadas como Relativas Restritivas, 24 ocorrências foram classificadas como Relativas Apositivas e 12 ocorrências foram classificadas como Relativas Livres - respectivamente correspondendo, em termos percentuais, a 75,8%, 16,3% e 7,9%, conforme pode-se observar no seguinte quadro.

Quadro 6: Número de ocorrências de relativas Restritivas, Apositivas e Livres, e suas respectivas porcentagens, levantadas no *corpus*

| | Nº de ocorrências | % |
|--------------------|-------------------|-------|
| Restritivas | 116/153 | 75,8% |
| Apositivas | 25/153 | 16,3% |
| Livres | 12/153 | 7,9% |

Fonte: elaborado pela autora

7.1.1 Restritivas e Apositivas

Após o levantamento das sentenças relativas e suas respectivas classificações, foi encontrado um número quantitativamente superior de relativas restritivas: 75,8% das cláusulas foram Restritivas contra 16,3% de cláusulas Apositivas.

São exemplos de Sentenças Relativas Restritivas e Apositivas em (10) e (11), respectivamente:

- (10) a. [...] estando em meu perfeito iuizo Eentendimento **que deos medeu com todos los sinco sentidos** [...] (f. 1r, l. 12-13)
- b. [...] cunprindose entudo as do asoñis **que teñho feito antes | deste testamento** Eainstituiosaõ Edoacaõ que teñho feito amiñha | capela invocasaõ nossa senhora do desterro sita nos meos cu | [...] (f. 1r, l. 31-33)
- c. [...] asi mais teñho as terras decaresse **que** conprei aos arauios **donde** tte|ho humas seRarias com escravos ebois nesenarios **para** serrarem cai|xoñis elavrarem mantimentos pera meneio dos engenhos .| [...] (f. 2r, l. 90-92)
- d. declaro **que** teñho mais hum molinote da invocasaõ nosa senhora da| conseisaõ nafregizia degoianna iunto aoRio decapibaribe o=**coal tiñha aRendado ao sargento maior fransisco camelo val|caser** [...] (fol. 3v, l. 177-180)
- e. [...] etodos os dormitorios **que forem nesenarios**| **para** os saserdotes **que** la onde asestir [...] (fol. 4r, l. 213-214)
- f. [...] hefilho de ines barroza peçoa| **que era naquele tenpo cazada com gaspar nunes** [...] (fol. 4v, l. 235-236)
- (11) a.[...] Easi mais| as terras decaresse **que** conprei aos arauios **donde teñho humasse|rrarias elavouras deRosas com todas as pesas deescravos bois E| carros;** [...] (fol. 2v, l. 124-127)
- b. [...] oengenho novo de santo Antõnio deagua [*sito*] na| capitania daparaiba **que conprei ao capitão duarte gomes da [*silv*]eira| aReto abertto** ocoal deixo **para** pagar minhas dividas [...] (fol. 3r-3v, l.164-166)
- c. declaro que teñho encaza huma mulatiñha por nome violante **acoal| forrei** Eia lhe teñho pasado sua carta de alforria [...] (fol. 4r, l. 205-206)
- d. [...] asiadesaõ pedro dosul **em que estou em car|tado** [...] (fol. 5v, l. 322-323)

Quanto ao pronome relativo que introduzem os dados em estudo, pode-se observar a seguinte distribuição:

Quadro 7: Pronomes relativos introdutores das relativas Restritivas e Apositivas

| | RESTRITIVAS | APOSITIVAS | TOTAL |
|-----------------|--------------------|-------------------|--------------|
| QUE | 92 | 10 | 102 |
| P + QUE | 08 | 02 | 10 |
| O QUAL | 08 | 08 | 16 |
| P + QUEM | 03 | 01 | 04 |
| ONDE | 06 | 04 | 10 |
| QUANTO | 02 | - | 02 |

Fonte: elaborado pela autora.

O morfema *que* foi o que mais introduziu as sentenças em estudo, obtendo 112 ocorrências, das quais 10 são antecedidas por preposições. Em termos quantitativos, mas ainda em número bem menor ao introdutor *que*, houve a ocorrência de *o qual* e suas variações de gênero e número (16 dados). Não houve ocorrência desse introdutor antecedido por quaisquer preposições. Embora tenha ocorrido apenas 04 ocorrências do pronome relativo *quem*, observou-se que todas elas foram antecedidas por preposição¹⁰²:

- (12) a. [...] Eos Resebeo| seu marido **com quem oprovedor eirmaños dasanta caza acaza|raõ.**|| (fol. 5v, l.310-312)
- b. [...] [*E*]em sua auzensia ao prove| dor dasanta caz a damizericordia delisboa **aquem pesso eRogo|** pelo amor dedeos queiraõ aseitar serem meos testamenteiros| [...] (f. 1v, l.45-47)

¹⁰² Mais adiante, quando será analisada as estratégias de relativização e as relativas preposicionadas, essas sentenças serão retomadas.

c. [...] fis contas com o escrivão etizoureiro dasanta caza de mize|ricordia davila deolinda **aqueu odito pedro gomes [velho] dei|xou seos beñis** [...] (fol. 5r, l. 296-298)

d. declaro *que* avendo algumas peçoas ou peçoas decoalquer estadio ou com|disaõ *que* seia **aqueu eudeixo alguma deixa manda ou esmola** [...] (fol. 5r, l. 288-289)

Igualmente é importante analisar duas ocorrências específicas do morfema *que* nas quais esse pronome sucede o vocábulo *o* – analisado como pronome demonstrativo. Ambos os casos são antecidos pelo quantificador universal *tudo*:

(13) a. [...] confirmo tudo **oque nas ditas escreturas teñho posto** [...] (fol. 1v, l. 39)

b. [...] Easalvo apagarme tudo **oque adita santa caza| d amizericordia tiver Resebido demim** [...] (fol. 5v, l. 304-305)

Ressalta-se também a ocorrência do marcador relativo *quanto* encontrado nas sentenças abaixo:

(14) a. declaro *que* teñho pago tudo **coanto** devia ase b [ilegível]uñes| [...] (fol. 4r, l. 231)

b. [...] edesde logo lhe tiro tudo **coanto** lhe| deixar Emeos testamentos odaram asi a execuçaõ.| [...] (fol. 5r, l. 292-293)

A presença dessas duas sentenças é bastante importante para os resultados desse trabalho. Lessa de Oliveira (2008, p. 26), em nota de rodapé, ao expor os pronomes relativos que podem introduzir relativas livres, comenta que no PE também pode ocorrer a forma *quanto*. Ribeiro (2009, p. 190) não encontrou o emprego desse pronome relativo, mesmo atestando contextos para sua realização e comenta que em outras variedades dialetais do PB pode ocorrer o referido pronome. O estudo de Ribeiro e Figueiredo (2009) também não atestou a presença desse relativo no *corpus*. A presença do relativo *quanto* em contextos nos quais, normalmente, no PB, é substituído pela forma *que* é um dado que merece atenção.

7.1.2 Livres

Foram totalizados 12 casos de sentenças relativas livres, que, conforme foi visto no Quadro 4, correspondeu a 7,9% das cláusulas relativas. Como em outros trabalhos, a exemplo dos estudos de Ribeiro e Figueiredo (2009), Ribeiro (2009) e de Macarenhas (2012) – com dados da primeira metade do século XIX e com dados do século XX, respectivamente – não foram as relativas livres o tipo mais encontrado¹⁰³.

As relativas livres foram encontradas com três funções sintáticas sendo relativizadas: 9 ocorrências com a função de SU (15a-i), e apenas 2 ocorrências com a função de OD (16a/b).

- (15) a. [...] meos testamenteiros oaRendaram ou faraõ **oque lhe| pareser melhor** · com tanto que sepagem as miñhas dividas eRes|tituisõnis para descargo dañinha alma.|| (fol. 3v, l.174-176)
- b. [...] pagando **oque me couber dos gastos della** [...] (fol. 4v, l. 262)
- c. [...] como **oque mais faltar** man|dando tomar contas [...] (fol. 4v, l. 263-264)
- d. [...] tomar contas primeiro **aquem corrrer com hum curral de| gado vacuum que** lhedeixei asenhora [...] (fol. 4v, l.264-265)
- e. [...] aos coaes Eacadahum insolido dou todo opoder **que** endireito posso| efor nesesario para demeos beñis tomarem euenderem **oque nesse|sario for para meu enterramento ecunprimento demeos legados| Epaga demñhasdiuidas.**|| (f. 1v, l. 48-51)
- f. [...] para saber **que Rende|** Eo que falta [...] (fol. 4v-5r, l. 266-267)
- g. [...] para saber **que Rende| Eo que falta** [...] (fol. 4v-5r, l. 266-267)
- h. [...] Eomais se aiusta|ra aconta com odito senhor para pagar **quem dever.**|| (fol. 5r, l. 281-282)
- i. sendo cazo **que** depois depagar miñhas dividas aia **quem mepesa algumde|lito** [...] (fol. 5r. l. 283-284)
- (16) a. [...] Eoque eles **iulgarem sefaça eseia de ma=|neira que** fique amiñha alma descarregada [...] (fol. 5r, l. 285-286)

¹⁰³ Com exceção do estudo de Ribeiro e Figueiredo (2009), no qual o número de relativas livres foi maior do que o de relativas apositivas (19% e 17,3% , respectivamente) e considerando que as autoras também classificaram as orações relativas em finitas e reduzidas, o percentual das relativas livres encontrado em Ribeiro (2009) e Mascarenhas (2012) foi menor do que o percentual das relativas restritivas e apositivas, respectivamente.

b. [...] ou for contra **oque determino**| **neste meu testamento** [...] (fol. 5r, l.290-291)

Uma vez que as relativas livres não possuem um termo antecedente ao qual a cláusula se encaixa, é importante observar quais são as formas pronominais que introduzem esse tipo de relativas. Tais introdutores são distribuídos nos dados coletados apenas em **o que** (7 ocorrências), **quem** (3 ocorrências) e **que** (1 ocorrência). Entretanto algumas considerações sobre esses resultados - analisando as relativas livres que esses morfemas introduzem, assim como seu contexto frasal - devem ser realizadas consoante as observações feitas por Lessa de Oliveira (2008) (cf. seção 10.2) sobre as características de uma relativa livre.

A primeira consideração diz respeito à ocorrência do morfema **que**. De acordo com a autora, as relativas livres nunca são encabeçadas por esse morfema. Então, por que considerá-lo nesses resultados?

Analisemos novamente o contexto da sentença (3f).

“[...] para saber **que Rende**| Eo que falta [...]” (fol. 4v-5r, l. 266-267)

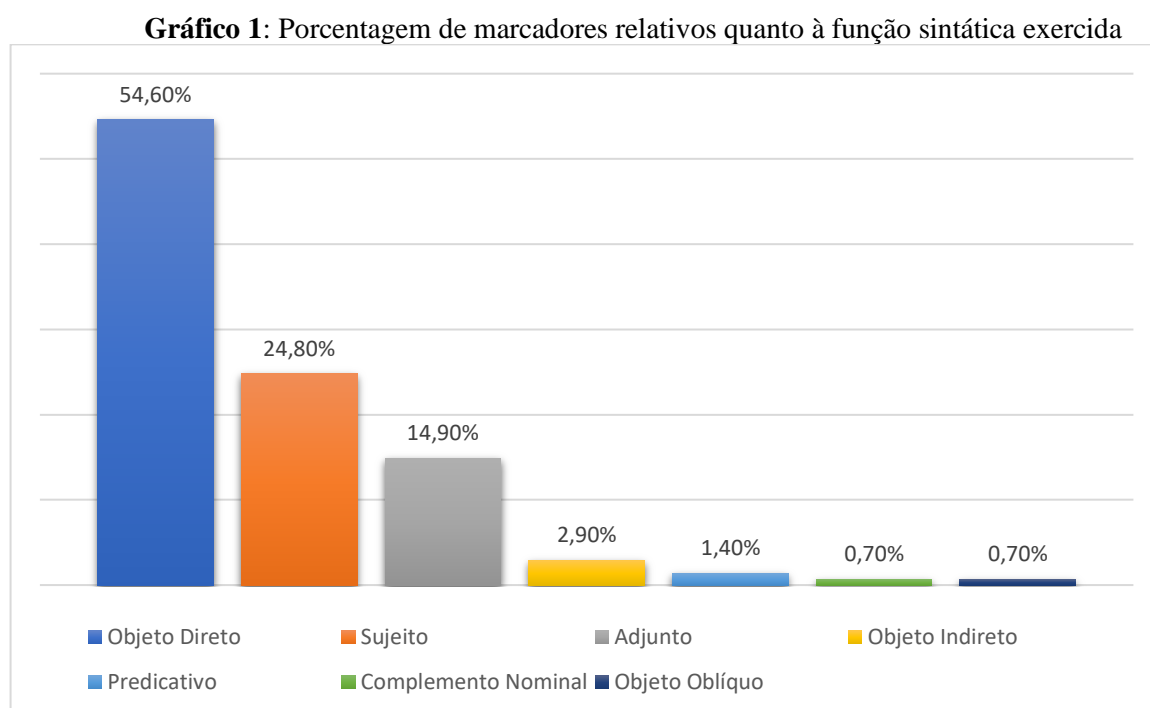
O verbo *saber*, que nesse contexto apresenta complementos sem a presença de preposição lhes encabeçando, rege os sintagmas *que Rende* e *o que falta*. É possível observar que ocorre a zeugma do verbo regente *saber* após a conjunção aditiva, justamente pelo fato de ambos os sintagmas serem regidos pelo menos verbo. Observa-se, porém, a presença de dois morfemas distintos: *que* e *o que*, sabendo que este último se trata de um morfema exclusivo das relativas livres (LESSA DE OLIVEIRA, 2008, p. 26). Assim, considerando o paralelismo sintático, é provável que houve uma falha do escrevente ao omitir o vocábulo *o* da primeira ocorrência, levando a classificar o dado como uma relativa livre. Entretanto, comprometendo-se com a transparência da transcrição realizada, resolveu-se também considerar a ocorrência da maneira como está grafada, logo o dado não aponta qualquer discrepância em relação ao fato de as relativas livres nunca serem encabeçadas pelo morfema *que*.

Outra observação diz respeito à sentença em (15d). A sentença é introduzida pelo morfema *quem* que, por sua vez, é antecedido pela preposição *a*. Essa preposição não faz parte da sentença relativa, mas sim é exigida no domínio da oração matriz em que a relativa se encaixa. Dessa forma o dado corrobora com a caracterização de que nunca ocorre uma preposição antes do morfema introdutor da relativa, mesmo que a estratégia em questão seja a *pied-piping*, a menos que essa preposição faça parte da oração matriz (LESSA DE OLIVEIRA,

2008, p. 26), conforme o que acontece nesse exemplo: a preposição aparece por ser requerida pelo verbo *tomar* da oração matriz.

7.1.3 Função sintática do marcador relativo

Os marcadores relativos observados nas sentenças levantadas corresponderam a sete funções sintáticas, sendo elas Sujeito, Objeto Direto, Objeto Indireto, Objeto Oblíquo, Predicativo, Complemento Nominal e Adjunto Adverbial, conforme tem sido demonstrado por pesquisadores a possibilidade de o PB relativizar grande parte das funções sintáticas existentes. No *corpus* elencado observa-se a seguinte hierarquia quanto posição sintática relativizada ilustrada no gráfico abaixo:



Fonte: Elaborado pela autora.

Diferentemente do que observamos, por exemplo, na HA de Keenan e Comrie (1977), na qual a posição mais acessível é a de Sujeito seguida da posição de Objeto Direto, os resultados apontam para o maior número de marcadores relativos na função de Objeto Direto seguidos da função de Sujeito. Entretanto, as duas opções mais acessíveis – e mais realizadas no *corpus* – não sofreram mudança, obtendo 54,6% dos dados (77 ocorrências) e 24,8% (35

ocorrências) respectivamente. O fato de haverem sido atestadas mais ocorrências da relativização da posição de objeto direto talvez se deva à natureza do documento: o teor do testamento, de declarar os bens de um indivíduo (e ele mesmo escrever o referido documento) assim como para quem os deixa após seu óbito, tende a apresentar elevada quantidade de verbos de transitividade direta, sendo assim necessária a presença dos seus respectivos complementos, os quais podem figurar ou fazer parte de uma estrutura que, por ventura, seja relativizada. Conforme o cenário apresentado, podemos constatar nas passagens a seguir o uso de marcadores relativos com as funções de Objeto Direto (17) e de Sujeito (18).

- (17) a. [...] pelos bons servi[c]os **que** teñho Resebido della alem do negro Rodri|gosapateiro **que lhedei** coando acazei.|| (fol. 4r, l.226-227)
- b. [...] consta por hum escrito **que mepasou por duas vias odito ieroñi|mo deoliveira cardozo** **que** teñho em meu poder. [...] (fol. 5r, l. 279-280)
- c. [...] Eiuntamente ofrete daminha sumaca **que mandou abahia ane|gosios seos** [...] (fol. 5r, l. 277-278)
- (18) a. [...] para gado **que** conprei com o engenho novo desanto Antoñio degoianna**que|pertense acapella.**|| (fol. 2v, l. 115-116)
- b. [...] deixo namaõ demeos testamenteiros| **os coaes pagaram tudo inviolavelmente com grande cuidado pa|ra dizencargo da minha alma** [...] (fol. 3v, l. 168-170)
- c. [...] etodos os dormitorios **que forem nesesarios| para os saserdotes que la onde adestir** [...] (fol. 4r, l. 213-214)

Consoante os autores, de acordo com os quais as posições mais baixas são a de objeto indireto, de objeto oblíquo e de genitivo, nessa ordem, foi possível observar que os resultados atestaram a mesma ordem hierárquica, uma vez que foram encontrados mais casos de marcadores com a função de objeto indireto, cuja porcentagem foi de 2,9% (04 ocorrências), seguidos de 0,7% (01 ocorrência) de marcadores com a função de objeto oblíquo. Não foram encontradas ocorrências de Genitivo. As sentenças nas quais ocorrem as funções de Objeto Indireto e de Objeto Oblíquo podem ser observadas em (19) e (20):

- (19) a. [...] [E]em sua auzensia ao prove| dor dasanta caz a damizericordia delisboa **aquem pesso eRogo| pelo amor dedeos queiraõ aseitar serem meos testamenteiros|** [...] (f. 1v, l.45-47)
- b. [...] queiraõ aseitar serem meos testamenteiros| **aos coaes Eacadahum insolido dou todo opoder que endireito posso|** [...] (f. 1v, l. 47-48)
- c. declaro *que* avendo algumas peçoas ou peçoa decoalquer estadio ou com|disaõ *que* seja **aquem eudeixo alguma deixa manda ou esmola** [...] (fol. 5r, l. 288-289)
- d. [...] fis contas com o escrevaõ etizoureiro dasanta caza de mize|ricordia davila deolinda **aquem odito pedro gomes [velho] dei|xou seos beñis** [...] (fol. 5r, l. 296-298)
- (20) [...] Eos Resebeo| seu marido **com quem oprovedor eirmaños dasanta caza acaza|raõ.**|| (fol. 5v, l.310-312)

A divergência desta pesquisa, por sua vez, diz respeito à identificação de 14,9% (21 ocorrências) de marcadores relativos com a função de Adjunto, de 1,4% (02 ocorrências) com a função de Predicativo e de 0,7% (01 ocorrência) com a função de Complemento Nominal – funções ausentes na HA desenhada por Keenan e Comrie (1977). Nos exemplos subsequentes, ilustram-se algumas ocorrências de Relativas de Adjunto (21) e as ocorrências de Predicativo (22) e de Complemento Nominal (23).

- (21) a. [...] iunto aoseu asude **enque esta hum curral degado com seos escravos|** dei ao padre Manoel vidal denegreiros para seu patrimônio.|| (fol. 2v, l.109-110)
- b. Easi mais as terras de manganguape *que* conprei aReito abertto aocapitaõ| duarte gomes dasilveira **donde teñho huma seRaria com pesas bois| para meneio dos ditos engenhos doados acapella.**|| (fol. 3r, l. 134-136)
- c. [...] oadmenistrador dadita| capella Reparta oRendimento delle naforma **enque o ordeno| na escritura da instituisaõ dacapella.**|| (fol. 4r, l.202-204)

- (22) a. [...]E cappitaõ geral **que fui dos | Reinos de Angolla E do estado do maranhão**
[...] (f. 1r, l. 9-10)

b. ttenho mais huma data deterras dedes legoas encoadra no Rio daparaiba| dada pelo conde deatogia Eoutras datas mais **que partem com ellas que me| deu ocappitão Mor que foi dacapitania daparaiba Luis nuñes decarvalho** .|| (fol. 2v, l. 111-113)

- (23) [...]como as demais **deque metem feito merce epromesa** [...] (fol. 5v, l. 323)

No que diz respeito aos marcadores relativos que introduzem cada tipo de sentença conforme a posição relativizada, distribuiu-se na Tabela 1 a quantificação de cada um desses marcadores relacionando-os à função sintática em que operam:

Tabela 1: Função sintática do marcador relativo

| FUNÇÃO SINTÁTICA DO MARCADOR RELATIVO | | | | | | | | |
|---------------------------------------|-----------|-----------|-----------|-----------|-----------|-----------|-----------|------------|
| TIPOS DE MARCADOR RELATIVO | SU | OD | OI | OBL | PS | ADJ | CN | TOTAL |
| Que | 30 | 65 | - | - | 02 | 02 | - | 99 |
| P + Que | - | - | | - | - | 09 | 01 | 10 |
| P + Quem | - | - | 03 | 01 | - | - | - | 04 |
| O coal | 05 | 10 | - | - | - | - | - | 15 |
| P + O coal | - | - | 01 | - | - | - | - | 01 |
| Donde | - | - | - | - | - | 10 | - | 10 |
| Coanto | - | 02 | - | - | - | - | - | 02 |
| TOTAL | 35 | 77 | 04 | 01 | 02 | 21 | 01 | 141 |

Fonte: Elaborado pela autora

Levando em conta as informações organizadas da Tabela acima, constata-se que o marcador relativo mais utilizado é o *que*, predominantemente exercendo as funções de Sujeito e de Objeto Direto. É interessante observar que o morfema *quem* não ocorre nas posições mais acessíveis, sendo todas as ocorrências acompanhadas pelas preposições e em um número bem

menos expressivo em relação aos números do relativo *que*. Nota-se, ainda, a presença do relativo *donde*, todos concentrados na função de Adjunto e do relativo *coanto*, ocorrido na função de OD. Na próxima seção, nas quais serão tratadas e discutidas as estratégias de relativização encontradas no *corpus*, a discussão sobre a ocorrência de alguns desses relativos será retomada com maiores detalhes.

8 ESTRATÉGIAS DE RELATIVIZAÇÃO

Embora tenham sido levantadas, no total, 153 sentenças relativas, a maior parte desses números se trata do emprego de estratégias de relativização padrão. Grande parcela dessa constatação deve-se à quantidade de registros de cláusulas cujas funções relativizadas são as de Sujeito e de Objeto Direto, que, juntas, alcançam um total de 110 ocorrências padrão. Além disso, nas posições mais baixas, também são predominantes tais estratégias. Para melhor visualização, tem-se a seguinte tabela.

Tabela 2: Estratégias de relativização padrão e não padrão em relação às funções sintáticas relativizadas

| ESTRATÉGIAS | SU | OD | OI | OBL | PS | ADJ | CN | TOTAL |
|-------------------|-----------|-----------|-----------|-----------|-----------|-----------|-----------|------------|
| Padrão | 45 | 77 | 04 | 01 | 02 | 20 | 01 | 150 |
| Não padrão | - | 02 | - | - | - | 01 | - | 03 |
| TOTAL | 45 | 79 | 04 | 01 | 02 | 21 | 01 | 153 |

Fonte: Elaborada pela autora.

Analisar-se-ão, na sequência, as três sentenças relativas cuja estratégia empregada são as não padrão.

8.1 As estratégias de relativização padrão vs não-padrão no *corpus*

São apenas três as sentenças relativas de estratégia não padrão identificadas no *corpus*. Duas delas cuja função relativizada é a de Objeto Direto e apenas uma cuja função relativizada

é a de Adjunto. Pontuou-se anteriormente (cf. subseção 10.2) que as estratégias não padrão podem ocorrer nas formas *resumptivas* e cortadoras. Os casos de *resumptivas*, por exemplo, são os transcritos abaixo.

- (24) a. deixo duzentos milReis Emcada hum anno amathias vidal de| negreiros emcoanto for vivo os coaes lhe deixo pelo amor de deos| epor seaver criado em miñha caza **os coaes duzentos milReis| pagaram meos testamenteiros do Rendimento do dito molino| te nosa senhora daconseisaõ.**|| (fol. 3v, l.189-193)
- b. [...] toñepara ssi duzentos milReis encada hum anno encoan|tto elle viver· do Rendimento do dito molinote da invocasaõ| nossa senhora daconseisaõ **os coaes duzentos milReis alem=|doseu trabalho lhos dou pelo amor dedeos pelo aver criado em=|miñha caza · [...]** (fol. 3v-4r, l.196-200)

O primeiro aspecto que pode ser observado é que ambas as *resumptivas* acima são introduzidas pelo mesmo marcador, *os coaes*, pronome relativo que se refere, em (24a) e (24b), ao sintagma *duzentos milReis*.

No caso da sentença em (24a), o sintagma relativizado que deveria ser apagado na sentença encaixada, deixando uma lacuna, é novamente realizado lexicalmente, caracterizando assim uma relativa *resumptiva* (também chamada de copiadora). A cópia ocupa a posição exatamente após o pronome relativo e imediatamente anterior ao verbo. O mesmo ocorre na sentença em (24b), entretanto ainda temos a presença do clítico *os* (contraído ao pronome *lhe* – que se refere ao padre Manoel Vidal de Negreiros), um pronome *resumptivo* cujo referente é o mesmo sintagma. A hipótese levantada para a ocorrência dessas *resumptivas* no corpus é a da distância, no dado período, do termo ao qual a relativa se refere. No caso de (24a), além de haver entre o termo relativizado e o pronome relativo a presença de uma locução adverbial, de um objeto indireto e de adjunto adverbial oracional, há ainda a presença de uma outra relativa (*os coaes lhe deixo pelo amor de deos| epor seaver criado em miñha caza*). Em (24b) outros termos também se colocam entre o termo relativizado e o introdutor da relativa.

Antes de explicitar a única ocorrência relativa cortadora no *corpus*, convém analisar os números das relativas *pied-piping*, que ocorreram nas posições de Objeto Indireto, de Objeto Oblíquo, de Adjunto e de Complemento Nominal.

Tabela 3: Número de ocorrências da relativiza *pied-piping* por função sintática relativizada

| FUNÇÃO RELATIVIZADA (PIED PIPING) | Nº DE OCORRÊNCIAS |
|-----------------------------------|-------------------|
| OI | 04 |
| OBL | 01 |
| ADJ | 09 |
| CN | 01 |
| TOTAL | 15 |

Fonte: Elaborado pela autora.

No total, em se tratando da estratégia *pied-piping*, foram levantadas 15 ocorrências. Exemplifica-se nos itens seguintes exemplos de *pied-piping* cuja função relativizada é a de Objeto Indireto (25), de Objeto Oblíquo (26), de Adjunto (27) e de Complemento Nominal (28).

(25) [...] fis contas com o escrivão etizoureiro dasanta caza de mize|ricordia davila deolinda **aquem odito pedro gomes [velho] dei|xou seos beñis** [...] (fol. 5r, l. 296-298)

(26) [...] Eos Resebeo| seu marido **com quem oprovedor eirmaños dasanta caza acaza|raõ.**|| (fol. 5v, l.310-312)

(27) [...]como as demais **deque metem feito merce epromesa** [...] (fol. 5v, l. 323)

(28) [...] iunto aoseu asude **enque esta hum curral degado com seos escravos**| dei ao padre Manoel vidal denegreiros para seu patrimônio.|| (fol. 2v, l.109-110)

Em todas as sentenças *pied-piping* de Objeto Indireto, a preposição requerida e realizada é a preposição *a*, sendo que em uma sentença o introdutor da relativa é *os coaes* e nas demais é o introdutor *quem*, este que, por sua vez, aparecerá também em (26) antecedido pela preposição *com*, exigida pelo verbo da oração relativa encaixada, na única ocorrência de relativa de Objeto

Oblíquo. Em (27) transcreve-se a única ocorrência de Completiva Nominal, padrão, cujo relativo *que* é antecedido pela preposição *de*.

Nos casos das pied piping de Adjunto, em todas as ocorrências, assim como ilustrado em (28), utilizaram a preposição **em**. A maior parte delas ocorreu em substituição ao relativo *donde* nos casos em que as sentenças possuíam funções locativas. Quanto às relativas pied piping de Adjunto foram encontradas: seis com função de locativa, uma com a função de meio, uma com a função temporal e uma com função modal. Ilustra-se cada uma dessas funções nos itens (29a-d) respectivamente.

(29) a. [...] asi mais teñho huma sorte deterra nailha detiriri **enque teñho| huma Rede com hum mulato Ecoatro ousinco pesas de escravos**|| (f. 2r, l. 93-94)

b. [...] para levar nasua nao **enque foi para Angolla** [...] (fol. 5r, l. 275)

c. [...] os sinco sentidos Epor conheser ainserteza davida Enaõ saber agora **em= |que deos nosso senhor sera servido chamar me** ordeno meu testamentto | [...] (f. 1r, l. 13-14)

d. [...] oadmenistrador dadita| capella Reparta oRendimento delle naforma **enque o ordeno| na escritura da instituisão dacapella.**|| (fol. 4r, l. 202-204)

A estratégia cortadora encontrada (30) foi realizada na posição sintática de Adjunto com função de tempo/duração.

(30) [...]Enovesentas aonRa dos nove me|zes **que** avirgem Santissima trouxe oseu bem dito filho em seu sagra|do ventre.|| (f. 2r, l. 73-75)

Pode-se observar que a oração encaixada apresenta dois adjuntos adverbiais: o locativo “em seu sagrado ventre” e o de tempo/duração. Este último, por sua vez, não é realizado

lexicalmente na relativa a partir do momento em que é a posição relativizada, havendo, no entanto o corte da preposição que deveria anteceder o introdutor relativo *que*.

O *corpus* aqui apresentado e estudado, vale lembrar, trata-se de um documento escrito no Brasil datado do século XVII. Nesse período, ainda não é possível atestar a existência do português *do* Brasil, mas investiga-se como se dava o português *no* Brasil para uma reconstrução da história social e linguística do português brasileiro. Os estudos de Tarallo, já supracitados, revelaram a estratégia cortadora como uma inovação no PB que começará a florescer aos fins da segunda metade do século XIX. O dado de uma cortadora em corpus seiscentista, como fica aqui atestado, aponta que essa estrutura já existia na gramática do português.

Alguns estudos já apontavam para a existência de cortadoras no português europeu, como, por exemplo, o estudo diacrônico de Silva (2011) que atestou a também existência de relativas cortadoras em *corpora* seiscentista. A pesquisadora utilizou em sua pesquisa as cartas do Padre Antônio Vieira que fazem parte do *Corpus Anotado do Português Histórico – Tycho Brahe*. O resultado da distribuição de relativas de posições preposicionadas apontou a existência de 28 sentenças cortadoras de um total de 379 dados levantados, comprovando que a existência dessa estrutura data de muito antes do que afirmam determinados estudiosos.

Em um outro trabalho, cujo *corpus* eram documentos escritos em aljamia portuguesa datados do século XVI, Silva (2012) encontrou 10 dados de sentenças relativas preposicionadas, porém 04 dessas 10 construções eram cortadoras. Recuando mais um pouco, Barreto (1996) também apresenta um dado de relativa cortadora na *Demanda do Santo Graal*, texto do século XIII traduzido do francês cuja versão conhecida data do século XV, no qual a função relativizada também é a de Adjunto Adverbial. Um fato curioso é o de que em todas essas ocorrências aqui reladas, assim como o dado encontrado neste trabalho, a cortadora ocorre em uma construção cuja função relativizada é a de Adjunto Adverbial com função de tempo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS: E PROCURAMOS FAZER UM BOM USO DOS DADOS DISPONÍVEIS...

O objetivo de contribuir com os estudos linguísticos para (re)construir a história do Português Brasileiro nos trouxe até o testamento de André Vidal de Negreiros, figura historicamente relevante no período colonial devido aos seus feitos políticos, não sem antes traçarmos o caminho que uniu o princípio – a motivação - e o fim – as conclusões sobre o estudo do documento. Através do *corpus* selecionado chegamos à discussão central e tema da presente pesquisa: a reunião do escrito de Vidal de Negreiros testamentando as suas posses, visando coletar as cláusulas de sintaxes relativas para análise e descrição do fenômeno no PB.

Partindo da sintaxe, pudemos atender às três agendas de pesquisa propostas pelo PHPB e incorporada pelo CE-DOHS, as quais incluem, além da contribuição introduzida nas primeiras linhas dessas considerações, os estudos de mudanças linguísticas e a constituição dos corpora diacrônicos produzidos no Brasil seiscentista. Valendo-nos da edição semidiplomática para investigação das sentenças relativas do documento, tecemos considerações acerca das diferenças dialetais entre o PE e o PB e pudemos verificar, por exemplo, a influência do sistema pronominal incorporado no PB pela população estrangeira na gramática brasileira, que, consoante Tarallo (1983), é determinante para compreender certos aspectos estruturais no nosso dialeto.

Os resultados demonstraram, ainda, que vestígios de relativas não-padrão, como as relativas cortadoras e as relativas *resumptivas*, podem ser encontrar em textos escritos durante o Brasil Colonial.

REFERÊNCIAS

- ACIOLI, Vera Lúcia Costa. *A escritura no Brasil Colônia: um guia para leitura de documentos manuscritos*. Recife: FUNDAJ Editora Massangana; UFPE, Editora Universitária, 1994.
- BANZA, Ana Paula. Sobre o uso do texto escrito em Linguística Histórica: mitos antigos e práticas modernas. *Letras*, Revista do Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria-Rio Grande do Sul, V. 30, n. 60, jan./jul. 2020, p. 33-50. Disponível em: <http://hdl.handle.net/10174/28240>.
- BARRETO, Therezinha. Estruturas relativas. In: MATTOS E SILVA, Rosa Virgínia (Org.). *A carta de Caminha: testemunho linguístico de 1500*. Salvador: Edufba, 1996.
- BASSO, Renato M. *Descrição do português brasileiro*. São Paulo: Parábola, 2019.
- CAMBRAIA, César Nardelli. *Introdução à Crítica Textual*. São Paulo: Martins Fontes, 2005.
- CARDOSO, Lara da Silva. *A gramática dos pronomes clíticos no Brasil Colônia: o português clássico na história do português brasileiro*. 2020. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos) – Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos, Universidade Estadual de Feira de Santana, Feira de Santana, 2020.
- CARDOSO, Lara da Silva; CARNEIRO, Zenaide de Oliveira Novais; LACERDA, Mariana Fagundes de Oliveira. Para um estudo da formação do português brasileiro: descrição, representatividade e potencialidades do corpus colonial do CE-DOHS. *LaborHistórico*, Rio de Janeiro, v. 7, n. Especial, p. 330-355, 2021.
- CARNEIRO, Emília dos Santos. *Documentos da família Vieira Ravasco (XVII-XVIII): edição diplomática e descrição da concordância verbal*. 2022. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos) – Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos, Universidade Estadual de Feira de Santana, Feira de Santana, 2022.
- CARNEIRO, Z. de O. N.; LACERDA, M. F. de O. Corpus eletrônico de Documentos Históricos do Sertão: etapa 1 (1750-2000). *Revista Binacional Brasil-Argentina: Diálogo entre as ciências*, [S. l.], v. 8, n. 1, p. 205-221, 2019. DOI: 10.22481/rbba.v8i1.5588. Disponível em: <https://periodicos2.uesb.br/index.php/rbba/article/view/5588>. Acesso em: 14 nov. 2021.
- CAMBRAIA, César Nardelli. *Introdução à crítica textual*. São Paulo: Martins Fontes, 2005.
- CASTILHO, Ataliba T. de (Coord.). *História do português brasileiro: corpus diacrônico do português brasileiro*. São Paulo: Contexto, 2019.
- CASTRO, I. Filologia (verbete). In: *Biblos*. Enciclopédia VERBO das Literaturas de Língua Portuguesa. vol. 2, Lisboa: Verbo, 1995. p. 602-610.
- COHEN, Maria Antonieta. (1986) *Syntactic change in Portuguese: relative clauses and the position of the adjective in the Noun Phrase*. Tese de Doutorado. Instituto de Estudos da Linguagem da UNICAMP, Campinas.

CONDE SILVESTRE, Juan Camilo. Problemas y principios. In: CONDE SILVESTRE, Juan Camilo. *Sociolingüística histórica*. Madrid, Gredos, 2007, p. 19-40.

CUNHA, Celso; CINTRA, Lindley. *Nova gramática do português contemporâneo*. Rio de Janeiro: Lexikon, 2017.

FARACO, C. A. *História do português*. São Paulo: Parábola, 2019.

FARACO, C. A. *História sociopolítica da língua portuguesa*. São Paulo: Parábola, 2016.

KEENAN, Edward L.; COMRIE, Bernard. (1977). Noun phrase accessibility and universal grammar. *Language*, v. 8, n. 1, p. 63-99.

KEENAN, Edward L.; COMRIE, Bernard. (1979). Data on the noun phrase accessibility hierarchy. *Language*, v. 55, n. 2, p. 333-351

KENEDY, E.; OTHERO, G. A. *Para conhecer sintaxe*. São Paulo: Contexto, 2018.

LESSA DE OLIVEIRA, Adriana Stella Cardoso. *As sentenças relativas em português brasileiro: aspectos sintáticos e fatos de aquisição*. 2008. 197p. Tese (doutorado) - Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Estudos da Linguagem, Campinas, SP. Disponível em: <https://hdl.handle.net/20.500.12733/1606926>. Acesso em: 01 mar. 2023.

LIMA, R. *Gramática normativa da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: José Olympio, 2011.

LOBO, Tânia Conceição Freire. Arquivos, acervos e a reconstrução histórica do português brasileiro. In: OLIVEIRA, Klebson; CUNHA E SOUZA, Hirão F.; SOLEDADE, Juliana. (org.). *Do português arcaico ao português brasileiro: outras histórias*. Salvador: EDUFBA, 2009.

LOSE, Alícia Duhá. Edições de Documentos Históricos: a quem interessam? A quem se destinam. *Revista da ABRALIN*, 2017, p. 71-86.

LOSE, Alícia Duhá; SOUZA, Arivaldo Sacramento de. Para uma filologia na pesquisa em linguística histórica. *Letras*, Santa Maria, v. 30, n. 60, p. 11-31, jan./jun. 2020.

MAIA, Clarinda. Linguística Histórica e Filologia. In: LOBO, T. et al. (Org.). *Rosae: linguística histórica, história das línguas e outras histórias*. Salvador: Edufba, 2012, p. 533 – 542. Disponível em: <https://repositorio.ufba.br/ri/handle/ri/16749>.

MATTOS E SILVA, R. V. *Caminhos da Linguística Histórica: ouvir o inaudível*. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

MATTOS E SILVA, R. V. *Ensaio para uma sócio-história do português brasileiro*. São Paulo: Parábola Editorial, 2004.

MATTOS E SILVA, R. V. Para a história do português culto e popular brasileiro: sugestões para uma pauta de pesquisa. *Cadernos de Letras da UFF*, Rio de Janeiro, v.1, n. 34, p. 11-30, 2008.

PESSOA, Ângelo Emílio da Silva. Vidal de Negreiros: um homem do Atlântico no século XVII. In: OLIVEIRA, Carla Mary S.; MENEZES, Mozart Vergetti de; GONÇALVES, Regina Célia. *Ensaio sobre a América Portuguesa*. João Pessoa: Universitária, 2009, p. 53-67.

PETRUCCI, Armando. *La ciencia de la escritura*: Primera lección de paleografía. Buenos Aires: Fondo de Cultura Económica de Argentina, 2003.

PINTO, Luiz. *Vidal de Negreiros*: afirmação e grandeza de uma raça. São Paulo: Ed. Alba, 1960.

RAMINELLI, Ronald. Matias Vidal de Negreiros: mulato entre a norma reinol e as práticas ultramarinas. *Varia hist.*, [online], Belo Horizonte, v.32, n.60, p. 699-730, 2016.

RIBEIRO, I. As sentenças relativas. In: LUCCHESI, D. (Org.) *O português afro-brasileiro*. Salvador: EDUFBA, 2009. p. 185-208.

RIBEIRO, I.; FIGUEIREDO, C. Relativas. In LOBO, T., and OLIVEIRA, K., orgs. *África à vista*: dez estudos sobre o português escrito por africanos no Brasil do século XIX [online]. Salvador: EDUFBA, 2009

SANTIAGO, H. *et al.* CE-DOHS: um banco de dados sociolinguísticos para a história do português brasileiro. *LaborHistórico*, Rio de Janeiro, v. 7, n. Especial, p. 311-329, 2021.

SANTOS, C. S. *Relativas cortadoras no português europeu falado*: interação com as variáveis sociais. Dissertação (Mestrado em Ciências da Linguagem) – Instituto de Letras e Ciências Humanas, Universidade do Minho. Braga, 50p. 2014.

SILVA, Bianca Graziela Souza Gomes. O papel das TDs em cartas na caracterização do sistema de relativização do PE nos séculos XVII e XVIII. *LaborHistórico*, Rio de Janeiro, v. 5, n. Especial 1, p. 64-82, 2019.

FIGUEIREDO, SILVA, M. C. Uma história das relativas do português brasileiro. In: GALVES, C.; KATO, M.; ROBERTS, I. (Orgs.). *Português brasileiro*: uma segunda viagem diacrônica. Campinas: Editora da UNICAMP, p. 283-312, 2019.

TARALLO, Fernando. Diagnosticando uma gramática brasileira: o português d'aquém e d'além-mar ao final do século XIX. In: ROBERTS, I.; KATO, M. (Orgs.). *Português brasileiro*: uma viagem diacrônica. Campinas: Editora da UNICAMP, 2018[1993].

TARALLO, Fernando. *Relativization strategies in Brazilian Portuguese*. Tese (Doutorado) – University of Pennsylvania, Philadelphia, 1983.